

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Dissertação

**AS PESSOAS DOS LIVROS E OS LIVROS DAS PESSOAS:
Uma etnografia sobre a produção e circulação de obras LGBTs**

NATHANAEL ARAUJO DA SILVA

**Seropédica, RJ
Março de 2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**AS PESSOAS DOS LIVROS E OS LIVROS DAS PESSOAS:
Uma etnografia sobre a produção e circulação de obras LGBTs**

NATHANAEL ARAUJO DA SILVA

Sob a Orientação da Professora
Patrícia Reinheimer

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Ciências Sociais,
no Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica, RJ
Março de 2016

Silva, Nathanael Araujo da, 1991-

As pessoas dos livros e os livros das pessoas: uma etnografia sobre a produção e circulação de obras LGBTs / Nathanael Araujo da Silva - 2016.

142 f.: il.

Orientador: Patrícia Reinheimer.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Bibliografia: f. 137-142.

305.56

S586p

T

1. Minorias - Teses. 2. Minorias sexuais - Livros e leitura - Teses. 3. Livros e leitura - Teses. 4. Editores e edição - Teses. 5. Etnologia - Teses. 6. Arte e antropologia - Teses. I. Reinheimer, Patrícia, 1967-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

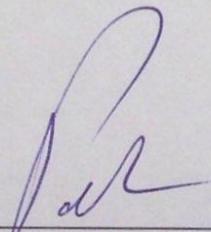
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO TRÊS RIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NATHANAEL ARAUJO DA SILVA

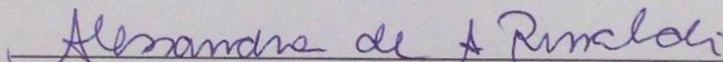
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais** ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM:

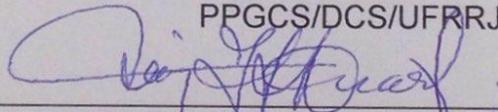
Banca examinadora:



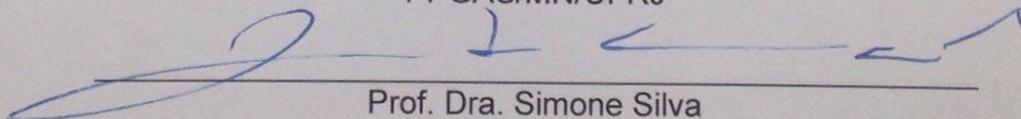
Prof. Dra. Patricia Reinheimer (Orientadora)
PPGCS/DCS/UFRRJ



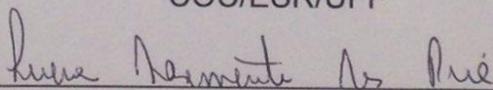
Prof. Dra. Alessandra de Andrade Rinaldi (Coorientadora)
PPGCS/DCS/UFRRJ



Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte
PPGAS/MN/UFRRJ



Prof. Dra. Simone Silva
COC/ESR/UFF



Prof. Dra. Luena Nascimento Nunes Pereira
PPGCS/DCS/UFRRJ

DEDICATÓRIA

À Maria de Lourdes, minha avó, meu universo de constelações.

À Andrea Luisa, minha mãe, pelo aprendizado cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer a estrutura” – ele repetia e abria a mão branquíssima ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seu gesto impreciso, porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância (TELLES, 2010).

Em outro de seus contos que tanto admiro, Lygia Fagundes Teles (2007) sentenciou: “Sonhos são como espuma, quase nada”. Movido por esta certeza, as linhas que se seguem visam agradecer por escrito àqueles que me estimulam a dar corpo, voz, vida aos sonhos, auxiliando-me na concretude das estruturas ou espumas de minhas bolhas de sabão. Sei tratar-se de uma tarefa impossível em sua totalidade, mas me cabe o desafio de tentar chegar o mais perto.

A escrita e defesa desta dissertação não seria imaginável sem minha entrada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes, onde cursei a graduação em Ciências Sociais. Agradeço a todos, mas em especial a Andréa Lúcia da Silva de Paiva, Simone Silva e Carlos Eugênio Soares de Lemos, este último meu orientador de monografia. Sem esta tríade, jamais teria vislumbrado o mestrado e a carreira acadêmica como uma possibilidade.

Ao longo dos dois últimos anos o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS/UFRRJ) tornou-se casa e lhe sou muito grato. Alessandra de Andrade Rinaldi, Ana Paula Alves Ribeiro, André Videira de Figueiredo, Carly Machado, Edson Miagusko, Eliska Altman, Flavia Braga Vieira, Luena Nascimento Nunes Pereira, Mani Tebet, Marcelo Maciel, Marco Antonio Perruso, Miriam Santos, Naara Lúcia de Albuquerque Luna, Patricia Reinheimer, Sabrina Marques Parracho Sant'Anna e Silvia Fernandes foram professores excepcionais que me acolheram de maneira crucial nesta nova fase de minha formação. Deixo

aqui meu muito obrigado pela disponibilidade ao diálogo, as inúmeras trocas de aprendizado.

Quis o destino que Patricia Reinheimer aceitasse a aventura de me orientar. A ela guardo meu mais profundo agradecimento. Diversas foram as vezes em que invadi sua sala angustiado após retornar do trabalho de campo. Pacientemente, Patricia suspendia seus outros afazeres e começava a me ouvir, passando depois a dialogar e, por fim, a compartilhar comigo a feitura de sua própria pesquisa – me ensinando que as agruras da investigação científica não eram frutos de um estágio inicial de formação, mas uma constante no ofício. Assim fomos nos conhecendo, traçando e trançando muito mais do que “fios invisíveis num tecido de sentimentos”.

Alessandra de Andrade Rinaldi aceitou a empreitada de me coorientar. Seus direcionamentos, sempre muito precisos, trouxeram segurança em diversos momentos. A incitação para que eu me jogasse no trabalho de campo diluíram um de meus maiores medos: o de não conseguir produzir uma etnografia. Certa vez, ao ler em meu rosto o pavor das incertezas, pontuou: “Calma, a gente enlouquece juntos!”. Guardarei sempre comigo suas palavras e esta disposição à cumplicidade.

Alegria maior não há do que ter minha dissertação avaliada por três antropólogos com distintas trajetórias e de diferentes gerações cujos trabalhos tanto me estimulam: Luiz Fernando Dias Duarte, Simone Silva e Luena Nascimento Nunes Pereira. Espero que este reencontro na banca de defesa final possa ser ainda mais repleto de aprendizados do que foi o exame de qualificação.

Sabrina Parracho Sant’Anna e Maria Elvira Díaz-Benítez aceitaram de imediato fazerem parte deste momento. Embora na condição de suplentes, ambas jamais ocuparão lugar secundário em minha formação. Sabrina me acompanha desde o processo seletivo de ingresso no mestrado. Não apenas na disciplina que cursei, mas também nos diversos momentos em que nos encontramos, sempre acabamos por perder a noção da hora conversando sobre meu trabalho. Maria Elvira me aceitou como aluno ouvinte em duas disciplinas que ministrou no Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Social (PPGAS/MN/UFRJ), tendo também me convidado para integrar o Núcleo de Estudos em Sexo, Gênero e Sexualidade (NuSex). Nossas “conversas interessadas e orientadas” me levaram a fazer parte deste instigante grupo. Graças a este convívio, hoje carrego menos certezas do que quando comecei, mas também menos medos e muito mais prazer!

Agradeço, então, aos meus colegas de Nussex pela convivência: Barbara Pires, Camila Fernandes, Carol Maia, Carolina Catellitti, Fátima Lima, Felipe Magaldi, Lucas Freire, Michel Carvalho, Nathalia Gonçalves. Everton Rangel, Lorena Mochel e Vinicius Mauricio-Lima me deram mais do que poderia esperar: uma interlocução contínua somada a altas doses de risadas e conforto.

Não posso deixar de mencionar também alguns de meus colegas de turma no mestrado com quem convivi de modo mais intenso: Allyson Lemos, Ana Paula Campos, Carol Quintana, Dylan Oliveira, Fabiana Raslan, Jacqueline Lobo, Jânio de Oliveira, Nathalia de Paula, Nivia Melo, Palmira Silva, Pedro Cruz, Rafael Clemente, Ricardo Caetano e Thiago Paiva.

Edson Miagusko, Flavia Braga Vieira, Martinho Tota e Renata Menezes debateram partes diversas do projeto e do material de campo em diferentes eventos nos quais pude participar. Cada um trouxe indagações, dicas, contatos e até bons “puxões de orelha” que muito contribuíram para as reflexões aqui presentes.

A vida tem me permitido desfrutar da companhia de leais amigos. Dotados de coragem de gostar de mim “apesar de”, venho recebendo muito mais do que sou capaz de retribuir e mesmo de expressar em palavras, embora tente cada vez mais. Andréa Paixão, Aucilene Freitas, Carol Nascimento, Julia Guimarães, Lívia Salgado, Pedro Azevedo, Priscila Riscado, Rafael França, Mariana Pereira e Karine Pessoa, em prática de revezamento, conseguem ler, minimamente entender, aguentar e respeitar tanto o que lhes digo em silêncio quanto os eternos momentos nos quais, ao falar, sou monotemático e revelo minha empolgação inesgotável para discorrer sobre prosa, poesia e teoria. Meu agradecimento se estende às famílias de cada um deles, pelo aconchego.

Angleson, Daniel, Rafael, Rodrigo, Wellton e Douglas me receberam durante as diferentes etapas do processo seletivo nas quais tive de vir a Seropédica. Afonso, Ana, Ayalla, David, Francisco, Gilsonley, Jacqueline, Jânio, Matheus, Nara, Sheila, Talita e Ricardo (incluindo, aí, “seu” Lúcio e “tia” Edith) pela partilha do dia-a-dia em variados níveis, períodos e residências.

Aos meus pais, porto sedimentado em águas nem tão tranquilas que, talvez por isso, me incitam aos desbravios do mundo.

Esse trabalho não seria possível sem todos que compuseram o universo da pesquisa. A eles sou enormemente grato pela caminhada em parceria.

Por fim, mas não menos importante, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que tornou este percurso possível.

[...] Pertencço àquela parcela da humanidade – uma minoria em escala planetária, mas, creio, uma maioria neste salão – que passa a maior parte de suas horas úteis num mundo muito especial, um mundo feito de linhas horizontais, onde palavras seguem palavras, uma de cada vez, e cada frase e cada parágrafo ocupa seu lugar estipulado, um mundo talvez muito rico, ainda mais rico do que o não-escrito, mas que, de qualquer forma, requer um ajuste especial, a fim de que possamos nos enquadrar nele. [...]

Enquanto espero que o mundo não-escrito se torne mais claro, sempre há uma página escrita aberta diante de mim, onde posso voltar a mergulhar: faço-o sem demora e com a maior satisfação, porque ali, pelo menos, mesmo que só compreenda uma pequena parte do todo, posso alimentar a ilusão de que mantenho tudo sob controle.

Acho que também me sentia assim na juventude, mas àquela época minha ilusão era de que os mundos escrito e não-escrito se esclareceriam mutuamente; as experiências de vida e as experiências literárias seriam complementares, e se progredisse num campo, progrediria no outro. Hoje, posso afirmar que sei muito mais sobre mundo escrito do que antes: nos livros, a experiência ainda é possível, mas seu domínio termina na margem branca da página. Em contraposição, o que ocorre ao meu redor me surpreende a cada vez, me assusta, me deixa perplexo. [...] (CALVINO, 1998, pp. 140-141).

RESUMO

SILVA, Nathanael Araujo da. **As pessoas dos livros e os livros das pessoas: Uma etnografia da produção e circulação de obras LGBTs.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar e Instituto Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

A presente dissertação versa sobre a emergência de “livros de literatura LGBT” promovidos por autores, Editoras e editores engajados no processo de sua criação e defesa. As perguntas gerais que nortearam a pesquisa foram: quais as possíveis experiências que as pessoas desenvolvem com os livros? Como e por que estabelecem relações com este objeto? De que maneira aspectos de gênero e sexualidade passam a compor estes vínculos? O que a emergência ou novas formas de nomeação de tais artefatos nos permitem perceber? Para dar conta destes questionamentos, desenvolvi trabalho de campo com observação participante em lançamentos de livros, debates literários e saraus de literatura organizados por inúmeros indivíduos nos mais variados espaços da cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo. Deste modo foi possível apreender as pessoas dos livros e os livros das pessoas com fins a compreender e explicar o sentido de suas ações, responsáveis por conformar uma rede de relações que visam construir o que denomino por “mundo dos livros LGBTs”, no qual circulam objetos, pessoas e valores.

Palavras-chave: livros; etnografia; antropologia da arte; pessoa; mercado editorial.

ABSTRACT

SILVA, NATHANAEL ARAUJO DA. **People of the books and the books of the people: An Ethnography on the production and circulation of LGBTs works.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar e Instituto Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

This dissertation discusses the emergency of "LGBT literature books" promoted by authors, Publishing Houses and editors engaged on the process of its creation and perpetuation. The overall questions that guided the research were: what are the possible experiences that people develop from the books? How and why do they establish relationships with this object? In which way aspects of gender and sexuality became part of these links? What does the emergency or the new forms of naming such artifacts inform us? In order to pursue these questions, I have done fieldwork with participant observation in book releases, literary debates and "saraus" organized by several individuals in diverse spaces of the cities of Rio de Janeiro and Sao Paulo. Therefore, it was possible to apprehend the people of the books and the books of the people with the purpose to understand and explain the sense of their actions, responsible for creating a network of relations that aims to construct what I call "the world of LGBT books" in which objects, people and values circulate.

Key-words: books; ethnography; anthropology of art; personhood; editorial market.

Índice de Ilustrações

Figura 1: Capa recusada de <i>Neca Faloônica</i>	
Figura 2: Capa aceita de <i>Neca Faloônica</i>	41
Figura 3: Capa <i>La Polla Grandiosa</i>	
Figura 4: Ilustração de <i>La Polla Grandiosa</i>	42
Figura 5: Banca da Metanoia no ENAC-LGBT	51
Figura 6: Capa do livro <i>Urânios</i>	53
Figura 7: Contracapa do livro <i>Urânios</i>	54
Figura 8: Lançamento do livro <i>Águas Turvas</i> , de Helder Caldeira	57
Figura 9: Debate sobre Literatura LGBT com Helder Caldeira e Sergio Viúla. 62	
Figura 10: Reprodução da "página" do Facebook da Editora Quatro Cantos. . 64	
Figura 11: Capa e orelha de <i>As 7 Cores que Amei</i>	68
Figura 12: Capa e contracapa de <i>O Armário: vida e pensamento do desejo proibido</i>	80
Figura 13: Capa, contracapa e orelha de <i>Censurado: sexo, taras e fetiches</i> ... 82	
Figura 14: Ficha catalográfica de <i>Ursos Perversos</i> com destaque para o item "Importante".....	83
Figura 15: Capa e contracapa de <i>Ursos Perversos: uma coletânea de contos pesados!</i>	85
Figura 16: Sarau das Brejeiras.....	90
Figura 18: Capa de <i>Flores Raras e Banalíssimas</i>	129
Figura 19: Reprodução da carta de encerramento das atividades da Editora Malagueta.....	130

Lista de siglas

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDL	Câmara Brasileira do Livro
Deops-SP	Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo
EnacLGBT	Encontro Nacional de Arte e Cultura LGBT
FAN	Fundação de Arte de Niterói
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
Jucesp	Junta Comercial do Estado de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MEC	Ministério da Educação
MN	Museu Nacional
NuSex	Núcleo de Estudos em Sexo, Gênero e Sexualidade
ONG	Organização Não- Governamental
PNLD	Plano Nacional de Livro Didático
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGCS	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Proac	Programa de Ação Cultural
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Índice de Ilustrações	xiii
Lista de siglas	xiv
Introdução	16
Capítulo 1 – Circulando com livros, circulando entre livros pelo Rio de Janeiro	35
1.1: Lançamento de <i>La Polla</i>	35
1.2: ENAC-LGBT, Roberto Muniz e Metanoia Editora	45
1.3: O livro turvo de Helder Caldeira	55
1.3.1: Debatendo a Literatura LGBT com Sergio Viúla e Helder Caldeira .	60
1.4: Ocellio Oliver e Alexandre Calladinni.	66
1.4.1: Alexandre Calladinni e Fabricio Viana.	76
Capítulo 2 – Uma viagem a São Paulo	86
2.1: Um Sarau das Brejeiras: fazendo-se (em) versos.....	88
2.2: Entre o mundo da militância e o universo da editoração em SP.	107
2.2.1: Laura Bacellar.....	109
2.2.2: Hanna Korich	120
Considerações Finais	132
Referências Bibliográficas	137

Introdução

Em 2013, terminava minha licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF) e me desdobrava entre o último estágio supervisionado e a escrita da monografia direcionada no campo da Sociologia da Educação. Nas brechas possíveis, pensava nos rumos que desejaria tomar academicamente. Um dos pontos recorrentes era o desejo por estabelecer um tema e objeto que me possibilitassem pesquisar algo que sempre me despertou paixão: o “mundo dos livros”¹. Tal interesse está diretamente relacionado a uma formação não apenas acadêmica, mas também pessoal. Meu desenvolvimento intelectual é impossível de ser descrito de modo desassociado de minha constituição enquanto leitor. As leituras oriundas dos livros emprestados das bibliotecas municipais das cidades por onde morei são indícios que me contam de sobremaneira.

“Somos o que lemos, ou o que já lemos”, sentencia o escritor Alberto Manguel (2014)². Concordo com sua afirmativa, muito embora compreenda que somos também aquilo que (ainda) não lemos. Hoje, penso sempre ter considerado os livros como duradouros “amigos”, “objetos-dispositivos” com e pelos quais constantemente pude desbravar outros mundos, tecer distintos modos de existência e experiência, vislumbrar dimensões por vezes ainda inomináveis, sensoriais. Quando comecei a pensar em um modo de construir uma pesquisa na qual os livros fossem o objeto central, imediatamente passei a me lembrar de trabalhos que havia lido até então sobre o assunto e também de uma experiência, ocorrida no ano de 2011, quando pude ministrar uma oficina intitulada “Sociologia, Literatura e Memória” dentro de um projeto de extensão universitária³.

¹ Uso “mundo dos livros” com fins a uma adaptação de *Mundos da Arte*, de Howard Becker (2010), como explicarei mais adiante.

² <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/11/alberto-manguel-somos-os-livros-que-ja-lemos-4633275.html>, Acessado em 5 de janeiro de 2015.

³ Trata-se do Programa *Universidade para a Terceira Idade* (UNITI), voltado para o público acima dos 60 anos. Neste curso, por meio de textos literários cuja narrativa tratava de experiências correlacionadas a determinadas etapas do curso da vida, trabalhava com as alunas em uma dinâmica de (re)produção de suas memórias vividas, pensando a memória enquanto trabalho (BOSI, 1994) permeado por entrecruzamentos onde o passado e o presente adentram em uma dinâmica de lembrar e esquecer balizada por noções de seletividade (POLLAK, 1989).

Neste âmbito, sempre me interessou um conjunto de práticas e de profissionais responsáveis pela transformação de um escrito, desenvolvido por um determinado escritor, em livro. Os *profissionais do livro*, termo responsável por agrupar aqueles sobre os quais sempre nutri fascínio, abarca editores, livreiros, tradutores, ilustradores, designers, críticos e agentes literários. A importância destes está em serem como mediadores da relação entre as obras produzidas e um público leitor. Tais profissionais atuam, portanto, como mediadores, operando em “sistemas de categorias de classificação, de percepção e apreciação” (SORÁ, 1994, p. 4). Apropriando-me de Howard Becker (2010), é possível afirmar que um livro é fruto do trabalho coletivo de inúmeras pessoas que em cooperação conformam o “mundo dos livros” e afetam não apenas sua produção como também o seu consumo.

Neste mesmo período de investigação sobre as possibilidades de construir uma pesquisa sobre o universo letrado, me lembrei de uma apresentação proferida pela professora Dr^a Simone Silva, já em 2012, na IV Semana de Ciências Sociais da UFF⁴. Nela, a antropóloga discorria sobre sua pesquisa acerca da cantoria de pé-de-parede na zona da mata pernambucana, revelando-nos o deslumbrante mundo dos poetas cantadores (SILVA, 2010). Chamou-me a atenção o “fazer poético” inserido em uma dinâmica ampla da vida daqueles que a produziam, o que havia permitido apreender não apenas os versos, mas todo um modo de vida no qual eles estão imersos e dele são frutos, e sementes. Assim, em 2013, procurei Simone para lhe falar deste meu interesse pelo mundo dos livros e lhe pedir referências sobre o assunto. A partir daí, entrei em contato com uma série de produções de cunho antropológico que passaram a me auxiliar na condução desta empreitada.

Munido da leitura de alguns trabalhos etnográficos e com os primeiros aportes teórico-metodológicos sobre como trafegar em uma seara que até então não imaginava ter sido contemporaneamente apropriada pelas Ciências Sociais⁵, era necessário, agora, aguardar n’alguma esquina a emergência de um fenômeno passível de ser circunscrito com fins analíticos. Ao me referir a

⁴ Intitulado *Desafios Antropológicos Contemporâneos. O trabalho etnográfico: o universo das festas*.

⁵ Faço alusão ao fato de saber da existência de trabalhos com o uso de obras literárias em pesquisas desenvolvidas nos subcampos de Pensamento Social Brasileiro e Sociologia da Cultura, muito embora estes trabalhos circunscrevam o debate em um enquadramento histórico.

esquinas, faço referência à quarta das *Dez Lições para a Vida Acadêmica*, texto divertido e necessário da antropóloga Karina Kuschnir⁶. Em específico, o momento na qual escreve que sua sorte ao migrar da comunicação para a antropologia foi o fato de ter aprendido em um curso com Gilberto Velho, seu orientador, o segredo (50%) para virar antropóloga: “Para fazer antropologia bastava ficar o dia todo parada numa esquina, me enturmar com jovens desocupados e escrever um diário sobre isso!”, assinala a autora (KUSCHNIR, 2014).

O apontamento de Karina faz explícita alusão ao livro *Sociedade da Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, do sociólogo William Foote-Whyte (2005). Neste, o autor elabora um estudo sobre a estrutura social presente na cidade de Cornerville, nos EUA, a partir de pesquisa realizada com jovens em gangues locais. Sobre as esquinas, em dado momento, o pesquisador deste clássico trabalho da Antropologia e Sociologia Urbana, expõe:

Às vezes ficava pensando se simplesmente estar parado na esquina seria um processo suficientemente ativo para ser dignificado pelo termo “pesquisa”. Talvez devesse fazer perguntas a esses homens. No entanto, é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer. (...) Depois de ter estabelecido minha posição na esquina, os dados vinham a mim sem esforços muito ativos de minha parte. Apenas ocasionalmente, quando estava preocupado com um problema específico e sentia a necessidade de novas informações sobre um certo indivíduo, apenas então eu buscava uma oportunidade de encontrá-lo a sós e fazer uma entrevista mais formal (FOOTE-WHYTE, 2005, pp. 303-304).

Embora eu nunca tenha tido traquejo para me enturmar com jovens, vinha preenchendo meus diários com anotações acerca de tudo o que se passava nas escolas em que estagiei. Essas informações preenchiam relatórios, gerava debates em sala de aula e dava suporte à escrita da monografia. Entretanto, uma parte de minhas observações feitas nos contornos daquelas esquinas não havia “gerado um produto”, estando relegada a um bloco de anotações secundárias. Tratava-se das investidas livres sobre o

⁶ Publicado em seu blog. <https://karinakuschnir.wordpress.com/2014/03/13/dez-licoes-da-vida-academica/> Acessado em março de 2014.

acervo de livros das bibliotecas escolares e considerações de diretoras, coordenadoras e bibliotecárias sobre as lógicas e dinâmicas necessárias para a compra de novos títulos. Outro ponto presente nestas anotações deixadas em segundo plano versava sobre a inexistência nos livros didáticos para o ensino de Sociologia⁷ das temáticas de gênero e de sexualidade.

Esta problematização emergira especialmente no ano anterior, em 2012, quando o material *Escola sem Homofobia*, popularmente conhecido por “kit gay”, foi proibido dentro das instituições de ensino, gerando debate em âmbito nacional. O projeto desenvolvido pela Pathfinder Brasil, Ecos e Reprolatina, em articulação com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) e financiado pelo Ministério da Educação (MEC), via emenda parlamentar, trazia como proposta recursos com fins a combater a prática da homofobia no ambiente escolar (2010).

A proibição do material supracitado me levou a pensar no assunto e em como seria possível preparar aulas de Sociologia que pudessem abordar tais conteúdos. Havia dois pontos, um “externo” e um “interno”, que não conseguia compreender. O “externo” porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 apresentava tais temas como assuntos transversais, ou seja, aptos a estarem distribuídos em todas as disciplinas escolares – embora durante dois anos de estágio, nem eu e tampouco meus colegas de turma tínhamos localizado a ocorrência de tal feito. O “interno” porque tinha cursado disciplina na graduação sobre gênero e me deparado com toda uma área de estudos com vasto investimento de produções antropológicas e sociológicas a esse respeito. Assim, não conseguia compreender a ausência nos livros de minha ciência de um tópico, por exemplo, sobre os movimentos sociais identitários conduzidos pelas chamadas minorias sexuais que emergem no país a partir dos anos de 1970 (HEILBORN & SORJ, 1999).

Foi aí que o interesse cruzou com o acontecimento: os livros, de um lado, e a temática de gênero e sexualidade, do outro, começaram a confluir. Mediante a ausência de material didático que me permitisse debater tais

⁷ Os dois livros à época aprovados pelo Plano Nacional de Livro Didático (PNLD) eram *Tempos modernos, tempos de sociologia*, coordenado por Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros (2010), e *Sociologia para o Ensino Médio*, de Nelson Dácio Tomazi (2010).

assuntos, pensei em transitar para os livros paradidáticos, traçando novas incursões às bibliotecas escolares. Com o insucesso da empreitada, ao chegar a casa, resolvi pesquisar pela internet se havia alguma obra literária contemporânea que abordasse personagens “não heterossexuais” e, para minha surpresa, descobri todo um universo composto não apenas por numerosos títulos como também por Editoras⁸, editores e autores que se afirmavam LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e produtores específicos de *livros de literatura LGBT*⁹. Em especial, duas Editoras me chamavam a atenção: a Editora Malagueta, localizada em São Paulo, e a Editora Escândalo, localizada em Porto Alegre. O site da primeira anunciava como “a primeira Editora lésbica na América Latina”¹⁰, enquanto que no site da segunda era informado que seus objetivos destinavam-se exclusivamente a “publicar e projetar no mercado editorial brasileiro obras de ficção e não-ficção exclusivamente de cunho LGBT”, sendo as de ficção direcionadas a contos, romances e poemas gays, ou seja, voltados para a homossexualidade masculina¹¹.

A percepção da emergência deste fenômeno tornou-se, então, objeto de interesse com fins de análise. Começava a emergir como projeto de dissertação uma etnografia da produção e circulação de livros de uma destas empresas que traziam a identidade sexual e de gênero como um elemento de distinção. Isto porque, como informa o antropólogo Gustavo Sorá (1997), a marca de uma Editora como empresa cultural objetiva sempre definir diferenciações e distanciamentos frente às demais. Assim, a percepção da identidade sexual e de gênero enquanto marca endossava meu intuito em

⁸ Para manter o texto mais fluido, adoto a grafia da palavra *Editora* com inicial em letra maiúscula para me referir a uma empresa cultural e *editora* com letra inicial em minúsculo para me referir à profissão. Também há uma distinção gráfica na dissertação. Utilizo predominantemente a fonte Arial no texto, exceto para os diálogos com os sujeitos pesquisados, diferenciadas pelo uso da fonte Times New Roman.

⁹ Utilizo “literatura LGBT” por se tratar da grafia atualmente adotada pelo movimento social, embora ao longo do texto outros termos possam aparecer, tais como: “literatura homossexual” ou “literatura de temática homossexual”, “literatura gay” ou “literatura de temática gay”, “literatura homoerótica” ou “literatura de temática homoerótica”, “literatura homosocial” ou “literatura de temática homosocial”, “literatura lésbica” ou “literatura de temática lésbica”, “literatura queer” ou “literatura de temática queer”, “literatura GLS” ou “literatura de temática GLS”, “literatura homoerótica” ou “literatura de temática homoerótica”, “literatura homoafetiva” ou “literatura de temática homoafetiva”. Espero deixar claro ao longo da dissertação os usos estratégicos feito destes termos seja no que se referem as suas aproximações e englobamentos ou diferenciações por parte dos sujeitos pesquisados.

¹⁰ Retirado do site da Editora: <http://www.editoramalagueta.com.br/editora3/index.php/2012-10-31-19-53-36/quem-somos.html> Acessado em 02 de dezembro de 2013.

¹¹ Retirado do site da Editora: <http://editoraescandalo.com/site//sobre/> Acessado em 02 de dezembro de 2013.

compreender e explicar, a partir deste ponto, o modo como a existência de livros de literatura autotransclassificados como LGBTs eram apreendidos por parte daqueles que a construíam. Tomar uma Editora e não apenas um autor ou uma obra como objeto de estudo me permitiria dar conta do processo e da dinâmica que não se encerra no texto, mas se inicia neste. Assim, seus profissionais tornar-se-iam os sujeitos com os quais eu poderia analisar a assimilação da existência destas produções enquanto produto artístico, literário, econômico, social e político-identitário. Embora guardasse o interesse por desenvolver um trabalho sobre ambas as empresas, inclusive para pensá-las em múltiplos níveis, como os de gênero e sexualidade, em função da localização geográfica, do tempo disponível e do modo como vinha concebendo a abordagem metodológica, me restringi a Editora Brejeira Malagueta.

Como metodologia pensava não somente a possibilidade de desenvolver uma etnografia na empresa propriamente dita, mas também da empresa, significando apreendê-la por meio dos espaços de consagração editorial (SORÁ, 1997) já institucionalizados no país tais como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). A justificativa para minha inicial e quase exclusiva perspectiva metodológica encontrar-se centrada nestes eventos não estava dada de modo aleatório. Seguia orientado pelo percurso metodológico adotado por Gustavo Sorá (1994) em sua pesquisa etnográfica realizada nas bienais internacionais do livro do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em seu trabalho, o antropólogo afirmava ser possível, nestes espaços, visualizar e materializar não apenas “contactos diretos entre autores e leitores”, mas também os mediadores, em geral obliterados pelas “propriedades simbólicas do objeto livro” que ali “tornam-se públicas, ao se submeterem às lógicas de exibição próprias das feiras” (SORÁ, 1994, p. 3). Havia me certificado, ainda em pesquisa pela internet, que a Editora Brejeira Malagueta havia estado presente tanto na FLIP quanto na Bienal do Livro de São Paulo. Portanto, além destes espaços, deixei margem para incluir possíveis livrarias com quem a empresa estabelecesse parcerias para a realização de eventos como lançamento de livros e execução de atividades como saraus ou debates literários.

Em decorrência disto, ou seja, de transitar possivelmente por uma gama de eventos e lugares, é que endosseï a delimitação de meu objeto voltando-me tão somente a Malagueta, tendo-a escolhido não apenas por apresentar a identidade sexual e de gênero como *marca*, pela localização geográfica ou perspectiva metodológica, mas ainda por se afirmar como “a primeira LGBT no Brasil”. Contudo, na medida em que avançava na compreensão sobre o mercado editorial brasileiro, principalmente no que se refere às pequenas empresas culturais, tomava conhecimento das mudanças nas práticas destas ao longo do ainda breve século XXI. Em especial, era informado dos muitos desafios enfrentados por pequenas e médias Editoras para se manter e desenvolver em um cenário altamente competitivo (BARCELLOS, 2010). Se antes acreditava que o simples ato de circunscrição do trabalho de campo poderia ser executado nos espaços vislumbrados como de maior centralidade do mercado editorial no país, não me dei conta de que os “imponderáveis” carregam esse peso justamente por extrapolar a margem do esperado.

Iniciada a pesquisa, entrei em contato por *e-mail* com a Editora Malagueta interessado em confirmar sua participação na FLIP e na Bienal de 2014 para poder me organizar (estava informado do quão caro costuma ser a estadia na cidade de Paraty no período da FLIP, por exemplo). No entanto, suas proprietárias, Laura Bacellar e Hanna Korich, me responderam que não participariam desses espaços. Somado a esta informação, a ida a São Paulo só parecia tornar-se viável de modo mais proveitoso a partir do segundo ano de mestrado, uma vez que neste eu já teria cursado as disciplinas e teria mais tempo para a realização da pesquisa. Lidando com a dificuldade de vislumbrar o tangível e tomado de certo *pessimismo sentimental* (SAHLINS, 1997), aos poucos fui sendo levado a repensar a complexidade de minha empreitada. A ideia (talvez ingênua, romântica ou clichê) de que, de algum modo, em algum momento determinado temporalmente, me seria dado avistar e ter acesso “a minha ilha malinowskiana” ia se desfazendo, não sem certa tensão. Possivelmente por medo da instabilidade, havia alimentado a crença da existência a priori de um espaço materializável que me permitisse formulá-lo tal como inúmeras vezes havia lido em etnografias produzidas por aqueles (as) que hoje são considerados clássicos. A verdade é que eu esquecera as

“esquinas foote-whyteanas”. Mesmo sabendo não dispor de quatro anos tal como foi possível, por exemplo, a um dos autores que inaugura a reflexão sobre trabalho de campo na Antropologia, pensava poder contar com a expectativa de ter quinze dias, somados o tempo dos dois eventos, quase ininterruptos. Deste somatório faria o momento no qual eu, tal como um etnólogo, por-me-ia em uma viagem “às minhas ilhas”, distanciadas de meu local de residência, delimitadas geograficamente, onde me poria em trabalho de campo de modo controlado, tendo previamente bem construídos os instrumentos mais adequados, as perguntas melhor refinadas e definidas, em um evento marcado para se extinguir (MALINOWSKI, 1984).

Apesar da leitura de inúmeras etnografias contemporâneas, o que desejo chamar atenção não se encerra apenas dentro de certa visão prescritiva de um modelo clássico construído por Malinowski para a pesquisa antropológica. Enfatizo a ausência nos trabalhos atuais daquilo que não deu certo, ou dos processos de construção do próprio trabalho. Essa indagação se encontra presente não apenas ao pensar uma metodologia, mas no por a pesquisa em tinta e papel. Sobre isto, talvez tenha, empiricamente, me deparado com uma realidade que não aparenta ser apenas a minha. Em *Os Antropólogos e Suas Linhagens*, Mariza Peirano destaca que:

É por isso, talvez, que tendo chegado aos cursos de teoria antropológica pensando que iam encontrar autores capazes de oferecer a fórmula do bom trabalho, os alunos descobrem, para sua surpresa e desalento, embora frequentemente como desafio, que teoria antropológica é teoria-e-história da antropologia, da mesma forma que é teoria-e-etnografia. É baseada na tensão entre o presente teórico e a história da disciplina que a tradição da antropologia é transmitida, resultando que, no processo de formação, cada iniciante estabelece sua própria linhagem como inspiração, de acordo com preferências que são teóricas, mas também existenciais, políticas, às vezes estéticas e mesmo de personalidade. Assim, além dos clássicos Durkheim, Marx e Weber, que ensinarão a postura sociológica, o antropólogo em formação entra em contato com uma verdadeira árvore genealógica de autores consagrados (e outros malditos), sobre a qual construirá uma linhagem específica sem desconhecer a existência de outras (PEIRANO, 1995).

A descoberta da assertiva desenvolvida neste texto de Peirano adveio de minha experiência empírica. Isto porque a maioria das pesquisas

antropológicas que li se encontram em um formato na qual sua elaboração parece ter se dado sem muitas dificuldades e com total controle entre objetivos iniciais e resultados finais. Estas, ora seguem as referências canônicas, aqui evocadas pela figura do autor de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ora reforçam a crença em uma “Única Maneira Certa de fazer” o trabalho acadêmico (BECKER, 2015, p. 71). Os inúmeros imponderáveis me fizeram pensar sobre o que não seria possível de ser concretizado, porque no plano do imaginado, e refletir sobre o que já havia sido obtido, no campo do realizado. Em síntese, a partir de uma série de experiências, revi minhas próprias concepções acerca do que seja trabalho de campo e investigação etnográfica, atentando para o fato de ambas dizerem respeito não a execução de um ou outro método, mas a um estado de alerta. Corroboro mais uma vez com outro artigo de Mariza Peirano, fruto de um acontecimento pelo qual passou, onde a antropóloga enuncia que

a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos (PEIRANO, 2014, p. 379).

Foi preciso, portanto, voltar a iluminar inúmeros aspectos que eu até então já vinha desenvolvendo em segundo plano e perceber uma assertiva a ser desenvolvida a seguir: a de que minha pesquisa vinha sendo executada antes de sê-la enunciadamente iniciada. Essa percepção ganhou maior densidade ao passo em que fui atentando para a inexistência, de minha parte, de um “tempo da pesquisa”, estando imerso em seu fazer o tempo inteiro, integralmente. Patricia Reinheimer (2008), em sua tese sobre a mudança de valores no discurso artístico brasileiro entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1960, traz importantes contribuições acerca da construção dos nossos objetos de investigação. Pensando seu caso particular, e mediante “as falências dos projetos de pesquisa idealizados anteriormente”, a antropóloga destaca:

A escolha do objeto, a delimitação do campo e a construção da problemática se constituíram a partir não somente de escolhas estritamente racionais, mas também de um certo “atrevimento” em seguir pistas que pareciam dizer alguma coisa intangível quando da opção por investigar o indício. Se o conhecimento é indispensável para a construção de análises substanciais, a “intuição” que pode fazer uma pista se desdobrar em significados sociais mais amplos é também uma parte essencial do trabalho de pesquisa (REINHEIMER, 2008, p. 51).

Desde os primeiros passos, caminhava de modo tenso, repleto de dúvidas acerca não apenas daquilo que desejava fazer como sobre aquilo que poderia fazer. Havia algumas preocupações: de encontrar uma esquina onde as pessoas me recebessem e de onde eu pudesse obter rendimentos às minhas indagações; com o aspecto intuitivo que desdobrava as poucas pistas e certezas em infinitas dúvidas; e com o aspecto teórico-analítico e bibliográfico que deveria ser assimilado no curto período de tempo de um mestrado. No prefácio da edição portuguesa de comemoração dos 25 anos de *Mundos da Arte*, de Howard Becker (2010), o autor salienta com precisão parte de meu estado de espírito. Ao nos apresentar neste texto uma instigante discussão acerca do modo como sua pesquisa sobre a organização social de uma série de profissionais que conformam a atividade coletiva necessária à criação de objetos artísticos surgiu, bem como os percalços teórico-metodológicos enfrentados para dar cabo da empreitada, escreve:

[...] Cresci numa época de autoconsciência metodológica e portanto fui levado a ser reflectivo, mais do que ele [Everett Hughes, seu mentor] alguma vez o foi, acerca do modo como fazia o que estava a fazer.

Começo sempre um projecto, como no caso de *Mundos da Arte*, muito consciente daquilo que não sei. A minha ideia do tópico é confusa, estou convencido de não estar a colocar as questões certas, e igualmente convencido de que, qualquer que seja o modo que a questão ou o problema venha a assumir, não sei quais os métodos certos para o seu estudo. E sou sempre – não me gabo disto mas reconheço apenas que é o que faço – suficientemente arrogante para ignorar a maior parte daquilo que outros já escreveram acerca daquilo que vou estudar.

Isto não significa que não tenha qualquer ideia [...] (BECKER, 2010, p. 10, grifos do autor).

Se de imediato tomei os trabalhos de Gustavo Sorá como principal modelo a seguir para dar cabo de minha empreitada, com o avançar da pesquisa me dei conta da necessidade de atentar, antes, para os contrastes presentes entre nossas pesquisas. Inseridas em um mesmo tema de interesse, o “mundo dos livros”, percebi a importância de desenvolver uma maior sensibilidade para assimilar não apenas as permanências, mas as discontinuidades a respeito deste universo. E, o mais importante, as razões para tal ocorrência. Estando a presente investigação inscrita “no tempo presente”, ou no que o autor denomina de “edição-Brasil-atualidade” (SORÁ, 1998, p. 9), chama atenção o retrato do mercado editorial brasileiro feito pelo autor em suas pesquisas e o que se agiganta diante de meus olhos passados 22 e 18 anos desde a sua dissertação e tese, respectivamente. Penso que as dificuldades em apreendê-lo se devam não apenas, mas fortemente ao fato de que:

Se os estudos sobre editores no presente encontram fortes barreiras de aproximação (vivenciadas também por pesquisadores franceses, por exemplo), o passado não oferece grandes refúgios, ao menos em países como os nossos, onde não poderíamos afirmar que exista algum campo mais ou menos institucionalizado sobre estudos de história ou sociologia da edição (SORÁ, 1998, p. 10).

Dada esta ausência de campo de estudos até hoje de modo sistemático, as problemáticas de enveredar por estas searas avançam¹². Ressalto outra

¹² Somente ao fim desta dissertação é que encontrei um artigo precioso do historiador Aníbal Bragança (2005) sobre uma série de produções bibliográficas acerca deste campo de estudos no país. Não tendo como intuito também produzir uma revisão bibliográfica extensa sobre sua conformação, recomendo seu trabalho. Ademais, me aproprio das postulações de Robert Darnton, em *O Que é A História do Livro?*, quando esclarece que: “Qualquer que seja o futuro da história dos livros, seu passado mostra como um campo de conhecimento pode assumir uma identidade acadêmica distinta. Ela surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto comum de problemas, todos relacionados com o processo de comunicação. (...) Tão rico, de fato, que agora, mais do que um campo, parece uma exuberante floresta tropical. O explorador mal consegue atravessá-la. A cada passo, ele se vê emaranhado numa densa vegetação de artigos de revistas, e fica desorientado com o entrecruzamento de disciplinas – a bibliografia analítica apontando nesta direção, a sociologia do conhecimento naquela outra, enquanto a história, a literatura inglesa e a literatura comparada delimitam territórios que se sobrepõem. Ele é assediado por pretensões a novidade – *la nouvelle bibliographie matérielle*, – *the new literary history* – e se vê desconcertado com metodologias rivais, que lhe dizem para cotejar edições, compilar estatísticas, decodificar a lei dos direitos autorais, percorrer milhões de manuscritos, arfando junto à barra de uma imprensa comum reconstruída, psicanalisar os processos mentais dos leitores. A história dos livros ficou tão povoada de disciplinas auxiliares que já não é possível distinguir seus contornos gerais. Como o

importante passagem presente na tese de doutorado de Sorá circunscrita em uma análise do livreiro e editor José Olympio. Ao se referir a esta atividade profissional, o autor afirma que “Raros são os casos de editores que deixam memórias, poucas são as empresas que cuidam de um arquivo com obsessão por deixar sua *marca* na história, como no caso de José Olympio” (SORÁ, 1998, pp. 10-11). O antropólogo endossa reflexões postuladas pelo historiador norte-americano Robert Darnton quando este afirma que os documentos dos editores seriam a fonte mais valiosa para se pensar a história dos livros, levando aos interessados a refletir, por exemplo, sobre “Como editores firmavam contratos com autores, faziam alianças com livreiros, negociavam com autoridades políticas, tratavam as finanças, os fornecimentos, as remessas e a publicidade?” (DARNTON, 1990, p. 124). Afirmando ser a obtenção destas respostas um modo da história dos livros “penetrar no território da história social, econômica e política”, em seguida Darnton reconhece que

Infelizmente, os editores costumam tratar seus arquivos como lixo. Ainda que poupem uma eventual carta de um autor famoso, eles jogam fora os livros de contas e a correspondência comercial, que geralmente são as fontes de informações mais importantes para o historiador do livro (DARNTON, 1990, p. 124).

O ato de guardar não tem sido uma premissa deste universo, estando relegada a paixão de determinados pesquisadores que se voltam para “escuchar a lós muertos con lós ojos”¹³ ou de pessoas como minha avó que guarda todo e qualquer objeto material que lhe cai nas mãos e com eles vive memórias, sonhos, afetos e sabedorias.

A dificuldade de localizar os poucos “guardados das Editoras do passado”, soterrados em caixas esquecidas em depósitos remotos, quando

historiador do livro poderia negligenciar a história das bibliotecas, das edições, do papel, dos tipos e da leitura? Mas como ele pode dominar suas tecnologias, principalmente quando aparecem em imponentes formulações estrangeiras, como *Geschichte der Appellstruktur e Bibliométrie bibliologique*? É o que basta para que a pessoa sinta vontade de se recolher a uma sala de livros raros, para ficar contando as marcas d'água” (1990, pp. 108-110, grifos do autor).

¹³ Este verso de Quevedo é retomado pelo historiador Roger Chartier (2014) para falar do que seria uma das tarefas dos historiadores. A expando aqui para todos os pesquisadores cujos objetos são frutos de tempos não recentes.

pensadas nas “empresas do presente” se misturam aos avanços das tecnologias. Isto porque a dificuldade de acesso aos muitos guardados passa a residir no fato destes documentos encontrarem-se no espaço virtual dos *e-mails* e computadores, muitas vezes misturados entre correspondências eletrônicas institucionais e pessoais. Mas esta é apenas uma das muitas dificuldades que atravessam os tempos. Até hoje, a tese de doutoramento em biblioteconomia do inglês Laurence Hallewell é o trabalho mais completo sobre mercado editorial brasileiro já produzido. *O Livro no Brasil: sua história* (2012 [1985]), publicado em português na forma de livro em meados da década de 1980 e revisado e ampliado em 2005, vai do surgimento da imprensa no país até o período da “abertura” política, embora perca força analítica quanto mais se aproxima do “tempo presente”. A esse respeito, penso que a assimilação das atuais mudanças do mercado editorial seja a justificativa; de um lado, o agrupamento de grandes grupos empresariais e a fusão de Editoras; de outro, as pequenas e médias Editoras com reduzido poder de investimento e sobreposição de funções entre funcionários na luta pela redução de custos e aumento de visibilidade.

O que a presente dissertação difere dos trabalhos apontados (dentre outros) é a impossibilidade de sua circunscrição em torno de uma Editora ou de um conjunto destas, principalmente por se tratarem de empresas pequenas, o que me levou a caminhar pelos livros. Isso se dá pelas especificidades do tipo de livro no qual estava interessado e pelo contexto atual. Merecem destaque dois trabalhos recentes a que tive acesso sobre mercado editorial. O primeiro é o de Flamarion Maués (2013) sobre pequenas Editoras de oposição ao regime político ditatorial no país em voga entre 1964 e 1985. Em *Livros Contra a Ditadura: Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*, o historiador traçou um estudo de caso sobre três pequenas empresas produtoras de livros de esquerda buscando “compreender como essas empresas editoras de livros foram organizadas do ponto de vista empresarial e como essa questão técnica se relacionava com suas vinculações políticas” (2013, p. 14)¹⁴. A elaboração

¹⁴ O livro é fruto da dissertação de mestrado do autor. As empresas pesquisadas por ele foram a Ciências Humanas, Kairós e Brasil Debates. O autor as apresenta como empresas paulistanas de pequeno porte e elevada vinculação política e ideológica, “caracterizando-se como editoras de oposição *engajadas*” (MAUÉS, 2013, p. 18, grifo do autor).

de sua pesquisa se deu através de documentos públicos e privados¹⁵, matérias veiculadas pela imprensa da época e principalmente a realização de entrevistas com proprietários, editores ou colaboradores destas Editoras. Acrescido a isto, Maués menciona o uso dos escassos “documentos remanescentes dos arquivos das próprias Editoras focalizadas” (2013, p. 18, adaptado) concluindo que sua experiência com a pesquisa “reforçou a percepção de que um dos desafios a enfrentar em relação ao estudo dos editores e de suas casas editoras é o da documentação” (2013, p. 20), passando em seguida a endossar as dificuldades apontadas por Robert Darnton – acrescento Gustavo Sorá e provavelmente inúmeros outros – sobre o descarte de importantes informações para os pesquisadores do mundo dos livros.

O segundo trabalho é a dissertação de Leonardo Nóbrega da Silva sobre a Editora Cosac Naify, surgida em 1996 e encerrada em 2015. Intitulado *Projeto Gráfico como Projeto Editorial: Um estudo de caso da editora Cosac Naify* (2014), sua pesquisa teve como objetivo “compreender que tipo de sociabilidade possibilita uma valorização estética do livro”, apontando para “uma interpretação da concepção editorial da Cosac Naify” por meio da realização de sete entrevistas semi-estruturadas com funcionários e ex-funcionários, análise do catálogo (cerca de mil títulos) e artigos sobre e com os proprietários disponíveis na internet (2014, p. 18). Acredito que pensar as especificidades da minha pesquisa em relação ao belo trabalho sociológico de Leonardo possa render bons frutos. Principalmente no que concerne às diferenças e estas não se encontram, por exemplo, no fato das Editoras que circundam o meu universo possuírem catálogos reduzidos (não chegando a cinquenta títulos), mas porque se a Cosac Naif pôde ser apreendida por meio destas ferramentas metodológicas, as que concebi utilizar não estavam centradas nestas, mas inseridas em meu interesse pelas atividades das empresas culturais, seus movimentos de institucionalização.

Partindo para uma incursão aos e com os livros autoclassificados como LGBTs, adotei a perspectiva desenvolvida por Edward Said em *Orientalismo: a*

¹⁵ Como a Junta Comercial do Estado de São Paulo (Jucesp), a Câmara Brasileira do Livro (CDL), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP) (MAUÉS, 2013, p. 18).

localização estratégica, uma “maneira de analisar a relação entre textos e o modo pelo qual grupos de textos, tipos de textos e até gêneros textuais adquirem massa, densidade e poder referencial entre si e depois na cultura mais geral” (SAID, 1990, p. 31). Seguindo os passos do autor, adequando-os para o meu universo, também atentei para uma leitura textual de modo a fazer “revelar a dialética entre o texto ou autor individual e a complexa formação coletiva para a qual a sua obra é uma contribuição” (SAID, 1990, p. 35)¹⁶. Não tendo o intuito, portanto, de buscar toda e qualquer obra, mas aquelas especificadamente mobilizadas pelos sujeitos da pesquisa para o estabelecimento de seus objetivos, qual seja, o da construção de um “mundo dos livros LGBTs”.

Antes de saber que a Editora Brejeira Malagueta não estaria presente nos principais espaços de consagração do mercado editorial e, portanto, locais em que pensava apreendê-la, comecei a participar de eventos ocorridos pelo Rio de Janeiro, em sua maioria, organizados por outras Editoras, editores ou autores isoladamente. Um dos principais motivos que me levou a esse “me por em trânsito” era a necessidade de dimensionar meu campo de pesquisa, de senti-lo presente para além da pesquisa exploratória no âmbito da internet realizada para a construção do projeto. Era preciso sentir que já havia me desligado do universo no qual estava imerso até então, o da pesquisa de graduação, para assumir a empreitada do mestrado. Ademais, havia o medo de que contratempos me obrigassem a mudar completamente o objeto da pesquisa.

Embora eu tenha chegado às Ciências Sociais por meio dos livros de literatura e filosofia, a concepção apontada pelo antropólogo Tim Ingold de que

¹⁶ O que detenho de Said neste trabalho aqui diz respeito à seletividade da profusão textual, tornada livro, sob a rubrica LGBT. Ademais, se o autor analisou textos bastante distintos, como documentos administrativos, livros e outros, sem fazer distinção entre eles, também não fiz distinção entre gêneros narrativos dos objetos elencados, não importando, por exemplo, se são livros autobiográficos, biográficos, romances, de prosa ou de poesia.

a “Antropologia é uma filosofia com pessoas dentro” (INGOLD, 1992, *apud* VIVEIROS DE CASTRO, 2002)¹⁷ me incitava a sair da esfera do pensamento para encontrar pessoas de carne e osso, pelo encontro com aqueles indivíduos cuja relação produziria um tipo de conhecimento. Na pesquisa exploratória, tinha localizado a existência de sites e *blogs* de pessoas que apontavam em suas descrições o comprometimento com a luta pela defesa e existência de “livros de literatura LGBT”. Nas redes sociais, por sua vez, encontrei espaços de divulgação de obras apresentadas sobre esta rubrica. Seguindo a intuição, comecei a acompanhar pelo *Facebook* as “páginas” de escritores, exposição de livros, Editoras e os “grupos” de discussão e “comunidades” de “compartilhamento” de informações – em específico: “Livros/Filmes LGBT – Troca de informações”, “Literatura com temática LGBT”, “Literatura LGBT no Brasil” e “Literatura LGBT”. Por fim, passei a circular em eventos pelo Rio de Janeiro por onde o debate sobre uma literatura desta natureza pudesse estar presente, ainda que diluída em outros debates¹⁸.

Este movimento possibilitou compreender a necessidade de construção de algo que não estaria dado a priori, ou seja, meu campo. “De repente”, vi-me imerso em uma teia de relações que iam sendo constituídas na busca pelo meu objeto de pesquisa. Esse fluxo me fez frequentemente repensar meus objetivos anteriormente delimitados. Também me fez retornar, de modo crítico, meu projeto inicial. Com isto, consegui estabelecer uma virada na pesquisa, construindo outros caminhos, novos percursos, outras trilhas: no lugar de buscar partir das e para as Editoras, comecei a seguir aos livros pensando-os enquanto objetos que constroem e são construídos por pessoas. Este fenômeno ganhou centralidade na análise mediante as reflexões de Dias (2006, 2013), França (2006, 2010), Miller (2007, 2013), Douglas & Isherwood (2013), Appadurai (2010) e Kopytoff (2008), tornando-se possível identificar um processo de construção de si vinculado à produção de objetos materiais.

É a partir da emergência de “livros de literatura LGBT” promovidos por autores, Editoras e editores, bem como o processo no qual se inserem com fins a criação e defesa da existência de uma literatura sob esta rubrica que a

¹⁷ No original: “anthropology is philosophy with the people in”

¹⁸ Abordarei melhor o uso da internet como espaço de pesquisa no primeiro capítulo desta dissertação.

presente dissertação centra-se. As perguntas gerais que me nortearam foram: quais as possíveis experiências que as pessoas desenvolvem com os livros? Como e por que estabelecem relações com este objeto? De que maneira aspectos de gênero e sexualidade passam a compor estes vínculos? O que a emergência ou novas formas de nomeação de tais artefatos nos permitem perceber? Para dar conta destes questionamentos, trabalhei orientado por uma perspectiva metodológica que consistiu na realização de trabalho de campo com observação participante por esquinas estabelecidas no trânsito entre lançamentos de livros, debates literários e saraus de literatura organizados por inúmeros indivíduos nos mais variados espaços. É deste modo que apreendi as pessoas dos livros e os livros das pessoas com fins a compreender e explicar o sentido de suas ações, responsáveis por conformar uma rede de relações que visam construir um “mundo dos livros LGBTs”, no qual circulam livros, pessoas e valores.

No primeiro capítulo exponho como se deram minhas incursões a estas atividades pela cidade do Rio de Janeiro. Destaco que se o uso da internet serviu de início para chamar a atenção para os “livros LGBTs” como um fenômeno analítico, por meio dela localizei ou fui informado sobre os eventos em torno da produção e circulação destas obras. Uma vez nestes espaços, a retomada para o âmbito da internet e para as redes sociais, em destaque, passou a se dar sobre outro registro: o de prolongamento das relações estabelecidas. Deste modo, não endosso uma dicotomia entre real/virtual, mas uma relação de complementaridade. Neste capítulo apresento como a incitação a um contato face a face revelou a necessidade de construção de um campo, percepção de interlocuções e não uma mera “entrada” em algo dado a priori. Igualmente, mostro como usos estratégicos de formas de classificar e apresentar a si a aos objetos dependem de contextos mais amplos.

No segundo capítulo sigo para São Paulo e me detenho sobre a Editora Brejeira Malagueta. Através de uma de suas atividades, um sarau, é possível observar as dinâmicas de vinculação de si na tessitura que visa compor um conjunto específico de livros: aqueles voltados para mulheres lésbicas. Apresentar as dinâmicas do evento em detalhes dá subsídios para perceber o sarau como espaço que dilui outras chaves dicotômicas: produção/recepção,

escritor/leitor, público/espectador. Ademais, apontam para construções mais coletivas sobre os sentidos que fundamentam e justificam um universo repleto de tais obras, estando estas em consonância com a defesa de construções individuais de pertencimento identitário. A segunda parte do capítulo esmiúça esta assertiva a partir da trajetória das sócias-proprietárias da empresa cultural. Assim, esta relação entre o individual e o coletivo refletem a dimensão social, política e cultural que perpassa o final do século XX até os dias atuais.

Antes de prosseguirmos, preciso evidenciar que, apoiado em Alfred Gell (2009) e seu debate sobre o desenvolvimento de uma Antropologia da Arte que pese os recursos da própria disciplina antropológica na análise de objetos artísticos, não estabeleci uma definição conceitual a priori sobre “Literatura” e menos ainda sobre “Literatura LGBT”¹⁹. Refugiando-me também nas reflexões de Norbert Elias (2011) limito-me a afirmar que procurei partir de livros que lançassem mão de uma *autoimagem*, ou seja, cuja rubrica LGBT partisse de seus produtores. Isto porque, inspirado em *Algumas Formas Primitivas de Classificação* (DURKHEIM & MAUSS, 2009) considero que uma das questões centrais desta dissertação foi justamente a compreensão do modo como às pessoas se relacionam com os livros que, tomados como objeto, refletem (novas) categorias de pensamento. Desenvolver os sentidos das ações daqueles que conformam os “livros de literatura LGBT” permite ratificar a percepção de que novas formas de classificar as coisas dizem respeito a novas formas de se relacionar com elas, com o mundo e consigo.

Por fim, resalto a incapacidade de alterar informações que visassem garantir o anonimato dos pesquisados que compuseram o universo da pesquisa. Desde o início do mestrado ponderei sobre tal aspecto. A falta de uma reflexão satisfatória me levou e tem me levado a evitar elaborações de artigos, *paper* e apresentações em congressos mais amplos. Em um evento

¹⁹ O termo literatura, neste trabalho, reside em um sentido mais amplo, aquele que cobre toda e qualquer produção sobre um determinado assunto, não estando referida a gêneros narrativos ou textuais prévios.

interno da UFRRJ na qual tive minha pesquisa mencionada em linhas gerais, um grupo se aproximou, ao final, e me bombardeou de perguntas muito pontuais carregadas de nomes de empresas, escritores e obras. Em conversas com colegas estudiosos no campo dos estudos em gênero e sexualidade, igualmente este fato ocorreu.

Embora sempre tenha imediatamente me apresentado aos interlocutores enquanto Cientista Social interessado no desenvolvimento de uma pesquisa, sempre guardei dúvidas sobre a percepção destes para o uso das informações adquiridas. Tentar modificar uma e não todas, poderia soar inútil. Deste modo, considero dois aspectos. O primeiro diz respeito ao fato do trabalho estar imerso no debate entre aquilo que a Literatura e a Antropologia teriam, dentre uma vasta gama, em comum: a escrita (STRATHERN, [1987] 2013; CLIFFORD, [1994] 2011; GEERTZ, 2002). Por meio dela, procurei transitar de modo a não enviesar a análise, mas também sem tecer críticas impiedosas – travestidas de objetividade científica – passíveis por meio da alteração de nomes, datas e etc. Esta preocupação me levou, felizmente, a buscar viver a dimensão poética enquanto “uma forma de exatidão científica” (BASTIDE, 1977). O segundo aspecto diz respeito à percepção de que se na pesquisa aponto para estratégias desenvolvidas pelos pesquisados com fins a divulgação de suas produções, minha dissertação pode ser lida como um caminho de propagação aos seus ideais. O que poderia apontar para uma menor circulação por tratar-se de um trabalho circunscrito ao âmbito acadêmico-intelectual, ao mesmo tempo pode indicar “alguma” circulação dentro de um grupo muito especializado e detentor de prestígio.

Bem, é preciso seguir. Adiante.

Capítulo 1 – Circulando com livros, circulando entre livros pelo Rio de Janeiro

1.1: Lançamento de *La Polla*

Já era noite do dia 23 de maio de 2014 quando cheguei à Livraria Cultura Cine Vitória, localizada na Rua Senador Dantas, nº 45, na Cinelândia. Havia descoberto há poucos dias pelos “grupos” no *Facebook* que a Editora Metanoia iria promover o lançamento de mais um “livro LGBT”. Desde esta descoberta, encontrava-me motivado a comparecer ao evento para participar de alguma atividade que pudesse, de certo modo, compor o meu campo de pesquisa. Contudo, também estava nervoso por tratar-se da primeira incursão a campo. Assim segui, tateando no escuro, sem saber não apenas como agir como também pelo que esperar. Marcado para as 20h, devido ao atraso no trajeto de Seropédica até o local, cheguei à livraria por volta das 19h50. Ao entrar, perguntei sobre o local de lançamento do livro a um dos funcionários. “Você deve seguir por ali até chegar à escada rolante”, me informou o rapaz, salientando que a atividade estava acontecendo no espaço destinado a eventos: a Galeria Cultura. Fiquei impressionado com o lugar e tive vontade de não continuar tão em linha reta, mas perambular por entre as estantes um pouco, dedilhar títulos, observar o espaço, passear por outras páginas antes de chegar ao capítulo que motivara minha ida até ali.

Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras, de Ubiratan Machado (2008), narra como a Livraria Cultura teve seu início na cidade de São Paulo em 1947, quando a alemã Eva Herz decidiu dispor da sala de sua casa como espaço para empréstimo de livros à colônia alemã. O sucesso da empreitada teria lhe permitido, dois anos mais tarde, montar uma pequena livraria em espaço compartilhado com uma doceria. Nos anos de 1950, Machado conta que os bons frutos da empreitada ocasionaram no encerramento dos alugueis de livros, na mudança para um espaço maior e no fim do privilegiado trato com livros de língua alemã, expandindo-se para obras de outras línguas e nacionalidades (MACHADO, 2008, pp. 171-173). No final dos anos de 1960, já

sob o comando de seu filho, Pedro Herz, a Cultura teria então migrado para o Conjunto Nacional, localizado na Av. Paulista, tornando-se um marco para a cidade e para a vida cultural desta por meio do trânsito de ideias e intelectuais. Entre os anos de 1980 e 1990, a empresa se consolidaria e ampliaria seu espaço dentro do prédio, adquirindo novas lojas, cada uma especializada em um determinado conjunto de assuntos. Os próximos passos teriam sido a expansão, por meio de filiais, não apenas por São Paulo como por outros Estados e, dentre eles, o Rio de Janeiro. Inaugurada em 2012, a livraria Cultura na qual eu me encontrava, ocupava o espaço do antigo Cine Vitória²⁰, sendo a segunda filial instaurada na cidade do Rio de Janeiro. Esta segue o mesmo modelo de sua sede na capital paulista, embora o projeto tenha respeitado a arquitetura do prédio, construído nos fins dos anos de 1930 e todo talhado em art-decô.

Controlada, com certa dificuldade, a vontade de perambular pelas estantes e livros, segui para a escada rolante e, já no alto desta, pé ante pé ao segundo andar, passei a ser guiado não mais pelas instruções colhidas junto ao funcionário do local, mas por gargalhadas que ecoavam pelo espaço para onde segui, desta vez após descer algumas escadas. No alto, um homem. Pouca estatura, cabelos cumpridos e aloirados. Uma figura robusta, adornada por um par de óculos chamativos presos a ponta do nariz, trajado de paletó e lenços escuros. “O dono das gargalhadas expansivas”, conclui mentalmente. Enquanto segurava um livro cor-de-rosa nas mãos, ele mantinha um olho nos presentes e o outro sobre o objeto. Declamações e risos, alternados. Ao seu lado, duas mulheres apresentadas por ele como suas amigas e atrizes convidadas para também declamar fragmentos do livro. Todos instalados entre os degraus da escada que eu acabara de descer e que levava a outro andar da livraria. Em um jogo de palavras, vozes e gestos, os três dispunham da atenção dos presentes. Assim percorriam e exploravam o máximo possível da geografia da Galeria que, de todo modo, não era grande, apesar da estrutura do prédio transmitir esta impressão.

²⁰ Cinema inaugurado no começo dos anos de 1940 na Cinelândia e que formava, junto a outros, um espaço importante para a cultura e sociabilidade carioca. O espaço em questão estava desativado há mais de 20 anos.

A apresentação se desenvolveu durante cerca de vinte minutos até cessar. O homem encaminhou-se para trás de uma mesa ornamentada com outros livros, cuja capa chamava atenção por ser de um rosa intenso, dispostos para exibição àqueles que, como eu, chegava ao local. Garçons transitavam pelo espaço servindo refrigerantes e salgadinhos aos presentes que se encontravam distribuídos em pequenos grupos. Havia cerca de cinquenta pessoas no local. Todos pareciam se conhecer e interagiam bem, enquanto eu não fazia a menor ideia do que fazer ali. A sensação de estar só em um lugar tão pequeno desencadeava minha propensão a certa introspecção frente o desconhecido. A parte minha insegurança, o desconforto me incitava à constatação de que não poderia apenas permanecer como estava: estático, observando a todos; em algum momento, a possibilidade de ser igualmente observado, ou melhor, percebido e “questionado” parecia evidente. Não se tratava de ser um lugar de trânsito, mas de chegada – precisei perguntar ao funcionário da livraria pelo local de evento.

Avistei duas mulheres trajadas de blusa social da cor roxa/lilás e calça jeans na porta do espaço por onde entrei. Pelo som de cliques semelhante ao do meu aparelho, constatei que uma dessas mulheres seguia fotografando cada acontecimento com seu celular. Dirigi – me à mulher que estava ao seu lado e lhe perguntei onde e como adquirir o livro que estava sendo lançado. Esta, prontamente me informou que eu deveria retornar ao primeiro andar por outro caminho, o das escadas de mármore, e me dirigir até o caixa mais próximo. Disse-me ainda que, depois, poderia voltar e pedir para o autor um autógrafo caso desejasse. Desci, comprei o livro e retornei ao local do evento. Considerei a aquisição da obra um bom modo de me fazer retornar para o evento sem me sentir tão distante, um pouco mais entrosado, “dentro” do ambiente, menos deslocado. Também prestei rapidamente atenção ao conteúdo do livro, principalmente quando Moisés, já sem suas amigas, se levantou para ler mais alguns dos poemas, entrecortados por sua gargalhada espalhafatosa, brindando às pessoas, aparentemente amigas, que chegavam atrasadas.

Já para metade do lançamento, uma moça franzina, junto a um rapaz musculoso, entrou no local. Moisés festivamente a recebeu, pedindo uma

cadeira ao garçom e a convidando para se sentar ao seu lado. Em seguida anunciou: “Queridos, a ilustríssima tradutora para o espanhol do meu livro, Paula Ferraro, acaba de chegar: não é maravilhoso?!”, comentou. Assim, ao retornar a olhar para o livro é que o percebi bilíngue. Depois de ficar algum tempo em um canto, sentado em uma poltrona que parecia ter sido feita para caber uma pessoa solitária e deslocada, me levantei. Com o esvaziamento do ambiente, e depois de ter novamente folheado o livro, tomei coragem para me dirigir ao autor, que seguia autografando os livros daqueles que haviam chegado já do meio para o fim do lançamento. Aproximei - me quando Moisés conversava com sua tradutora, com o rapaz que a acompanhava e outros três amigos que, desde o início do evento estavam posicionados do lado oposto a ele e próximos a mim. Os olhares e sorrisos complacentes denunciavam o segredo, mas não o seu conteúdo. Ao me aproximar, lhe estendi o meu exemplar. “Ah, muito obrigado por ter vindo!”, disse-me Moisés, sorridente ao reorganizar os cabelos em uma jogada de mão para o lado direito. “Eu é que agradeço”, lhe respondi com a voz um pouco para dentro. O autor abriu o livro como se estivesse procurando o local mais adequado para deslizar com sua caneta e, enquanto isso, perguntou pelo meu nome. “Nathanael”, respondi-lhe e, após um rápido silêncio, emendei: “Eu sou pesquisador e vim porque estou iniciando uma pesquisa sobre livros e mercado editorial LGBT”. Moisés ergueu os olhos do livro de relance e exclamou: “Ah, que maravilha!”. Para não perder a chance de diálogo permitindo que o silêncio fizesse morada, disse-lhe que havia descoberto o lançamento de seu livro de poesias pela internet. “Sim, na verdade esse livro já havia sido lançado antes, por outra Editora, mas apenas em português; esta é uma versão bilíngue”, me explicou, enquanto finalizava a dedicatória. Perguntei se aquele era o seu primeiro livro e, ao fazê-lo, percebi que a ebulição por dentro não parecia transpassar [ou resvalar] para minha expressão gestual ou corporal: uma constante serenidade.

Formado em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com experiência enquanto roteirista de cinema, Moisés sinalizou que este não era seu primeiro trabalho sobre o tema: “Eu já escrevi outras coisas relacionadas à temática gay. Este livro, na verdade, faz parte de uma ideia de lançar uma trilogia na qual utilizo as gírias do universo gay”, me respondeu ao estender o livro

de volta para mim. Demonstrei interesse pela ideia da trilogia e quis saber sobre a repercussão desta. “Olha, tem sido muito bacana. Mas vou te contar que rolou certa censura a respeito desse livro, pois é!”, comentou, ao se levantar para melhor conversar comigo. Agradei, mentalmente, por poupar minhas costas já debilitadas pelas mais de duas horas dentro do ônibus rumo à livraria. “É mesmo?!”, perguntei curioso por saber mais a respeito, ao que este me respondeu: “Sim, veja: reclamaram da capa. Então o desenho da primeira edição era esse aqui...”, disse-me o autor, enquanto pegava o livro que havia me entregue e o abriu para me mostrar uma página, seguindo com a explicação: “...aí invertemos as imagens: esta que passou para dentro, quase essa daqui, e pusemos essa outra como capa, a dos copos de leite”, finalizou²¹.

Por alguns segundos permaneci calado, já não tinha medo de que o silêncio interrompesse o diálogo iniciado e que havia me transportado para outra temporalidade. “O maravilhoso é que a mensagem continuou presente: a existência de xanas nos falos e de falos nas xanas. Não é genial?!”, retrucou Moisés, festivo. Disse-lhe que estava impressionado, e com certeza estava, a ponto de ter continuado a conversa caso não tivéssemos sido interrompidos por outras pessoas que também queriam autógrafos e a sua atenção. Ao recuperar a órbita, percebi que o tempo transcorrido havia sido curto, rápido, mas repleto de informações que eu não deveria ignorar. “Aqui, tome o meu cartão. Me adicione no seu *Facebook* e vamos continuar em contato.”, sentenciou Moisés ao me entregar um cartão personalizado. E assim o fiz, lhe escrevendo uma mensagem privada dois dias depois do lançamento de *La Polla Grandiosa* desejoso de obter resposta à pergunta que, embora posteriormente a tenha considerado óbvia de ser feita, só me surgiu quando retornava para casa após incursionar pela primeira vez no campo: a censura ao livro partira de quem e por quê?

Às 16h34 min. do dia 25 de maio, enviei ao autor uma mensagem:

²¹ O escritor, neste momento, está me explicando sobre as mudanças da versão em português para a versão bilíngue, informando-me que todas as capas anteriores do livro estavam dentro desta nova publicação.

Oi Moisés! Conversamos rapidamente no lançamento do seu livro, na sexta. Você, na ocasião, me contou que essa versão bilíngue surgiu devido a censura ocorrida ao livro no ano passado. Agora, o que não tive tempo de te perguntar é: a censura partiu de quem e por quê? Abs. e estou adorando os poemas!

Não demorou muito para que Moisés me escrevesse de volta:

Nathanael, fico muito feliz por saber que você está gostando dos textos. Veja bem, o que foi censurado foi o desenho da capa na versão em português. Na época, a Editora Ibis Libris solicitou-me mudar a capa porque as livrarias não queriam divulgar aquela imagem. Achei um tremendo absurdo. Daí, se você entrar no site da Saraiva que fez a maior compra do meu livro e teve divulgação em várias capitais no Brasil, você verá como ficou a capa.

<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/4857353/neca-faloonica>

Os copos de leite que estavam como ilustrações dentro do livro, ilustrações essas que tem um tônus subliminar, mostrando que há falo também nas xanas. Foi uma sacada legal do Thiago Oliveira, o ilustrador.

Junto à resposta, o escritor me enviou ainda uma foto de como seria a capa original do livro e o link para o site da Saraiva onde era possível ver a capa da obra publicada pela Editora Ibis Libris:

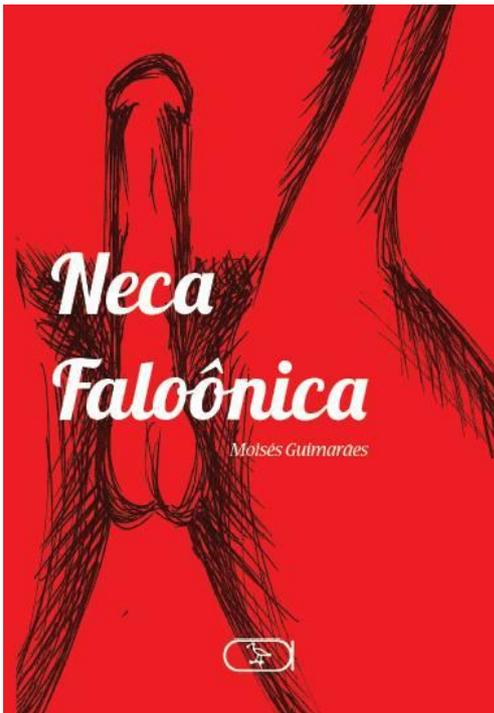


Figura 1: Capa recusada de *Neca Faloônica*

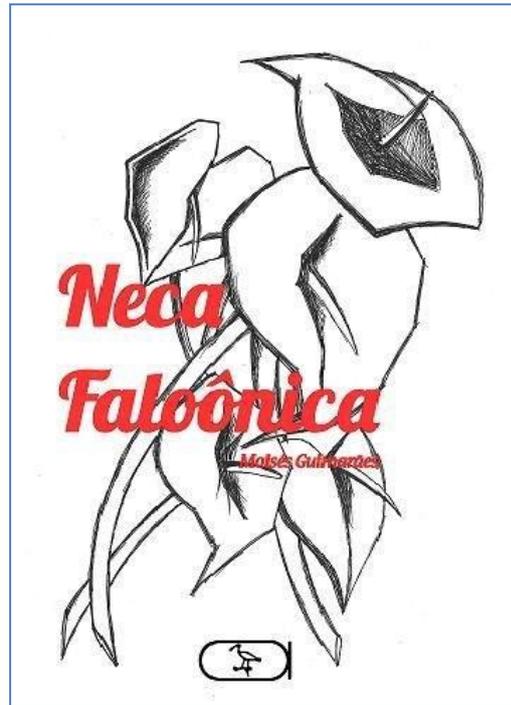


Figura 2: Capa aceita de *Neca Faloônica*

Para a edição publicada pela Editora Metanoia, uma nova capa fora elaborada, recebendo outra ilustração. Sendo esta também assinada por Thiago Oliveira; suas ilustrações anteriores passaram a compor o livro internamente, somando-se a uma terceira ilustração vincula à dedicatória de meu livro, a saber: “Nathanael, a poesia é a visita do imponderável. Permita-se voar com as asas de “la polla”. Besos, Moisés”

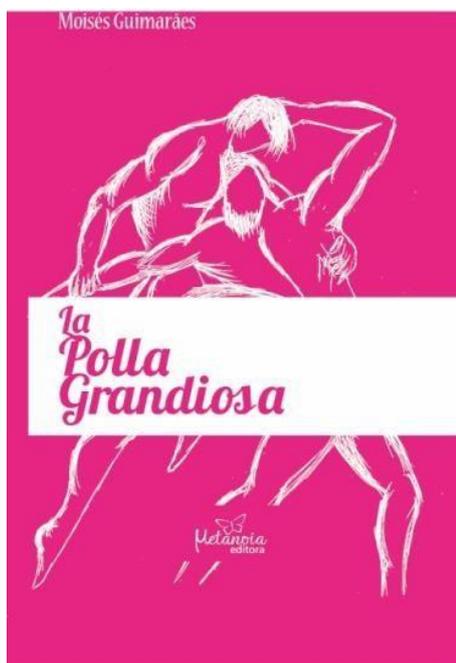


Figura 3: Capa *La Polla Grandiosa*

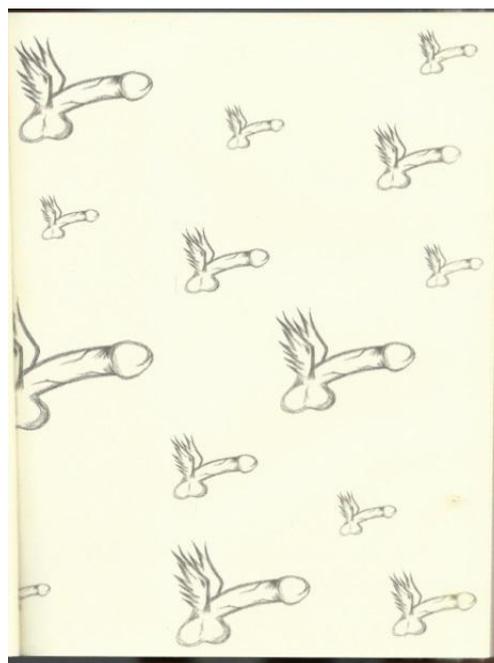


Figura 4: Ilustração de *La Polla Grandiosa*

As informações fornecidas foram bastante instigantes. Era do meu conhecimento a prática de censura a livros ao longo da história, mas não tão recentemente. Destaco o trabalho do historiador Douglas Attila Marcelino (2011), denominado *Subversivos e Pornográficos: censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*, no qual discorre sobre o modo como a ditadura militar havia cerceado uma série de publicações no período consideradas ofensivas “a moral e os bons costumes”. Deste modo era do meu conhecimento a prática da censura no mundo dos livros, mas não em pleno século XXI e sobre outro tipo de regime político, democrático. Ademais, a ilustração proposta para capa do livro não se tratava de uma fotografia, por exemplo, que poderia suscitar uma maior verossimilhança dentro de aspectos de representação ou mímeses. O que demorei a compreender é que se tratava de um e mesmo tópico: o das fronteiras com aspectos da moralidade.

Ainda seguindo as pistas pulverizadas pelo escritor, me atentei para a mudança de apresentação da obra em suas duas versões e edições por parte do próprio site da Saraiva. *Neca Faloônica* é descrita do seguinte modo:

As figurações criadas no livro de poesias 'Neca Faloônica' distanciam-se das Odes ao deus Príapo porque constituem-se num entre-lugar onde o deboche, a ironia e a sátira dão a ver questões mais complexas como a violência de gênero, o descaso com os homossexuais e com as travestis, bem como com outras tantas facetas do universo sexual conformado pelo mundo contemporâneo. O autor propõe um jogo entre a representação do falo na sociedade e a existência do não-fálico, das vozes que foram silenciadas pela invisibilidade, pelo descaso, pela exclusão do direito de ser-se.²²

Ao procurar pela descrição de *La Polla Grandiosa*, versão bilíngue de *Neca Faloônica*, publicada pela Metanoia no site da Saraiva, tem-se:

Composto em versos livres, o conjunto de poemas aqui coligidos mimetiza sobre a forma de palavras certas sensações e experiências que, em virtude dos tabus, preconceitos e estigmas que ainda pairam e modulam a vida social, por vezes são obrigadas a se retraírem, a serem vivenciadas em silêncio e na solidão de um quarto escuro, de uma sauna inebriada por desejos e angústias turvas ou mesmo nas encruzilhadas funestas e soturnas de uma rua qualquer. Dessa forma, a neca odara, a mala armada, o corpo besuntado de deleite são mais do que a letra enseja. O deboche, a ironia e a sátira dão a ver questões mais complexas como a violência de gênero, o descaso com os homossexuais e com as travestis, bem como com outras tantas facetas do universo sexual conformado pelo mundo contemporâneo. A neca faloônica ensina uma importante lição - a poesia não se dobra a qualquer um, por isso aquele que com ela convive se torna apto a transformar os mais insólitos assuntos em pulsão lírica.²³

Ao conferir a descrição do livro na loja virtual da Editora Metanoia, notei semelhanças com a descrição do produto no site da Saraiva, com a inserção do nome do autor do texto, Fabrício Silveira:

Composto em versos livres, o conjunto de poemas aqui coligidos mimetiza sobre a forma de palavras certas sensações e experiências que, em virtude dos tabus, preconceitos e estigmas que ainda pairam e modulam a vida social, por vezes são obrigadas a se retraírem, a serem vivenciadas em silêncio e na solidão de um quarto escuro, de uma sauna inebriada por desejos e angústias turvas ou mesmo nas encruzilhadas funestas e soturnas de uma rua qualquer. **Dessa forma, a neca odara, a mala armada, o corpo besuntado de deleite são mais do que a letra enseja. O deboche, a ironia e a sátira dão a ver questões mais complexas como a violência de**

²² <http://www.saraiva.com.br/neca-faloonica-4857353.html> Acessado em 26 de janeiro de 2016.

²³ <http://www.saraiva.com.br/la-polla-grandiosa-7987309.html> Acessado em 26 de janeiro de 2016.

gênero, o descaso com os homossexuais e com as travestis, bem como com outras tantas facetas do universo sexual conformado pelo mundo contemporâneo. A neca falôônica ensina uma importante lição - a poesia não se dobra a qualquer um, por isso aquele que com ela convive se torna apto a transformar os mais insólitos assuntos em pulsão lírica (grifo meu).²⁴

Fabrizio Silveira é professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG e também consta na ficha do livro bilíngue de Moisés como autor de sua orelha. No texto presente, afixado na contracapa, em espanhol, é distinto do apresentado acima:

Compuesto en versos libres, el conjunto de poemas aqui reunidos presentan una doble misión: deleitar con la gran capacidad creativa de un minero graduado de la carrera de Letras en la UFMG, pero que hace mucho tiempo anda por tierras cariocas y, en outro plano, mimetizar, con lãs palabras ciertas, sensaciones y experiencias que, debido a lós tabúes, prejuicios y estigmas que todavia acechan y modulan la vida social, muchas veces son obligadas a retraerse, a ser vivenciadas em silencio y en la soledad de un cuarto oscuro, de un sauna embriagado de deseos y angustias turbias, o incluso en las encrucijadas funestas y lúgubres de una calle cualquiera (GUIMARÃES, 2014, contracapa).

Não se trata aqui de pensar a mera tradução de línguas, mas a transposição de informações. Percebe-se uma justaposição destas em sua versão em português com uma segunda, sinalizada por mim em negrito. Ambas dialogam com a primeira descrição quando do cadastro do livro pela outra Editora e em sua versão apenas em português. É possível notar um adensamento e ênfase nos objetivos a que a Metanoia se propõe. A parte que está em negrito e que aparece apenas na descrição do livro no site da Saraiva, mas não na loja da Metanoia, é a expressão não apenas da obra, mas da *marca* da Editora na obra, ou vinculada a esta. Ela o acompanha quando este se encontra fora de sua nova circunscrição “de origem”. A própria apresentação do livro vai sendo moldada em conformidade aos objetivos instituídos e inscritos pela *marca* editorial da empresa que a produz e opera na composição textual deste somada a outros elementos tais como seu design, cor, capa,

²⁴ http://www.metanoiaeditora.com/loja/index.php?route=product/product&path=68&product_id=103
Acessado em 26 de janeiro de 2016.

diagramação. Esta operação extrapola para os meios de circulação em que o objeto se encontra disponível para além das considerações do próprio escritor do texto que o compõe – podemos pensar no plural, em escritores e textos que compõem um livro. Um livro é, portanto, a soma desses inúmeros fatores. O esmiuçamento dessas muitas camadas de sentidos que o perfaz aponta para distintas moralidades presentes.

Deste modo é que me cabe, a seguir, apresentar minha apresentação à Editora Metanoia.

1.2: ENAC-LGBT, Roberto Muniz e Metanoia Editora

6 de junho de 2014, uma manhã quente de outono. Seguia do Rio de Janeiro para Niterói, mais especificamente para o Museu Petrobras de Cinema, localizado na Avenida Visconde do Rio Branco, nº 1354, no Bairro de São Domingos. Neste local, entre os dias 5 e 8 de junho, iria ocorrer o I Encontro Nacional de Arte e Cultura LGBT (EnacLGBT)²⁵. Evento realizado em uma parceria do Ministério da Cultura com a Prefeitura de Niterói – via Secretaria Municipal e Fundação de Arte de Niterói (FAN) – com o objetivo de reunir “representantes de cada um dos Estados da Federação e do Distrito Federal” tendo como intuito traçar um panorama acerca da “cultura LGBT no Brasil” e construir “diretrizes para políticas culturais para o segmento”²⁶.

A seleção de “participantes-convidados” foi realizada em forma de chamada pública que garantiria a estes as passagens, hospedagem e alimentação ao longo do evento. Conforme constava no edital, a seleção destes fora pautada pelos seguintes critérios: 1) Atuação em redes de militância em cultura LGBT; 2) Desenvolvimento de atividades de criação e difusão da cultura LGBT; 3) Realização de pesquisas em cultura LGBT; 4) Participação na formulação e desenvolvimento de políticas de cultura LGBT; 4)

²⁵ Inicialmente o evento iria ocorrer entre os dias 29 de maio de 2014 a 1º de junho de 2014, tendo sido remanejado para a semana seguinte, o que acarretou na desistência de vários participantes conforme me relatado em conversas com os integrantes do evento.

²⁶ Conforme o edital de convocação para participantes do evento: http://www.culturanageroi.com.br/chamadas/arg/2014_EditalArteeCulturalLGTB.pdf Acessado em Maio de 2014.

Membro de instituição civil sem fins lucrativos com atuação junto ao segmento LGBT; e 5) Integrante de Ponto de Cultura. Ademais, ressaltava-se que o tempo de residência do candidato no Estado deveria ser de, no mínimo, um ano e de atuação nas atividades enumeradas acima, de dois anos²⁷.

Embora tivesse sido informado do evento por um amigo estudante da UFF e militante gay, não dei muita atenção por não ter vislumbrado na programação uma parte específica para o debate sobre livros e literatura sob a rubrica LGBT. Isso mudou quando o escritor Roberto Muniz Dias me informou de que lançaria seu mais novo romance, *Urânios*, pela Editora Metanoia, no evento. Cheguei até Roberto por meio de busca bibliográfica sobre o tema de meu trabalho. Graduado em direito e em letras, sua dissertação, intitulada “*Editoras LGBTTTT Brasileiras Contemporâneas como Registro de Uma Literatura Homoafetiva*”, fora defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação de Teorias Literárias e Literatura da Universidade de Brasília (UNB). Nesta, ele aponta ter tido o intuito de “mapear o mercado editorial LGBTTTT no Brasil, seu desempenho e os consumidores deste bem cultural” sob a condição de escritor desta literatura (MUNIZ DIAS, 2013, p. 10).

Assim, em um primeiro momento, seu trânsito entre os campos literário e acadêmico me fez pensá-lo como um dos primeiros contatos a estabelecer, o que fiz ao utilizar as redes sociais para me apresentar como pesquisador e procurar manter contato. Ao longo da minha pesquisa, descobri que Roberto não apenas era romancista, mas que também havia sido sócio-editor da Editora Escândalo. No site desta empresa, sua *marca* era possível de ser apreendida em sua apresentação quando afirmava ser uma Editora voltada para “publicar e projetar no mercado editorial brasileiro obras de ficção e não-ficção exclusivamente de cunho LGBT, contando com autores que versem sobre esse foco nos mais distintos aspectos e colocando-se ao alcance do grande público”²⁸. Mesmo não parecendo estar mais vinculado à Editora Escândalo, sua vinda ao Rio de Janeiro me parecia ser uma boa oportunidade para conversar com uma pessoa que creditava ser crucial para meus interesses analíticos.

²⁷ Como também consta no edital, o orçamento geral do projeto foi de R\$ 749.647,50.

²⁸ Retirado do site da empresa: <http://editoraescandalo.com/site/sobre/>. Acessado em 02/12/2013. A Editora encerrou suas atividades em janeiro de 2015.

Sobre o lançamento, o escritor me informara que o mesmo havia sido remanejado da livraria Cultura, na Cinelândia, centro do Rio, para o I Encontro Nacional de Arte e Cultura LGBT, em São Domingos, Niterói. A publicação do livro pela Editora Metanoia reforçava a minha atenção para as atividades da empresa. Em seu site, a Editora se apresentava com o objetivo de “produzir e difundir livros que expressem a diversidade da experiência humana, de modo a contribuir na construção de um paradigma social totalmente inclusivo, justo e solidário”²⁹. Estabelecendo sua *marca* dentro da chave da diversidade humana, a identidade sexual e de gênero vinculava-se a outros marcadores sociais da diferença na assertiva:

Nossas políticas, diretrizes, ações e produtos não discriminam pessoas com base em raça/etnia, origem, religião, idade, cor, condição social, orientação sexual, identidade de gênero, necessidades especiais ou qualquer outra característica que expresse a diversidade humana.³⁰

A noção de inclusão também chama a atenção na apresentação da empresa em seu site. Em especial na apropriação feita por esta de um fragmento que, embora entre aspas, jazia sem autoria:

Sociedade inclusiva é uma sociedade para todos, independentemente de sexo, idade, religião, origem étnica, raça, orientação sexual ou deficiência; uma sociedade não apenas aberta e acessível a todos os grupos, mas que estimula a participação; uma sociedade que acolhe e aprecia a diversidade da experiência humana; uma sociedade cuja meta principal é oferecer oportunidades iguais para todos realizarem seu potencial humano.³¹

Cheguei ao evento pela manhã e ainda a caminho do portão avistei uma mesa com livros posicionados de diferentes formas e alguns *banners* que não conseguia ler devido à distância. Ao entrar, segui imediatamente para lá. “Pode

²⁹ Retirado do site da editora: <http://metanoiaeditora.com/quem-somos/> Acessado em 02/12/2013

³⁰ <http://metanoiaeditora.com/quem-somos/>

³¹ No site da editora não há a autoria, embora esteja entre aspas. Suponho tratar-se de falha tecnológica. <http://metanoiaeditora.com/quem-somos/> Acessado em 02/12/2013 e em <http://www.independentliving.org/docs6/rtzka199911.html> Acessado em 10/06/2014.

ficar a vontade e, qualquer coisa, só me perguntar, eu sou Lea Carvalho.”, me disse uma voz feminina. Ao fazê-lo, voltei-me em sua direção e constatei tratar-se da mesma moça a quem eu havia perguntado como fazer para adquirir o livro do Moisés Guimarães na livraria Cultura. “Ah, muito obrigado”, respondi meio constrangido por minha falta de educação ao ignorar o mundo por estar hipnotizado pelos livros. “O Roberto irá lançar seu livro aqui hoje, né?!”, lhe perguntei, após uma breve olhada nos títulos, na tentativa, inclusive de corrigir a grosseria. “Sim, mais tarde será o lançamento do livro *Urânios*, do nosso grande escritor Roberto Muniz Dias!”, me respondeu. Demonstrando-se disposta e mesmo convidativa ao diálogo, tomei coragem para comentar que havia entrado em contato com o escritor porque estava iniciando minha pesquisa de mestrado interessado no mercado editorial, nas Editoras e livros LGBTs. “Puxa, que bacana! Como é a sua pesquisa?”, me indagou em tom de empolgação. Enfrentei a pergunta de Lea do mesmo modo que a enfrentava quando feita por professores, colegas e amigos: com a certeza de ser o primeiro a não saber muito bem e que a resposta deveria ser a mais direta, econômica e aliviante possível. Mas também sabia, pelas experiências com estes, que falar sobre o que talvez fosse a minha pesquisa sempre me ajudava a elaborá-la.

Ao fim de uma minuciosa narrativa, embora evidentemente sucinta sobre minhas indagações, Lea me disse: “Que maravilha! Então sua pesquisa surgiu porque você é professor? Que bacana, porque eu também sou professora. De biologia!”. De imediato, senti que nossa profissão acabara por nos vincular e dava mote para uma boa recepção e continuo diálogo. Deste modo, começamos a trocar informações absolutamente valiosas, servindo ainda para corroborar com indagações teórico-metodológicas que sempre atribuí importância: a empatia como sentimento inexorável para o desenvolvimento do trabalho de campo. “Sim, sou formado em licenciatura em Ciências Sociais”, confirmei. “Que barato!”, endossou Lea ao imediatamente sugerir: “Agora, você precisa conhecer a Editora Malagueta, falar com a Hanna Korich e a Laura Bacellar. Porque nós nos baseamos e inspiramos muito nelas para criar a Metanoia”. A indicação de Lea marcava, para mim, um elo importante que me permitia pensar em vinculações entre as duas empresas.

Após esta recomendação de diálogo com as proprietárias da Malagueta, Lea me contou sobre o surgimento de sua empresa: “Metanoia é uma palavra de origem grega que expressa a crença em uma nova forma de pensar”, me disse ao explicar a origem do nome da empresa, a adoção do slogan “Escrevendo uma nova forma de pensar”, presente na margem superior do site, e fornecer pistas para refletir sobre a escolha de uma imagem vazada de borboleta como imagem-símbolo. Ademais, atrelou seu surgimento à sua atuação em uma igreja inclusiva: “Eu e Maria Luisa, minha sócia e também companheira de vida, tivemos a ideia de criar uma Editora voltada para a publicação de livros religiosos inclusivos. Depois vieram os livros acadêmicos e os de literatura”. A relação entre homossexualidade e religião cristã, foco das pesquisas de Marcelo Natividade, vem chamando a atenção para a emergência de “igrejas inclusivas” evangélicas no Brasil onde a categoria “inclusiva” visa dar conta da “aceitação” de pessoas homossexuais “sem exigir mudança de conduta sexual” (NATIVIDADE, 2008). O antropólogo também destaca o importante papel de uma literatura religiosa nesse processo. Inicialmente condenatória, a publicação deste tipo de literatura por parte dos membros de tais igrejas parecem apontar para a produção discursiva contrária ao que fora escrito e publicado até então por denominações conservadoras. Uma “contra-literatura” revisionista dos preceitos elencados para justificar exclusões.

Embora tenha concebido selos editoriais com fins a ajudar na organização dos conjuntos de publicações sobre um dado assunto, Lea me contou que a adoção deste sistema dependia da relação estabelecida com os autores: “Alguns preferem sair como Metanoia Editora e não Mundo Contemporâneo Edições, por exemplo, quando se trata de obras de não-ficção. Até porque Metanoia já é mais conhecido. Então tudo bem, a gente conversa”, finalizou, com um riso descontraído. As informações do site e as informações de minhas incursões a campo junto com a Editora apontam para impasses que durante muito tempo não soube bem como resolver. Isto porque, pelas informações contidas no site, a Metanoia Editora apresenta-se como empresa constituída por duas grandes linhas editoriais: Cultura e Religião. A primeira sendo composta por “romances, contos, literatura infanto-juvenil, poesia, ficção e biografia” e a segunda

responsável por abarcar as publicações em teologia inclusiva e teologia³². Ademais, o site apresenta a existência de três selos editoriais: o *Mundo Contemporâneo Edições*, o *coleção Crianças Diversas* e o *Lado B edições*. Segundo o site, os selos estariam voltados para “publicações técnicas”, “publicações voltadas ao público infanto-juvenil” e “literatura adulta, voltada para maiores de 18 anos”, respectivamente. Ao longo do trabalho, as possibilidades esbarram: pode ser um desordenamento classificatório da empresa ou um borramento destas classificações. De todo o modo, o possível desordenamento não conduz a uma crítica negativa, produzindo a riqueza de tentar captar algo em movimento, mudança e sobreposição.

Passado algum tempo de conversa, Maria Luiza, mais conhecida como MaLu, chegou ao local de evento e me foi apresentada por Lea, que lhe contou sobre minha pesquisa. MaLu, que é formada em design, assumiu as atividades ainda pendentes, como arrumação de outra mesa com exemplares do livro de Roberto, bem como o *banner* de divulgação do mesmo. Ao fazê-lo, isso permitiu que minha conversa com Lea continuasse. Assim a empresária começou a me explicar que o número de tiragens de livros estava passando por um processo de redução, principalmente por parte das pequenas Editoras que, como a dela, publicavam tiragens de 200 exemplares em média. Ainda sobre o processo de publicação, também disse que trabalhava com alguns modelos como o custo do livro totalmente pago pelo autor, pela Editora ou por ambos. “O mercado do livro no país é muito custoso. Pra você ter ideia, as livrarias são quem mais lucram, podem chegar a ficar com até 50% do preço de capa do livro”, concluiu ao me contar que a Editora, ao longo desses três anos de existência, já contava com um catálogo de quarenta e seis títulos. “Mas nós não pensamos tanto em fatores econômicos, porque não é vantagem”, respondeu ao explicar que muitos autores não entendiam o trabalho e fazem cobranças que não estavam ao seu alcance. Arrematando: “Escritor bom é escritor que se vende”. A fala de Lea abre para o aspecto da distribuição, fenômeno difícil de ser solucionado quando não há muito capital de giro em uma empresa.

³² <http://metanoiaeditora.com/quem-somos/> Último acesso: 02 de fevereiro de 2016



Figura 5: Banca da Metanoia no ENAC-LGBT

“Eu nem te perguntei se você é militante.”, me indagou ao tomar a frente no diálogo. Contei-lhe que havia alguns anos que vinha participando da equipe de uma ONG na cidade de Campos dos Goytacazes que não só organizava a Parada do Orgulho LGBT da cidade como mesas de debates e palestras em prol dos seus direitos civis. “Ah, porque a gente não é militante desses, bem, mas os livros são uma forma de militância: a nossa forma.” Lea me disse que havia sido Roberto Muniz Dias que tinha conseguido um espaço no evento para a Editora e para fazer o lançamento do livro já que ela havia sido informada sobre o mesmo muito em cima da hora. Disse-me que também estava com um estande na Feira do Livro de Niterói também naquela semana, levando-a a se revezar entre os dois eventos.

Você veja que a gente não sabia que iriam ter muitas crianças lá na feira por causa das excursões escolares, então tivemos de esconder, deixar mais ao fundo uma série de títulos mais, digamos, para adultos, mais quentes; até trouxemos mais para cá e deixamos

alguns infanto-juvenis que tínhamos lá. Um menino, de uns 13 anos de idade, tinha um vale que a escola dá para compra de livros. Aí ele passou pelo estande e se apaixonou pelo livro *All Star Azul*, esse aqui. Aí ele se foi e voltou no outro dia e me entregou o livro e mais dez reais, o que dava o valor do livro. Então ele abraçou o livro e foi feliz da vida. Eu conto isso e até me emociono, sabe?!

A empresária finalizou a história absolutamente emocionada. Eu mesmo, ao receber o impacto da narrativa, me encontrava ligeiramente abalado não apenas pela emotividade contagiante, mas por reconstruir imaginariamente a cena e ter minha própria história de vida como referência. Retomando o fôlego, Lea concluiu: “Então eu acho que se trata mesmo de uma missão, um tipo de militância; porque eu acredito na literatura como um espelho, como um reflexo da sociedade que queremos”.

Saí do evento para comer alguma coisa e ao retornar, Lea foi me apresentando, conforme iam surgindo, escritores que por lá passavam para prestigiar o livro de Roberto. Foi assim que conheci Sergio Viúla e Kátia Viula. O primeiro já havia escrito e publicado dois livros de forma independente e possuía contos em coletâneas, a segunda, disse-me que era menos extrovertida do que o irmão e que estava começando a percorrer este universo da escrita. Sergio, ademais, me disse ser o administrador do grupo do *Facebook* denominado “Literatura com temática LGBT”, espaço que vinha acompanhando.

Roberto Muniz não tardou a chegar. Comprei seu livro com Lea e, enquanto ele o autografava, o lembrei de nossas trocas de mensagens. Roberto me falou de seu novo livro rapidamente e fez um sobrevoo geral sobre suas publicações anteriores. Reposicionou-nos de modo a ficar na frente do banner de divulgação de *Urânios* para que o fotógrafo presente registrasse o momento, levantando levemente a mão que eu segurava o livro para enquadrá-lo na imagem. Após este momento, fomos interrompidos por uma equipe que desejava fazer uma gravação com ele sobre sua obra. Não pudemos conversar como eu esperava, mas um ponto deste episódio me chamou atenção. Ao se retirar da roda de conversa e seguir em direção até Roberto Muniz, Sergio Viúla que também estava com um exemplar nas mãos, o abriu e disse em voz

alta e de modo festivo: “Puxa, que genial, nem me lembrava que eu havia escrito algo tão bonito!” O comentário com ares jocosos de Sergio nos permite traçar uma infinidade de reflexões. A mais imediata diz respeito às relações entre os *profissionais dos livros*, posto que, segundo o crítico literário Rafael Gutierrez Giraldo,

Textos como las notas sobre literatura o los prólogos permiten pensar más directamente la cuestión del escritor como crítico o el escritor como lector, y muestran la manera particular en que un escritor se aproxima a otros textos ficcionales y cómo se va definiendo, por un lado, su idea de literatura y, relacionado con esto, su propio mito de escritor, algo que también aparece de manera evidente en sus entrevistas (GIRALDO, 2014, p. 315).

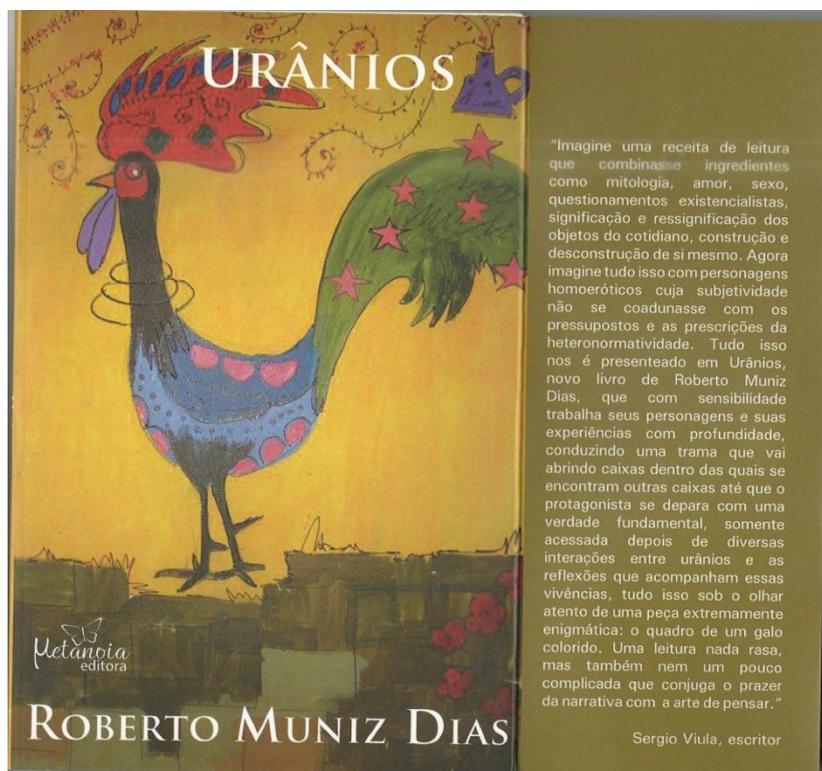


Figura 6: Capa do livro *Urânios*

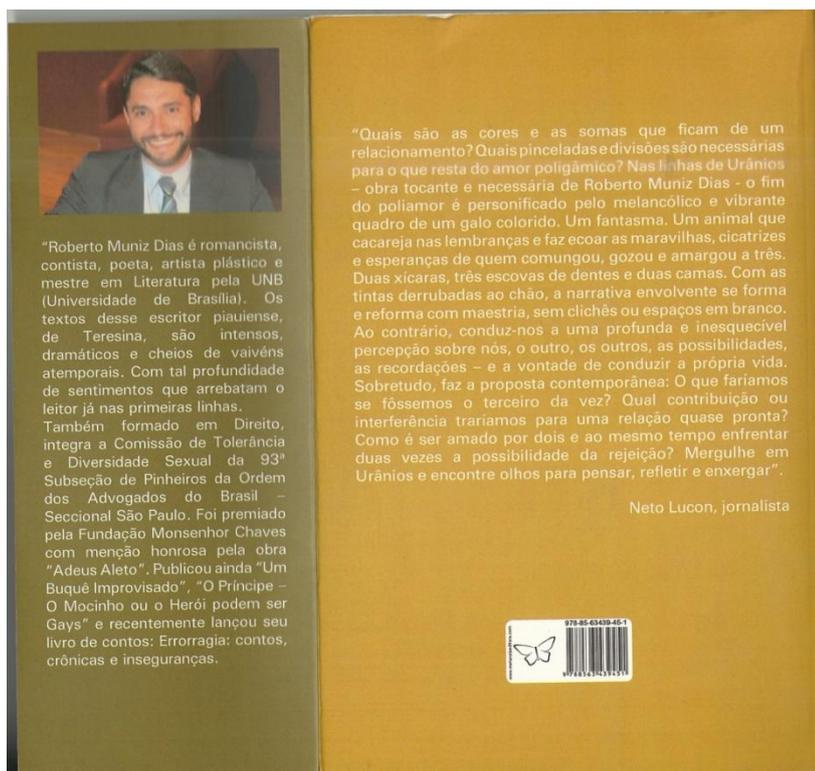


Figura 7: Contracapa do livro *Urânios*

Na contracapa, um expressivo texto assinado por Neto Lucon, jornalista com expressão em vários veículos de comunicação LGBT legitimava a produção de Roberto e a inseria dentro deste circuito, possibilitando divulgação e, por conseguinte, circulação informacional acerca do livro. Junto a Sergio Viula, ambos atribuíam valor e inserção específica da obra. Ao fim do ENAC-LGBT, tendo perguntado a Lea sobre o que havia achado do evento, ela me disse, dentre outras coisas, estar muito satisfeita com o interesse do público pelos livros, com as vendas, ressaltando ter tido melhor retorno do que na Feira do Livro de Niteroi por estar diante de um público específico para quem inúmeras das publicações encontravam-se direcionadas³³.

³³ O dia 5 de junho foi destinado à recepção dos participantes e passeio turístico pelos patrimônios artísticos da cidade de Niterói. Permaneci no evento ao longo dos dias 6 e 7. O dia 8 culminou com a Parada do Orgulho LGBT na cidade. Estive em contato com as donas da Editora e com alguns escritores durante estes dois dias. Também perambulei pelo local, assisti algumas atividades, embora não possa me deter sobre elas neste momento. Ressalto, todavia, que o debate sobre "Cultura LGBT", movimentos sociais e políticas de Estado não puderam ser enquadradas dentro dos limites do meu trabalho, incitando a produção de artigos em momento oportuno. Sobre o processo de construção de uma "população LGBT" frente ao Estado com fins à reivindicação de direitos no país, ver Aguião (2014).

1.3: O livro turvo de Helder Caldeira

No dia 05 de julho de 2014, me desloquei de Seropédica rumo a Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. Um sábado à noite ausente de brisas ou nuvens no céu. Possuía apenas um endereço, anotado em uma caderneta, e a destreza para desconstruir mapas, e me perder. Deveria chegar até o Instituto Cervantes, na Rua Visconde de Ouro Preto, número 62. Lá, a partir das 18h, segundo havia descoberto em mais uma de minhas viagens pelas páginas virtuais da internet, ocorreria o lançamento do livro *Águas Turvas*, do escritor Helder Caldeira, recém-publicado pela Editora Quatro Cantos.

O lançamento do livro estava inscrito dentro das atividades do Rio Festival Gay de Cinema, evento de exibição de películas de longas ou curtas metragens e documentários de temática homossexual. Em geral, após a exibição dos filmes, é frequente a ocorrência de debates com atores e diretores envolvidos nas produções fílmicas, o que lhes permitia apresentar seus processos criativos e suscitar discussões sobre temas presentes na dinâmica social. O Festival estava sendo massivamente divulgado e suas atividades estavam distribuídas por vários espaços da cidade. Com relação ao lançamento do livro, chamou-me a atenção a diferença com que a obra havia sido até aquele momento apresentada ao público. Comparando-a com as demais produções que eu já mapeava há algum tempo, não conseguia observar na sinopse sobre a história do romance, na capa do livro, no site ou *clipping* de divulgação, elementos que evidenciassem a tentativa de marcar um “pertencimento” específico dentro da dinâmica classificatória presente no mundo dos livros. De forma mais precisa, tinha descoberto as atividades por meio de Sergio Viúla que havia me sido apresentado pela editora Lea Carvalho. Em contato ele por meio das redes sociais e de seu *blog*, tomei conhecimento não apenas do lançamento do livro, mas também de um debate onde comporia uma mesa junto com Helder Caldeira, a ocorrer no dia seguinte ao lançamento do romance deste último.

Chegando ao endereço, após, evidentemente, me perder, estranhei a não divulgação na porta do Instituto sobre as atividades referentes ao Festival e ao lançamento. A impressão era mesmo de o lugar estar fechado. Passei

pela entrada, que estava vazia, e não encontrei porteiro ou recepcionista que pudessem me dar quaisquer informações. Ao circular pelo lugar, ouvia algum som distante ecoando da escada e para lá me destinei, subindo até o terceiro andar. Ali vi um espaço pequeno, que mais parecia ser de passagem do que de permanência, ou próprio para atividades. Ao entrar no espaço destinado ao lançamento, o autor, que eu havia reconhecido da foto de divulgação nas redes sociais, concedia uma entrevista gravada na qual afirmava ser a obra um romance de temática LGBT ressaltando ser real o cenário da narrativa, embora os personagens fossem todos ficcionais. “Por fim, tem pensado no próximo livro, uma continuação?”, perguntou a Jornalista. “Não penso em uma continuação. Mas já tenho escrito algumas linhas do próximo livro”, respondeu Helder. “Também nesta temática?”, retrucou. “Sim, também na temática LGBT. Acho importante, é um mercado muito carente”, concluiu o autor.

O espaço destinado ao lançamento era pequeno e não possibilitava um contingente de pessoas expressivo. Ademais, se aquelas que fossem ao evento decidissem ali ficar, seria difícil devido a sensação de este constituir-se como espaço de transição. Ao “entrar” neste local, ao me virar para a esquerda, ficava à frente do autor, posicionado atrás de uma mesa e à frente de um *banner* com imagem da capa do livro e a figura de dois jovens do sexo masculino se beijando. Então, do lado esquerdo, uma estante repleta de exemplares do livro e mais à frente, outra mesa próxima a uma pilastra discretamente mantendo mais exemplares do livro a serem vendidos. Refletindo sobre a dinâmica das Editoras até agora relacionadas, noto um agrupamento de funções que tem se desmembrado; quero dizer que a materialização de pequenas (e talvez médias) editoras ao público tem se dado por meio da disposição de livros sobre uma determinada mesa e fixação de um *banner* ao lado e/ou fundo desta, sendo este(s) informativo do *slogan* e contatos da própria Editora e/ou do livro em destaque ou lançamento. Nesta configuração, onde não é possível utilizar recursos que se encontram convencionalmente definidos, a Editora (e os editores) fazem as vias de distribuidores e livreiros. Longe de me soar mera impossibilidade competitiva, a não possibilidade de desempenho de tarefas específicas dentro desta atividade

coletiva reflete-se aqui em possibilidades de novas perspectivas (BECKER, 2010, p. 31).



Figura 8: Lançamento do livro *Águas Turvas*, de Helder Caldeira

Aproximei-me então de um homem cujo cabelo cumprido estava preso ao estilo “rabo de cavalo”, vestindo uma blusa azul em pé próximo a uma mulher, alta e loira, com um avental da Editora, sentada, a repor os livros que iam sendo vendidos sobre a mesa. Comprei o livro e, mediante a impossibilidade de ficar em algum canto a observar o espaço e as pessoas, esperei a entrevista terminar para então me encaminhar à mesa onde estava o escritor. Sorridente, me cumprimentou e perguntou meu nome para poder autografar o livro. Apresentei-me como pesquisador que iniciava uma investigação sobre mercado e livros de literatura autointitulados como LGBTs. Helder se interessou por me ouvir. Disse-me que possuía conhecimento sobre algumas destas Editoras que eu estava interessado em pesquisar, mas que “não queria ficar tanto no gueto”, desejando “ser lido por todos” uma vez que “queria uma literatura de entretenimento, uma Stephenie Meyer ou Nicolas Spark nacional”.

O acionamento a ideia de uma “literatura de entretenimento” se revelará um aspecto recorrente em minhas incursões etnográficas. Como poderá ser visto mais adiante, a ideia de entretenimento como fenômeno de vendas sinaliza para a dimensão mercadológica do objeto livro, constantemente dificultada se detentora de um tipo de linguagem muito particular aos que conformam as classificações a respeito do que seja ou não (boa) literatura. Fenômeno semelhante foi tratado por Bourdieu (1996) no que se refere a uma “alta” e “baixa” literatura, sendo a primeira pouco lida se comparada à segunda, ao passo em que esta menos nobre em relação à primeira. A distinção entre suas reflexões para as que aqui apresento parecem ensejadas nas transformações do próprio mercado editorial, onde editores e autores contam com o advento da internet e mudanças na cadeia produtiva dos bens culturais. Assim, “literatura de entretenimento” nesta dissertação não é pensada em aspectos de gosto estéticos definidos por determinados agentes, mas como modo classificatório cujo intuito maior é o de ser publicado, lido e comentado por parte dos leitores.

Sobre o processo criativo e de elaboração do romance, Helder Caldeira disse-me que:

Você vai perceber no romance que os personagens são ficcionais, mas os lugares são todos reais. Eu precisava que a história se passasse nos EUA porque eu tinha interesse em escrever sobre aquele lugar, aquele período, sobre uma família republicana para isso eu fui pra lá, fiz uma longa pesquisa, pedi autorização para reproduzir os cardápios dos restaurantes. Uma curiosidade é que, em uma parte do livro, os personagens trocam e-mails. Eu criei endereços eletrônicos reais. Alguns leitores mandam e-mails não para mim, mas para os personagens. Eu os respondo, mas não se trata de continuação da história, apenas dou algumas pistas, desdobramentos possíveis, as histórias, como as vidas, seguem não é bacana?

Neste ponto, realidade e ficção, elo sobre o qual a literatura estaria frequentemente tensionada, assumem fronteiras pouco definíveis nas quais o aspecto relacional sobressai-se na perspectiva entre criação e invenção, tratando-se, portanto, muito mais de ficções persuasivas (STRATHERN, 2013). Mas o debate sobre ficção e realidade diz respeito à própria conjectura social

sobre as quais a arte se encontra compreendida em dada sociedade e período histórico. Deste modo, a concepção de arte localizada a partir do século XIX ainda parece fazer ecoar a ideia de arte como “um domínio especial de criatividade, espontaneidade e pureza, um reino de sensibilidade refinada e de ‘gênio’ expressivo”, onde “o ‘artista’ era posto à parte da sociedade, frequentemente contra ela – quer fosse ‘do povo’ ou ‘burguês” (CLIFFORD, 1994, p. 81). O que está em jogo, aqui, não apenas nesta fala do autor, mas em outras e também na de sua editora, como mostrarei mais adiante, visa pensar a obra permeada por valores exteriores que refletem sobre a importância da obra artística na/para a sociedade, mas também põe em xeque pensá-la segundo essas percepções ou não, deixando aos leitores suas próprias construções na relação com o objeto artístico (BECKER, 2010, p. 37 e pp. 43-44).

Ao ser perguntado sobre os personagens principais e o enredo sobre o qual versa o livro, Helder me respondeu: “Eu acredito, como na novela que acabou a pouco, em um processo de humanização dos personagens [homossexuais], de sensibilização mesmo, para que sejam assimilados”. O autor se referia à novela exibida pela TV Globo, intitulada *Amor à Vida*, onde o antagonista, alardeado como o “primeiro vilão gay da TV”, teria passado por uma sequência de acontecimentos que lhe redimiam de suas “vilanias” – fruto de intempéries sobre as quais suas ações passam a estar de certo modo justificadas –, a ponto de merecer um desfecho com final feliz. A antropóloga Heloisa Buarque de Almeida (2014) vem produzindo interessantes trabalhos que visam mostrar como uma “pedagogia feminista” adentrou a teledramaturgia brasileira a partir da análise do seriado *Malu Mulher*, exibido entre maio de 1979 e dezembro de 1980. Nesta discussão, o tema da homossexualidade também ganhou espaço de forma inovadora na televisão (ALMEIDA, 2014, p. 290), encontrando-se vinculada ao próprio desenvolvimento deste debate no país também iniciado nos anos de 1970.

Inspirado no trabalho de Almeida, tracei uma análise do romance *Águas Turvas*, de Helder Caldeira. No processo intitulado pelo escritor como “de humanização”, um somatório de perdas afetivas e violência sexual acometidas sobre o protagonista da história lhe destituem a condição de humano, somente

reconstituída por meio da aquisição de um relacionamento que avança para um casamento, adoção de um filho e vínculos familiares normativos. Dentro desta perspectiva, o amor surge como uma categoria que se sobrepõe aos demais marcadores sociais, tornando-se um destes, ao passo em que se observa também o apagamento da sexualidade homossexual quando contrastada com a de personagens heterossexuais também presentes no enredo³⁴.

1.3.1: Debatendo a Literatura LGBT com Sergio Viúla e Helder Caldeira

No dia seguinte ao lançamento do livro ocorreu um debate denominado *A Literatura LGBT* na livraria Travessa do Shopping Leblon, também na zona sul da cidade, ou seja, espaço marcado pela sociabilidade de pessoas da classe média. Não apenas Helder Caldeira era um dos convidados como também Sergio Viúla, autor de duas obras também autotituladas como de temática LGBT. Nesta noite de domingo, Sergio iniciou o debate apresentando historicamente a existência de uma literatura homossexual. Fazendo um recuo até a Grécia Antiga, trouxe à baila a poetisa Safo de Lesbos, que teria escrito poemas de amor para uma de suas pupilas. Em contínuo, o autor citou um poema de Fernando Pessoa, referendou Oscar Wilde até se encaminhar para o contexto brasileiro. Na literatura nacional, apresentou o livro *O Bom-Crioulo* como o primeiro romance homossexual brasileiro e, possivelmente, mundial. Em seguida transitou entre outras obras e autores até encerra com o livro de Helder Caldeira.

Nota-se a construção genealógica de pais fundadores do que se intitula “literatura de temática LGBT”. Autores, editores, ativistas, críticos literários e acadêmicos têm operado elencando expressões de gênero, sexo e sexualidade em narrativas ficcionais anteriores não somente à construção da figura do homossexual, historicamente descrita por Michel Foucault (2014), como pelo

³⁴ O artigo ainda está inédito. Nele, busquei mostrar, partindo da análise do enredo do livro, o fazer e o desfazer de uma série de constrangimentos sociais instaurados na trama narrativa que possibilitaram aos protagonistas terem um “final feliz”. Intitulado *Entre Textos e Contextos, Tramas e Promessas do amor na Literatura Contemporânea*, o trabalho foi aceito para integrar o livro *Governo, Desejo, Afeto: Discutindo gramáticas de gênero*, organizado por Maria Elvira Diaz-Benitez e Everton Rangel e aprovado para publicação em edital da Faperj.

próprio debate identitário, no Brasil, por exemplo, ocorrido apenas a partir dos anos 1970. Atuando como colecionadores, observa-se um processo onde “os diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas ocorrências temporais originais”, recebendo “um valor duradouro num novo arranjo” (CLIFFORD, 1994, p. 79) que contribui para conformar a constituição do que deliberam enquanto uma “cultura identitária LGBT”³⁵. Tal mobilização parece despontar no cenário das políticas públicas no país, sobretudo a partir dos anos de 1990, quando as reivindicações do movimento LGBT deixam de estar restritas ao âmbito da saúde e se ampliam na busca por garantias de outros direitos humanos (FACCHINI & FRANÇA, 2009; AGUIÃO, 2014).

Deste modo, concordo com o argumento de James Clifford (1994) ao afirmar que “coletar, pelo menos no ocidente, onde geralmente se pensa o tempo como linear e irreversível pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis: a coleção contém o que ‘merece’ ser guardado, lembrado e entesourado” (CLIFFORD, 1994, p. 79) na construção de uma memória e um grupo específico dotado de uma história que se quer singular. Assim, afóra as obras, outro modo de classificação utilizado tem sido aquelas que inserem escritores já canônicos no campo literário como autores (de obras) LGBT por terem tido práticas sexuais não heterossexuais, vinculando suas experiências pessoais às produções textuais, tais como os escritores contemporâneos o têm feito.

Este fenômeno tem se dado não apenas por autores, editores e críticos, como também em trabalhos acadêmicos de intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento. O que parece consenso é a lógica onde o fazer artístico encontra-se vinculado ao próprio fazer-se (DIAS, 2013), de modo que elencar e requisitar a reclassificação de obras sobre o escopo da identidade sexual e de gênero, a qual teria pertencido seus autores, diz respeito à construção da vinculação entre uma biografia da obra com uma biografia de seus produtores (KOPYTOFF, 2008, p. 110). Embora haja esta revisitação e acionamento daqueles que hoje são considerados escritores clássicos por parte do Sergio Viúla, por exemplo, Helder Caldeira marca o desejo de produzir

³⁵ Tal definição aparenta ter mais relação com certa instrumentação política do termo “cultura” do que com a ideia de cultura nas Ciências Sociais e na Antropologia, tratando-se, portanto, menos de um conceito e mais de um instrumento de reivindicação política e, neste sentido, volátil.

uma “literatura de entretenimento”. Esta me parece ser uma forma de visualizar a oposição traçada por Bourdieu (1996) sobre “alta e baixa cultura” de modo instigante, pois, se com o primeiro ocorre uma vinculação biográfica entre a vida dos autores e suas obras de modo externo, ou seja, sem partir destes, com o segundo esta vinculação, que compreendo segundo Kopytoff (2008), varia de acordo com os rendimentos da empreitada. Ou seja, embora o valor artístico não esteja sendo questionado, o que se vislumbra é a oposição entre aspectos de prestígio e vantagens econômicas. Ao fim e ao cabo, a forma de classificar vincula-se ao ato de consumir (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2013) e de se posicionar no mundo.



Figura 9: Debate sobre Literatura LGBT com Helder Caldeira e Sergio Viúla.

Após a fala de Sergio Viúla, Helder Caldeira falou brevemente sobre seu livro, enfatizando sua satisfação ao tomar conhecimento que tem sido lido por jovens do interior da Bahia e de demais lugares interioranos do país. Falou da

necessidade de existência de uma literatura que retrate possibilidades de afeto, expressando vinculações sobre produção e consumo da obra como elemento fundamental para a relação de manutenção do mesmo na esfera do grupo social e da multiplicação de significados (DIAS, 2013, p. 198). Findado o debate, indaguei aos editores-proprietários, o casal Rosana Martinelli e Renato Potenza, sobre como teria se dado o processo de produção e recepção deles a cerca daquela obra. Rosana me contou que o manuscrito havia sido encaminhado primeiramente a Renato por meio eletrônico e que, ao lerem, se encantaram com a história e aceitaram publicá-la. Contaram-me que a Editora havia surgido um ano atrás, mas que estavam retornando somente agora suas atividades. Disse-me ainda que ao começar o processo de produção do romance, foi “pesquisar sobre o assunto” e que assim acabou conhecendo o *blog* de Sergio Viúla:

Nós decidimos deixar o livro ser lançado e seguir seu curso. Então vieram os convites para lançá-lo no Festival e para o debate na livraria, para o qual convidamos o Sergio. Quando comecei a pesquisar e achei o *blog* dele, nossa tinha muitas coisas que eu não sabia como, por exemplo, que é possível você ter uma identidade de gênero e uma orientação sexual não correlacionada.



Figura 10: Reprodução da "página" do Facebook da Editora Quatro Cantos.

A fala de Rosana aponta para a extensão desse aprendizado a pessoas que não possuem uma identidade e orientação sexual discordantes da matriz heterossexual. Em contato com os livros, a empresária apreende valores expressos nas trocas, nas imagens e nas metáforas que os livros possibilitam ao desnaturalizar as convenções em voga na sociedade. Atrelado a perspectiva de “humanização” declarada pelo autor e sua recusa a vincular-se “ao gueto” por meio da publicação da obra partindo de Editoras declaradamente LGBTQs, observa-se a tentativa de prolongamento da mensagem a ser transmitida, por um lado, mas dinâmicas de mercado com finalidades ampliadas, por outro. Se no primeiro evento a obra e Editora vinculam-se a e circulam em um segmento específico, um *Festival de Cinema Gay*, neste segundo evento, por meio desta “insígnia” que poderia ser considerada negativa, ambas adentram em uma livraria, espaço de reconhecimento e de consagração no campo literário. Estando na livraria, a Editora deixa de acumular a função de livreiro, ao passo em que perde economicamente uma vez que, em geral, a livraria costuma ficar com 50% do

preço de capa do livro por eles exposto e vendido, em geral em consignação. O contraponto, ademais, é a disponibilização física do livro dentro do espaço, estando no campo da distribuição e de um valor simbólico e de prestígio que é o pertencimento desta em um catálogo físico. De todo modo, evidencia-se aqui o modo como os objetos mudam de estatuto a todo o instante bem como as pessoas a eles relacionadas. Não se tratando exclusivamente da construção de “identidades” LGBTs ou de uma “cultura LGBT”, mas possivelmente, nos termos de Heinich (1991), de um “espaço hermenêutico” LGBT, onde caibam tantas definições e estratégias quanto forem necessárias para que as pessoas possam se identificar ou não a partir do acionamento de uma gama de "elementos de composição" como ser escritor, ser LGBT ou ser escritor LGBT, tudo a depender do contexto.

Quis saber de Rosana sobre o processo de produção do objeto livro. “Você leu?”, me indagou. “Ainda não, pois comprei com vocês ontem no lançamento”, respondi. Rosana me disse então que não iria adiantar muita coisa pois tudo ali estava relacionado com a narrativa, inclusive a capa que recebia sua assinatura:

Mas um fato interessante é que quando fomos pensar o material de divulgação do livro, me sugeriram um beijo e eu pensei “Mas um beijo? Que coisa clichê!”, respondi. Só depois que percebi que não, que para nós, heterossexuais, isso soava clichê, batido, mas que era importante; então foi aí que fizemos uma divulgação com os meninos e um beijo.

A fala de Rosana Martinelli enuncia elementos não apenas artísticos, mas igualmente políticos em torno do livro. Ao relatar as diversas aprendizagens que adquiriu a partir da decisão e processo de publicação da obra, a empresária imprime ao produto não apenas a marca de sua empresa cultural, mas exprime ainda os sentidos produzidos pelo fazer do livro. Estes sentidos são expressos por Rosana enquanto aprendizado profissional e, posteriormente, pessoal que influencia o anterior e é expresso ao público na vinculação da capa e *banner* ao enredo do livro. Embora o *banner* adquira um aspecto explicitamente político se comparado à capa do livro, este último em

grande medida apresenta-se como responsável por não segmentar o objeto o rotulando imediatamente como “produto de/para homossexuais”, garantindo, por exemplo, que os livros possam ser comprados e portados, lidos em público, por pessoas que ainda se encontram confortáveis com suas identidades sexuais, não operando sobre a égide da gramática da resistência, mas da agência de pessoas e objetos.

1.4: Ocello Oliver e Alexandre Calladinni.

Já era 19h do dia 17 de julho de 2014 e eu permanecia sem saber muito bem como chegar ao local de lançamento do livro *As Sete Cores que Amei*, de Ocello Oliver, localizado no Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho – Castelinho do Flamengo, na Praia do Flamengo, nº 158. Com divulgação expressiva pelas páginas de literatura do *Facebook*, a obra seria lançada pelo selo Alma G Edições. No site do selo, o ponto que mais chamava atenção era a descrição deste voltado para a publicação de livros que retratassem “a alma masculina em sua plenitude”³⁶; ademais, a descrição de um outro selo e este vinculado, o Lado B Edições, explicitava a finalidade, por sua vez, de ser “um selo produzido e organizado por homens para homens ávidos por romances, biografias, crônicas, contos que retratem nosso cotidiano e nossa alma, principalmente que falem nossa linguagem”³⁷. Movido por estas poucas informações, seguia rumo ao lançamento e ao inesperado.

“Mas cadê as placas?!”, indaguei, após sair da estação de metrô e atravessar a rua para seguir pelo sentido da praia. “Por acaso você ou seus amigos podem me ajudar?”, vociferei a um rapaz que acabara de se distanciar um pouco de outros dois, todos instalados numa esquina. “Estou procurando o Castelinho do Flamengo. Sabe onde é?”, conclui antes mesmo que pudesse aceitar ou, pior, recusar o pedido. “Vai pro lançamento do livro do Ocello?”, indagou o rapaz, me devolvendo a pergunta enquanto apagava o cigarro na lixeira presa ao poste. “Sim, estou procurando pelo local”, lhe respondi ao passo em que podia quase adivinhar, embora incrédulo, o desfecho desse diálogo. “Então encontrou, é aqui

³⁶ Retirado do site: <http://almagedicoes.com.br/site/> Acessado em 20/12/2013.

³⁷ Retirado do site: <http://almagedicoes.com.br/site/lado-b-2/> Acessado em 20/12/2013.

o lugar. Ocelllo?!”, finalizou o jovem. Ao convocar nominalmente e com o toque de suas mãos o ombro de um segundo homem, até então de costas para nós, este interrompeu o diálogo no qual interagira e se virou em minha direção. Soltei um riso contido de meia boca, nervoso e constrangido. “Olá, seja bem-vindo, sou Ocelllo!”, me disse ao estender sua mão para mim. Suspeitei de que havia ouvido meu diálogo com seu amigo e, ao apertar sua mão estendida, também me apresentei: “Oi, sou Nathanael, soube do evento pelo *Facebook*”. “Ah, sim, vamos entrar!”, concluiu ao finalizar o cumprimento e redirecionar sua mão para indicar o caminho de entrada no ambiente. Subimos as escadas do local rumo ao andar onde se dava o coquetel de lançamento do livro.

Embora fosse uma figura muito alta, longilínea e positivamente impactante, sua voz muito doce e gentil me transmitia confiança. Deste modo, imediatamente procurei estabelecer um diálogo tratando de resumir minha pesquisa. Feito isso, passamos a conversar sobre o contexto da presente atividade: “Sou sócio-editor da Alma G Edições, um selo recente, tem um ano e meio. O meu livro *As Sete Cores que Amei* é o de estreia.”. Perguntei então se o selo era voltado para este público, ao que me respondeu “Sim, eu e meu sócio, que está ali e irei lhe apresentar, tivemos a ideia de criar dois selos voltados para a publicação de livros de homens para homens”. Ocelllo, a essa altura, assinalou que cada selo seguiria uma linha editorial, o primeiro voltado para literatura homoafetiva e o segundo para a literatura homoerótica. A distinção entre uma e outra literatura me era transmitida estando marcado em torno do teor das narrativas, de seus elementos e modos de elaboração criativa. Deste modo, textos considerados pornográficos, por exemplo, saíam pela segunda linha editorial (o selo Lado B Edições) e não pela primeira, na qual seu próprio livro de crônicas parecia estar vinculado. Em síntese, a distinção estava circunscrita em termos de conteúdos e moralidades. Os termos homoerótico e homoafetivo encontram-se ressignificados, de modo que as palavras “afetivo” e “erótico” pesam enquanto radicais cujo objetivo é tão somente delimitar a temática de cada selo editorial.

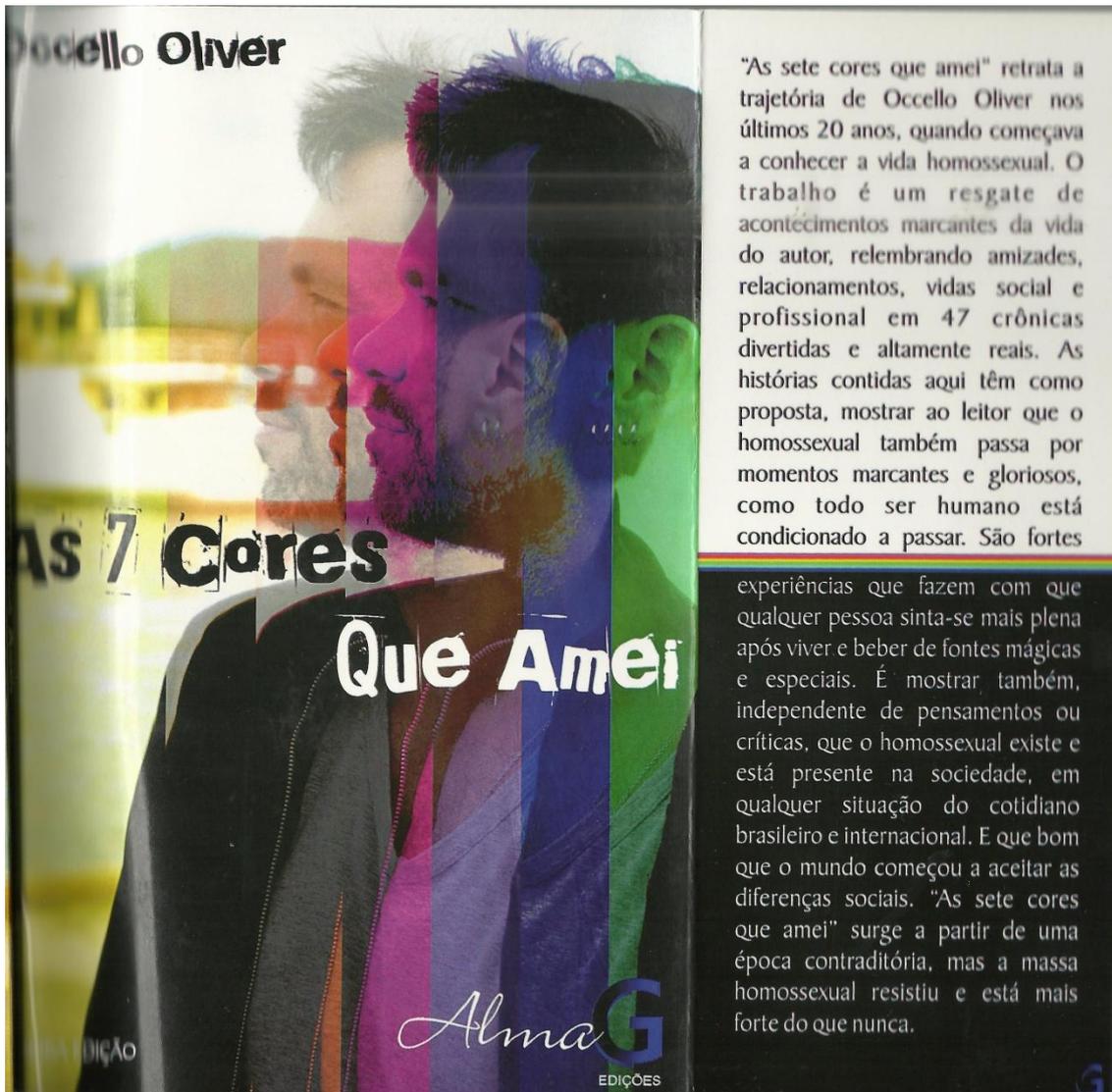


Figura 11: Capa e orelha de *As 7 Cores que Amei*.

“Ah, então esse é o primeiro livro?!”, exclamei. “O primeiro do selo, mas não o da minha carreira.”, ressaltou o escritor, ao completar em seguida: “Aqui trago crônicas que escrevi pelo menos sobre os últimos vinte anos e que abarcam minhas experiências pessoais, profissionais, afetivas de descoberta e vivência da homossexualidade, mas não apenas”. Jornalista e relações públicas, o primeiro livro do autor havia sido uma reelaboração de seu trabalho monográfico para a obtenção do diploma em jornalismo. Neste, Ocello traçava um perfil geral da homossexualidade no país e no mundo com intuito de mostrar a presença de homossexuais nos mais diversos espaços, como o da cultura e da literatura, por exemplo. *Fora do Armário* foi publicado em 2012 pela Editora Metanoia, o

que me levava mais uma vez a pensar as atividades da Editora de Lea Carvalho e MaLu Santos.

Depois de muitas interrupções fomos percebendo mutuamente a impossibilidade de continuarmos a conversa. Nesse ínterim o escritor e editor explicou que os próximos passos seriam: publicar outros escritores e produzir outros livros através da criação de concursos literários. Ademais, me disse que havia criado também a Cultura em Letras Edições, selo com o intuito de publicar “literatura em geral”, uma empreitada apenas sua. “Mas deixe-me apresentar meu sócio, Alexandre Calladinni.”, enunciou Ocelllo ao me conduzir para a parte da sala onde se encontrava um homem, junto aos livros à venda. Ao nos apresentar, resumiu para este o meu trabalho. “Seja muito bem vindo!”, me disse Alexandre e, antes que eu pudesse responder, Ocelllo se apressou em dizer que iria nos deixar para dar atenção aos demais presentes e que depois voltaria. “Muito obrigado, Alexandre. Quanto tá o livro?”, perguntei. “O livro está 40,00”, respondeu. Comprei o livro e o folheei rapidamente, atentando especialmente para a página da ficha catalográfica onde me era possível apreender que fora o próprio Alexandre o responsável pela edição de todo o projeto gráfico – incluindo, aí, as fotografias de Ocelllo presentes na capa e na orelha do livro. “Que bacana a sua pesquisa. Espero que venha aos próximos eventos. Além de editor e sócio do Ocelllo, eu também sou escritor.”. “Nossa, que ótimo. Sim, estou muito feliz por ter vindo”, respondi e antes que pudesse tentar estabelecer uma conversa, fomos interrompidos por amigos de Alexandre que o monopolizaram. Sem lugar, decidi por caminhar um pouco pelo ambiente a espera de uma brecha para voltar a falar com Ocelllo e Alexandre, inclusive, para me despedir a tempo de pegar o último ônibus de volta para Seropédica.

O Castelinho do Flamengo é um conhecido espaço cultural do Rio de Janeiro onde as atividades artísticas podem ser realizadas mediante o agendamento prévio do local. De longe, observava Alexandre Calladinni atarantado com a compra e venda dos livros de Ocelllo (em busca de troco), enquanto este transitava confortavelmente pelos vários salões do local. Em uma das áreas, um *bartender* preparava coquetéis com ou sem álcool; em outra, pessoas fumavam e bebiam descontraídas nos degraus da escada, na área aberta. Solicitado por um grupo de pessoas que haviam acabado de

chegar, Ocelllo retornou a mesa de autógrafos. Ao fim, apresentei meu exemplar, tiramos fotos e me despedi trocando com ele e com seu sócio nossos contatos para conversas futuras por meio do *Facebook*. Assim o uso desse outro espaço se intensificou. Nunca pensei em criar outro perfil nas redes sociais para a elaboração da pesquisa, mas pensei se deveria limitar ou não o acesso às minhas informações, publicações e fotografias. Acabei optando por não fazê-lo. Convenci-me de que aquela poderia ser uma boa forma de fazer os sujeitos que envolviam meu universo de interesse me conhecer. No entanto, percebi que havia passado a utilizar de modo mais intenso as redes sociais, publicando mais matérias sobre o mundo dos livros do que já fazia e procurando estar sempre por dentro das publicações das pessoas que eu seguia conhecendo. Penso que esta era uma forma de não fazer morrer os furtivos contatos que eu vinha ceifando em breves momentos localizados nas duas horas que em geral os eventos duravam. Se nestes vinha construindo as minhas esquinas, com o *Facebook* eu tentava de algum modo prolongar minha estada nelas e, ademais, intuía vislumbrar encruzilhadas, talvez mesmo formar um mapa – um treino para o momento no qual chegaria a ilha.

Voltei para casa com a expectativa de novos eventos. Neste meio tempo, pelas redes sociais, uma relação foi sendo desenvolvida entre Ocelllo Oliver, Alexandre Calladinni e eu. Aliás, não só com eles, mas com todas as demais pessoas que ia conhecendo: uma “curtida” ou “comentário” sobre uma ou outra “postagem” tornou-se frequente bem como o já conhecido texto “vamos marcar alguma coisa”, que nunca se concretizava por diversos fatores. Penso que tal dinâmica coaduna com as reflexões de Daniel Miller (2015) ao apontar para o espaço digital como ambiente dotado de materialidade, onde “fazer coisas *online* é parte e parcela do dia a dia” e supõe recursos e efeitos sobre coisas e pessoas em relação (MILLER, 2007, 2013). Em algum momento deste processo, comecei a perceber a publicação de fotografias dos lançamentos ou de outras atividades como forma de divulgação dos livros para fora dos espaços nos quais havia estado. Ao me “marcar” nas imagens, elas passavam a aparecer em meu “perfil”, sendo “visualizadas” por meus demais “contatos” ou “amigos”. Durante este tempo de espera, recebi um convite de

Occello para participar de um livro que iria organizar. Recusei o convite alegando não escrever ficção. Ele me contestou sobre a alegação de que eu escrevia muito bem. Neste momento, descobri outra forma de ser interpretado pelos sujeitos da pesquisa: como um possível escritor. Embora tenha sempre me apresentado como pesquisador, minha identidade parecia variar. Se para Lea Carvalho nossa vinculação inicial se dera por sermos professores, ainda que eu não exercesse esta atividade, ao atentar para o modo como escrevo, Occello lia-me como potencial autor.

Antecipo que, por vezes, senti-me cobrado e até “apagado” em diversas situações devido a certa ininteligibilidade da minha figura em campo. A compra dos livros como estratégia de inserção nos espaços, embora importante, não parecia ser o suficiente. Em um dos muitos encontros de orientação com Patricia, ao lhe relatar mais de uma vez este ocorrido e lhe mostrar as obras adquiridas nos eventos, ela me chamou atenção para a possibilidade de meus interlocutores me tornarem um colecionador dos livros por eles produzidos, publicados ou discorridos. Embora não consiga, no momento, refletir detidamente sobre esta hipótese, penso que a condição de pesquisador não parecia útil aos meus interlocutores no que diz respeito às suas finalidades mais imediatas. Ao me perguntarem se eu possuía um *blog*, por exemplo, e me ouvirem sinalizar que não, percebia certo desalento. Apenas um deles me disse claramente que se eu o possuísse, poderia até mesmo ganhar muitos dos títulos publicados mediante a produção de resenhas sobre os mesmos. Esta assertiva diz respeito à necessidade de difusão das obras por meio da construção de uma crítica interna já que, não raro, os ouvi reclamarem do silêncio da crítica literária especializada e detentora de importantes espaços de consagração nos mais diversos veículos de comunicação. “Eles sequer te dizem se receberam ou não o livro. Um gasto de expectativas e de exemplares.”, me relatou um dos escritores endossado por outros dois editores.

Ao analisar as “rodas” literárias de São Paulo e do Recife, a antropóloga Simone Silva (2004) chamou a atenção para todo um sistema de trocas e obrigações instituídas no mundo dos livros entre as décadas de 1920 e 1930. A partir do processo de publicação de *Pauliceia Desvairada*, de Mário de

Andrade, e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, apreendida por documentos produzidos à época por escritores, editores e demais agentes culturais. Dentre estes, ao atentar para as cartas pessoais dos escritores, a pesquisadora destaca os pedidos de leituras e a produção de resenhas críticas sobre as obras com intuito de impulsionar os escritores. A formulação de uma crítica literária torna-se, assim, importante para consolidação destes “grupos de amigos” em sua inserção na paisagem sociocultural do país. As resenhas constituíam-se como um trabalho de difusão que, contrastados com as cartas, permitiam entrever negociações e filtragens a respeito das opiniões sobre os romances resenhados, ocultadas nas resenhas³⁸.

“Leu o meu livro? O que achou?”, eram as perguntas imediatamente feitas após os cumprimentos formais. Além da minha apresentação enquanto pesquisador produzir dificuldades de assimilação em longo prazo, sempre que me perguntavam sobre meu trabalho (por esquecimento ou por desejo de desdobramentos), repetidas vezes afirmava também não estar centrado no conteúdo dos livros. Esta enunciação parecia ser ainda mais desconfortável visto que, se a pesquisa estivesse circunscrita em torno do conteúdo dos livros, uma resenha poderia ser elaborada sem esforço agora e, mais adiante, uma dissertação já que eu estaria na tríade pesquisador-leitor-resenhista. Isto ficava claro todas as vezes que reencontrava um ou outro escritor. Não o sendo, minha presença parecia soar quase estranha. A compra dos livros, ao mesmo tempo em que havia sido uma estratégia de aproximação encontrada por mim para lidar com o meu próprio desconforto, servia para amenizar tensões. Igualmente, não consigo pontuar até que ponto este mesmo desconforto não estava encerrado entre objetivos que meu campo instaurava. Isto porque a permanência nos lugares me parecia compor uma estrutura que constrange as pessoas a comprarem ou consumirem o objeto em exposição. Talvez isso seja visível nos espaços de passagem em que ocorriam os eventos, ou nos espaços em que o cerne era outro como a Galeria Café e os sarau, mais adiante, onde nota-se ser possível paquerar, beber algo, rever os amigos. Penso também que o ato de comprar os livros confluiu como forma de me inscrever neste

³⁸ Longe de sinalizar para uma instrumentalização da crítica literária, trata-se de pensá-la, em ambos os contextos pesquisados, enquanto um elemento importante dentro do jogo de relações estabelecidas.

sistema de troca e reciprocidade que é: a produção de livros, por parte dos meus pesquisados; o meu desejo de escrever sobre o universo por eles produzidos, onde a compra deste e talvez a produção de uma resenha; o aceite destes para que eu fizesse parte do sistema mediante a condição de também difundi-lo. A construção do “mundo dos livros LGBTs” requiere, assim sendo, que se compre.

De volta desta longa digressão, enunciava que a expectativa de apreender novos eventos promovidos pelos selos Alma G e Lado B persistiram por alguns meses, até sucumbirem em um sábado, dia 6 de setembro de 2014 quando, imerso na leitura de autores para o trabalho final de uma disciplina do mestrado, Ocello Oliver veio conversar pelo *Facebook*. Após nossos habituais comentários acerca de pizza, malhação e doces como recompensas para vencer a preguiça da prática esportiva, o escritor me perguntou se eu estava pela zona sul do Rio de Janeiro. “Se tiver, poderíamos tomar um chopp literário ou alguma bebida literária... rs”, concluiu. Respondi que havia estado em Botafogo nos últimos dois dias, tendo retornado para casa com fins a terminar alguns trabalhos. “Eu quero esse chopp!!”, finalizei, acrescentando que poderia ser na próxima sexta, após um evento para o qual havia sido convidado por Alexandre Calladinni: uma atividade literária junto a outro autor em Ipanema. Ocello me disse que não poderia estar presente, mas que isso não impediria de marcarmos em outro momento. Voltamos a conversar sobre o frio que estava fazendo e sobre a preguiça de malhar quando este me contou que frio mesmo ele havia pegado em São Paulo na semana anterior, durante a Bienal do Livro: “15 graus ao meio dia na Av. Paulista. Mas a Bienal foi incrível!”, concluiu. “Como é que foi lá: gostou?”, quis saber animado, deixando o trabalho da disciplina de lado. “Uma mega experiência pra mim, pro Leonardo Ottonelli e pra minha Editora também”, me respondeu. Sinalizei nem mesmo imaginar a experiência de estar presente naquele local visto que só havia ido uma única vez a Bienal do Rio. “Gigante.”, adjectivei. Ocello afirmou ter ficado muito feliz com os resultados e que já estava ansioso pela Bienal do Rio, no ano próximo. “Foi um luxo”, definiu.

Comentei ter visto algumas fotografias em seu *Facebook*, embora ainda assim me parecia difícil dimensionar o tamanho do evento. “Sim, de fato, o espaço é imenso”, endossou, passando imediatamente a outro tópico: “Sabe, eu não estou mais com a Alma G Edições. Eu e o Calladinni desfizemos a sociedade. Agora estou apenas com a Cultura em Letras Edições e com minha produtora de comunicação”. “Nossa, não sabia!!”, expressei surpreso, sem me lembrar mais sobre o que eu estava lendo antes de iniciar aquela conversa, a meu ver, casual, em uma noite friorenta de Seropédica (Kant, talvez Immanuel Kant). “Sim... Não dava mais e achamos melhor encerrar. Eu estava ficando mais focado na Cultura em Letras, então sentamos, conversamos e resolver melhor assim pra ambos”. A explicação da divisão do estoque veio logo em seguida: “Dividimos o estoque do *Censurado - sexo, taras e fetiches*³⁹. Fiquei com meu estoque do *7 Cores que Amei*; coloquei em duas lojas pra vender, uma aqui em Copa e outra na Barra”, expôs, completando em seguida: “E coloquei um *link* especial no *site* da Cultura em Letras Edições. Já conhece o *site*?”. Aleguei conhecer apenas a “página” no *Facebook* e, após o escritor me enviar o *link* do *site*, perguntei se o mesmo havia achado necessária essa divisão dos livros.

Sim, justa né? Afinal foi um trabalho feito por ambos... Fizemos uma partilha: o *Censurado* está em várias lojas. Ele fica com uma parte e eu com outra, além de dividir o estoque. E do *7 cores* fiquei com tudo pra mim, além do estoque e a consignação nas lojas. O estoque de ambos é pequeno. Em pouco tempo esgotei o *7 cores*. Falta pouco. No *site* vou atualizar algumas informações, vou pedir ao *web design* pra fazer.

Tendo minha pergunta interpretada de outro modo, tratei de corrigi-la: “Sim, mas me referia à parceria entre vocês. A Alma G era dos dois, mas a Cultura era só sua, é isso?”. “A Cultura é só minha. Foi válido, considero todas as experiências válidas. Infelizmente foi assim, mas é melhor. Trabalhamos bem, viajamos divulgando e lançando fora do RJ”, comentou, prosseguindo no trânsito entre esclarecimentos, reflexões sobre atividades passadas e planos futuros: “Foi uma experiência bacana. Agora estou apenas com minhas filhotas e graças a Deus dando bons passos. Já

³⁹ Falarei sobre este livro mais adiante.

estou na terceira produção da editora. Estou satisfeito com o andamento de tudo.”. “Me recordo que da última vez que conversamos você me disse que havia uma divisão a respeito das temáticas dos livros por selos. O que tem pensado agora sobre isto?”. Ocelllo me disse que tinha aberto mão da temática GLBTT⁴⁰, pretendendo trabalhar com “literatura em geral” na Cultura em Letras: “Se chegar a mim algum projeto com temática GLBTT, que valha a pena editar, eu farei. Mas não vou me restringir apenas a este tema... Não vale a pena... Infelizmente a literatura GLBTT ainda é incompreendida”, concluiu. Quis saber como ele avaliava essa experiência de um ano e meio com as atividades. “Foi bacana, valeu a pena. Fizemos um trabalho interessante. Tivemos muito gás e oportunidades, principalmente em SP. Lá eu dei minha primeira palestra. Foi gratificante. Foi uma missão bem cumprida...”. “Mas você disse ter muita incompreensão”, retruquei e ao receber sim como resposta, indaguei de que modo. “Digo, em relação a literatura GLBTT há certa rejeição do público. Infelizmente nem todos aceitam, mas há quem curta. por exemplo, o Censurado vendeu legal. o 7 cores tá tendo uma repercussão interessante. ou seja cada caso é um caso...”. Perguntei ao escritor e editor em quais momentos ele atentava para essa recusa do público e o mesmo me respondeu que acompanhava as informações por parte de outros autores e editores. Neste ponto, Ocelllo pediu para que o aguardasse já que sua vizinha o chamava. Passados dez minutos, retornou e o lembrei de que estava me falando sobre público leitor e sobre as informações que recebia dos escritores e editores. “Isso, pois é... há uma indiferença entre público e literatura GLBTT, mas cada caso é um caso... A realidade é outra. Os gays estão cada vez mais presentes. A sociedade está acostumando-se a isso. Graças a Deus né?”. “Sim, são avanços. Agora, pra você, essa indiferença é do público em geral?”, perguntei. “Não... o público em geral já começou a entender”. “E esse público que você considera recusar ou não compreender essas publicações?”, insisti e recebi como resposta que “um dia eles entenderão...”, seguido do informe de que

⁴⁰ Ocelllo usa a sigla anterior a atual, alterada durante a 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais que ocorreu no ano de 2008 na cidade de Brasília. Tal alteração foi impulsionada pela reivindicação de mulheres lésbicas que alegaram serem duplamente marcadas: primeiro por serem mulheres e depois por serem lésbicas. Acredito que tamanha insistência no uso do termo anterior aponte para o fato do discurso do Movimento LGBT não chegar a todos em um mesmo regime temporal de assimilação aquele defendido nas demandas por visibilidade por parte dos integrantes do movimento. Talvez isso tenha a ver com o próprio processo de formação identitária do escritor, o que aponta para embates entre pensar identidades individuais e identidades coletivas. Sobre a trajetória do movimento LGBT no Brasil, ver Facchini (2005); Facchini & Simões (2009). Sobre uma análise desta trajetória que abarque a conferência em questão, ver Facchini & França (2009); Aguião (2014).

embora a conversa estivesse ótima, precisaria sair. Com votos para que continuássemos pessoalmente, Ocello partiu e eu permaneci, ali, sem saber muito bem como lidar com aquela experiência inesperada.

1.4.1: Alexandre Calladinni e Fabricio Viana.

Mesmo surpreendido e informado sobre a extinção dos selos que me pareciam promissores para pensar minha pesquisa, na sexta-feira, 12 de setembro de 2014, cheguei à Galeria Café, localizada na Rua Teixeira de Melo, nº 31, em Ipanema, às 18h. Como mencionado anteriormente, estando também em contato pelas redes sociais com Alexandre Calladinni desde a incursão ao lançamento do livro de seu então sócio Ocello Oliver, o escritor havia me informado de um evento em parceria com Fabricio Viana organizado com o intuito de difundir “a literatura de temática LGBT” para o público carioca. Natural de São Paulo, o escritor Fabricio Viana tinha recentemente montado a Editora Orgástica, empresa voltada para “a publicação de livros sobre a diversidade sexual e sexualidade humana”⁴¹. Tratava-se, portanto, de uma ótima oportunidade para iniciar o trânsito entre os dois principais Estados do país no que se refere a mercado editorial nacional.

Inaugurado em 1997, logo na entrada da Galeria Café era possível ver uma espécie de bazar com várias araras abarrotadas por peças de roupas muito semelhantes às utilizadas por algumas das pessoas no local: blusas com cortes não simétricos, aplicações douradas e estampas com fotografias ou colagens de atrizes de filmes hollywoodianos e cantoras internacionais. Através de uma escada localizada ao lado esquerdo do ambiente, subi em direção a uma espécie de mezanino onde se concentravam algumas pessoas. Dei uma pausa entre os degraus para respirar e, ao fazê-lo, procurei visualizar melhor o ambiente, façanha não muito bem sucedida devido à baixa iluminação e aos muitos jogos de luzes do local – uma atmosfera similar a de boates ou danceterias. Do lado oposto ao que eu me encontrava, cartazes da cantora Madonna ornamentavam a parede.

⁴¹ Retirado do site da editora: <http://www.editoraorgastica.com/> Acessado em 20/12/2013.

Já no topo da escada percebi alguns bancos do lado esquerdo, quase todos ocupados; rente ao corrimão, no lado direito, uma pequena fila cujo fim dava para duas mesas repletas de livros em exposição. Ao fundo, um bar com algumas cadeiras mais altas. Demorei um tempo para pensar em como reagir; esperava logo encontrar Alexandre Calladinni e ter a sorte de logo ser reconhecido por ele – os contatos pelas redes sociais sempre me pareciam furtivos. “Então você veio!”, exclamou Calladinni ao me avistar e vir em minha direção. “Sim, disse que vinha!”, respondi cumprimentando-o. “Que ótimo! Fique a vontade. Pegue uma bebida!” sentenciou o escritor, gesticulando que teria de se ausentar e que voltaria. Tendo este descido em direção ao primeiro andar, resolvi entrar na fila que parecia ser de compra e autógrafo dos livros. Ao me aproximar, um homem que considerei ser Fabricio Viana olhou para mim e disse, sorrindo: “Olá, obrigado por ter vindo!”. Respondi ao seu cumprimento com um quase inaudível “Oi”, não sendo necessário mais do que isto. “Você tem preferência por algum dos meus livros? Você pode comprá-los separadamente ou na promoção. Assim você terá direito a um brinde.”, explicou-me o autor. “Ah, ok, vamos à promoção.”, optei sem muitas delongas. “Ótimo! Seu nome?”, me perguntou Fabricio enquanto reunia os exemplares de seus livros intitulados: *O Armário: Vida e pensamento do desejo proibido*, *Orgias Literárias da Tribo: Nosso dia a dia, desejos e sentimentos* e *Ursos Perversos: Uma coletânea de contos pesados*. “Meu nome é Nathanael, com “th”.”, respondi e, enquanto o observava deslizar com a caneta pelas primeiras páginas de cada livro, autografando-os, o informei do motivo particular de minha ida aquela atividade: a pesquisa sobre livros de literatura LGBT. “Ah, sim, mas isso aqui é literatura de entretenimento. Não é pra Jabuti, não; nem Nobel.”, me disse Fabricio, sem erguer os olhos dos livros de imediato e, ao fazê-lo, concluir: “Eu mesmo não tenho saco pra ler Nobel. Enquanto eles gastam quatro páginas introduzindo, eu já tive quatro fodas!”.

Surpreso e fascinado pela resposta obtida, embora receoso de que esta pudesse encerrar um diálogo ainda sequer iniciado, consenti a informação: “Certo. Eu conheci o Calladinni em outro evento. Soube que você também tem uma Editora?!”. “Sim, a Orgástica. Mas ela ainda só publicou meus livros e agora o da Marli Porto que eu nem trouxe desta vez porque havíamos combinado, eu e Calladinni, de

lançarmos só os nossos”, respondeu ao me entregar o brinde da promoção, um chaveiro com a reprodução em miniatura da capa de *Ursos Perversos*. Sabendo da fila atrás de mim, perguntei se poderíamos conversar um pouco mais depois e tive sua confirmação. Ao sair da fila, me posicionei em um canto menos tumultuado do espaço, próximo ao bar. Aproveitei para começar a folhear rapidamente os títulos, começando por *O Armário*.

Na nota da terceira edição, datada de 2010, o escritor e editor apresenta um histórico tanto do processo de surgimento quanto dos objetivos do livro. Formado em psicologia, mas com trabalhos na área de marketing, Fabrício discorre sobre um projeto que desenvolveu em 2002 contra o preconceito a homossexuais no espaço virtual que teria lhe rendido inúmeros e-mails contendo “relatos e dúvidas sobre a homossexualidade” (VIANA, 2007, p. 7). A impossibilidade de respondê-los individualmente o teria feito pensar em algum título que discorresse sobre a homossexualidade cuja leitura fosse “fácil, simples e didática”, um “livro que não se aprofundasse tanto no assunto, mas que desse uma introdução a vários temas que envolvessem os conflitos e a “saída do armário”. O grande problema é que este livro não existia.” (VIANA, 2007, p. 7, grifo do autor).

Embora imediatamente aponte para *Seis Balas Num Buraco Só: A crise do masculino* e *Devassos no Paraíso*, ambas de autoria de João Silvério Trevisan, afirmando recomendá-las, o escritor enfatiza o simples e o didático como características ausentes no trato do assunto à época. “Diante desta necessidade e não conhecendo nenhum material impresso com esta função, decidi criar sozinho este livro”, pontua (VIANA, 2007, p. 7). Em seguida, destaca sua escolha por desenvolver o projeto de modo “independente”, sem a procura por uma Editora: “Em outras palavras, eu escrevi, editei, diagramei, fiz a capa, procurei gráficas, criei o site, divulguei, fiz o lançamento e atualmente verifico os pedidos, pagamento e faço o envio do livro pelo correio” (VIANA, 2007, p. 8). Este conjunto de funções definidas por Fabrício como fruto de um “trabalho totalmente artesanal” (VIANA, 2007, p. 8) não se apresenta como impeditivo de seus objetivos. Se nos agradecimentos encontra-se presente o nome daqueles que ajudaram nas correções do texto, na nota da terceira edição o autor discorre:

Claro que todo este meu trajeto de escrever e lançar um livro independente e com este tipo de conteúdo não foi fácil. A primeira edição, lançada em 2006, teve um problema de impressão e foi vendida com uma pequena “ERRATA” em seu interior. Mesmo assim isso não foi empecilho para que as pessoas gostassem e indicassem meu livro (VIANA, 2007, p. 8, grifo do autor).

Contudo, outros elementos passam despercebidos e, dentre estes, destaco a própria narrativa sobre a trajetória do livro apresentada em contraste com sua documentação. Segundo nos informa o escritor, tendo iniciado o esboço do livro em 2005, o lançamento da primeira edição ocorreu em 2006. Sem mencionar a tiragem de nenhuma das edições, pontua ter tido a primeira esgotada em um ano, ou seja, 2007, levando-o a uma nova edição no mesmo ano, revisada (VIANA, 2007, p. 8). Acompanhando os dados Internacionais de Catalogação, a ficha catalográfica, a terceira edição consta com o ano também de 2007, embora na segunda capa e na nota da terceira edição do livro conste o ano de 2010. Se na catalogação a cidade e Estado registrados são Blumenau e Santa Catarina, respectivamente, na segunda folha e na nota consta “São Paulo – SP”. O que desejo sinalizar é que existem “variações oficiais e não oficiais”, alterações que podem estar vinculadas as mudanças entre uma edição e outra por parte daqueles que as produzem. Isto fica mais evidente quando o próprio autor reconhece ter feito modificações no texto desde sua primeira publicação até a atual, afirmando que “a parte teórica, as explicações os exemplos e a parte introdutória sobre a homossexualidade continuam os mesmos. O que mudou neste período foi minha vida pessoal e meus conceitos sobre relacionamento humano” (VIANA, 2007, p. 9). Deste modo, a obra revela-se viva, sendo modificada de acordo com o seu autor e editor, muitas das vezes não obedecendo aos trâmites burocráticos para tanto.

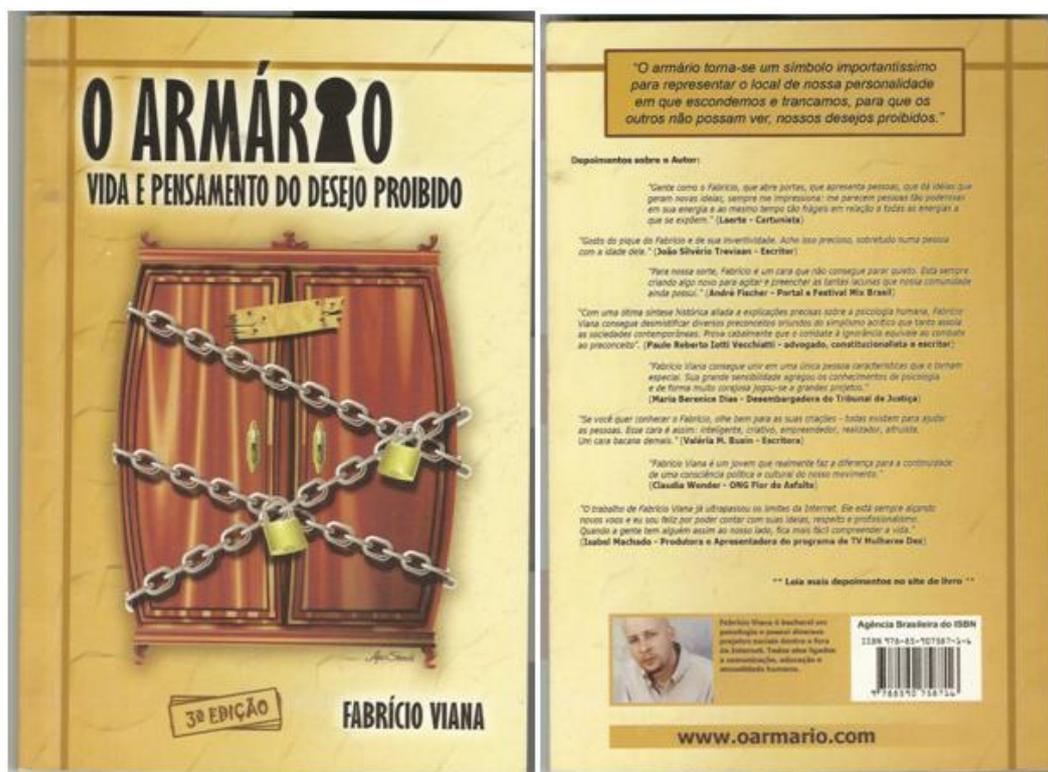


Figura 12: Capa e contracapa de *O Armário: vida e pensamento do desejo proibido*.

Sem o considerar perfeito, Fabrício destaca o modo como o livro teria se tornado uma referência sobre o assunto, o levando a participar de diversos eventos pelo país, a ser entrevistado para matérias em jornais, revistas e sites, bem como a participar de programas televisivos, “mostrando a cara e fazendo a minha parte dentro da militância homossexual” (VIANA, 2007, p. 9). A contracapa dá conta deste movimento; ao inserir pequenos depoimentos positivos de *O Armário: Vida e pensamento do desejo proibido* de inúmeras personalidades nacionais – entre escritores, cartunistas, apresentadores de televisão, juristas, e representantes de Organizações Não Governamentais (ONG) – o autor circunscreve seu trabalho com o prestígio e reconhecimento destes, dando-lhes maior *status*.

Mas é preciso retornar ao evento, pois antes que pudesse folhear os demais livros, o escritor Alexandre Calladinni retornou comentando com Fabrício sobre sua máquina de cartão que só funcionava na rua. “Pegue alguma coisa para beber!”, endossou mais uma vez ao se reaproximar de mim e sinalizar

para duas jarras repletas de *long neck* sobre o balcão do bar. Consenti com a cabeça que o faria sem de imediato fazê-lo. Tentando refletir sobre tal atitude, tive a fortuna de sermos abordados por duas moças e um rapaz que se aproximaram para conversar com o autor. Calladini passou a narrar sobre uma entrevista que havia dado mais cedo: “Olha, eu já não aguentava mais. Estava dando uma entrevista e me controlando para parecer sério. Porque não podia falar de modo descontraído que, na verdade, o que a gente escreve e gosta é de sacanagi né?! Uma boa sacanagi!”, comentou. O riso do próprio e da pequena roda de pessoas a sua volta pareceu uníssono. “Eu acho que a gente fala e escreve sobre o que é gostoso. Eu gosto de ler sobre isso”, completou, virando-se para mim e imediatamente anunciando: “Olha, você comprou os livros do Fabrício e quero só ver se vai comprar o meu, hein!”. “Claro que sim, estava esperando você voltar.”, respondi sorridente. “Aqui pega. Segura e depois a gente acerta que a máquina só funciona lá embaixo”, respondeu ao me entregar dois títulos: *Censurado: Sexo, taras e fetiches* e *Por Favor, Me Ajude!*

Por hábito pessoal ou estímulo profissional, talvez ambos, comecei a ler as informações das capas e contracapas. “Abre aí o livro pra eu autografar, tira da camisinha, tem de ser na pele!”, ordenou o escritor, em meio a sua habitual jocosidade, para o divertimento das moças e do outro rapaz que compunham o grupo. Ao tentar obedecê-lo, observando a dificuldade em retirar o livro de seu invólucro, disparou: “Tá meio apertado, né, sem lubrificante.”. Novas risadas emergiram de todos, inclusive minha. Aproveitei a deixa para perguntar sobre as obras. O autor me explicou que *Censurado: Sexo, taras e fetiches* havia surgido no ano passado fruto de uma reunião de amigos com o objetivo de escrever contos sobre os temas título do livro:

Cada um já escrevia de um jeito, tendo apenas que abordar os temas propostos. Então o conto do Christian Petrizi, por exemplo, que gosta de violência e bombas e tudo o mais, eu li e disse: “Mas isso aqui não é de Deus não, hein, Petrizi! Isso aqui é seu, porque a gente escreve o que a gente pensa e tem vontade.”.

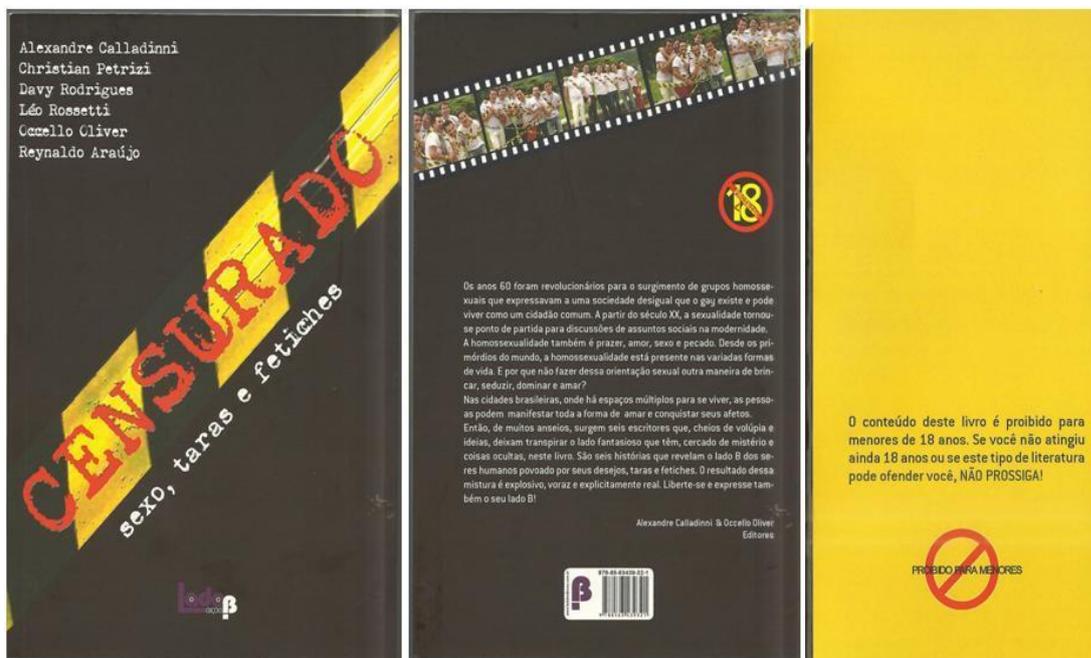


Figura 13: Capa, contracapa e orelha de *Censurado: sexo, taras e fetiches*.

Sempre com ares de festividade, em seguida Calladinni esclareceu que *Por Favor, Me Ajude!* era uma continuação do primeiro livro, publicado em 2010, intitulado *Jeito Calladinni de Voar – Diário de um comissário de voo*: “Este, inclusive, começa discorrendo também sobre aos preparativos de lançamento do meu primeiro livro. O escrevi porque muitos me perguntavam sobre o que havia acontecido comigo depois do que conto no livro”, pontuou, sem explicitar do que se tratava e deixando-me curioso. Perguntei por que não o havia trazido. “Não tenho para vender”, respondeu, pedindo licença para se ausentar. Com o desfazer-se do grupo e novamente sozinho, pensei em observar os livros em minhas mãos, mas desta vez me detive.

Com o fim da fila de autógrafos, Fabrício e Calladinni conformaram uma roda de conversa junto aos amigos. No topo da escada avistei Sergio Viúla que, ao chegar, imediatamente foi inserido à roda. Este, ao passear com os olhos pelo local, me avistou, exclamando em alto e bom som: “Nathanael, você está aqui!”. “É, ele estava me falando da pesquisa dele.”, comentou Fabrício enquanto eu cumprimentava Sergio com um abraço. “Nathanael sabe muito de literatura, e não apenas a LGBT!”. Aquela assertiva parecia dar outro contorno à

minha presença no local, instaurando-me autoridade. Não apenas estava sendo inserido na roda como tinha minha apresentação redimensionada. “Ah, que bacana!”, pontuou Fabrício Viana.

“Beba algo, Sergio! O Nathanael até agora nada.”, disse Calladinni em tom observador. “Não vai beber?”, me perguntou Sergio, ao que lhe respondi que o acompanharia com o que fosse beber. Sua presença não apenas garantia segurança para aceitar alguma bebida alcoólica como o tempo em que havia sido deixado de lado tinha me permitido recordar de Favret-Saada (2005) e sua reflexão sobre trabalho de campo. “Como você está?”, me perguntou Sergio ao segurar uma cerveja e me entregar outra. “Bem, estou bem. E você?”, comentei, devolvendo-lhe a pergunta ao som do tilintar das garrafas em brinde desses que fazemos mais por hábito do que por real medo dos efeitos de seu esquecimento. “Este lugar é maravilhoso, né?!”, comentou Sergio que, mediante meu desconhecimento acerca do local, passou a discorrer sobre as interessantes “festas GLS” que ocorriam no local. Guardei os livros na mochila e decidimos descer e ficar do lado de fora da Galeria, na calçada.



Importante:
1) Todos os contos eróticos deste livro são obras de ficção, assim como seus respectivos personagens. 2) O uso de preservativo previne doenças, a escolha é sua. 3) Ato sexual em locais públicos é crime, não incentivamos. 4) Seja cauteloso ao encontrar pessoas desconhecidas para qualquer tipo de relação, até mesmo por meio de aplicativos para celular - nem todos buscam a mesma coisa e já escutamos casos de assaltos envolvendo "boysmagias" fakes, fique esperto! 5) Se gostar, recomende este livro aos amigos. Se gostar!

Figura 14: Ficha catalográfica de *Ursos Perversos* com destaque para o item "Importante".

Éramos os últimos do evento e conversávamos empolgados. Menos travado por um lado e desacostumado, por outro, a cerveja tinha tornado as idas ao banheiro uma constante. Ao retornar, Sérgio Viúla me perguntou se eu já estava indo embora. O respondi que ficaria um pouco mais e nos despedimos. Pouco depois foi a vez de Fabricio Viana se despedir: “Vim de São Paulo hoje e retorno amanhã”, informou, pretendendo dar a dimensão de seu cansaço. Fiquei esperando Alexandre do lado de fora junto a sua mãe e seu namorado. Depois seguimos pela rua, caminhando e conversando. Eles em direção ao carro, eu em direção ao metrô. “Muito bom você ter vindo.”, me disse. “Eu que agradeço o convite. E agora, quais os próximos passos?”, indaguei. “Vou voltar com os meus projetos. Meus primeiros livros foram lançados pela Metanoia.”. “Ah, eu não sabia.”, constatei surpreso de que aquela informação tivesse me passado despercebido. “Sim, o primeiro livro do Ocelllo também foi. Não sei se já sabe, mas nós desfizemos a sociedade.”. “Uma pena, não!”. “Não rolou. Eu queria montar um selo de homens para homens. Porque já havia a Malagueta para as lésbicas e a Metanoia para o público em geral. Então eu queria um selo de gays para gays.”, concluiu. Antes que eu pudesse expressar uma reação, emendou: “Mas foi bom; a gente aprende”. “Com certeza”, respondi. “A gente se fala, né?!”. “Claro!”, respondi me despedindo dele e de sua família.

Ainda dentro do metrô, rumo ao terminal de ônibus localizado atrás da Central do Brasil, resolvi retirar os livros da mochila. Descobri pelos livros que a coletânea *Censurados*, cuja capa trazia a marca da Lado B Edições, pertenciam a Editora Metanoia, cujas donas são Lea Carvalho e MaLu Santos. Os nomes de Alexandre Calladinni e Ocelllo Oliver constam na ficha catalográfica como editores do selo, este vinculado a Editora anteriormente citada. Na orelha do livro autobiográfico de Alexandre Calladinni, *Por Favor, Me Ajude!*, uma pequena descrição sobre o escritor anexada na orelha da contracapa que dava conta de informar-nos de sua experiência enquanto comissário de voo durante cinco anos de sua vida, formando-se posteriormente em publicidade e propaganda. Com relação aos outros dois livros de Fabrício Viana, *Ursos Perversos* e *Orgias Literárias da Tribo*, tratava-se de obras organizadas por ele com participação de inúmeros autores. Dentre eles, encontrei um conto de Sergio Viúla, prefaciador do livro de Roberto Muniz.

Chama atenção, de todo modo, esse borramento de gêneros textuais de ficção e realidade, onde o símbolo e avisos da indicação do conteúdo aparecem e a recomendação para pratica do sexo seguro também.

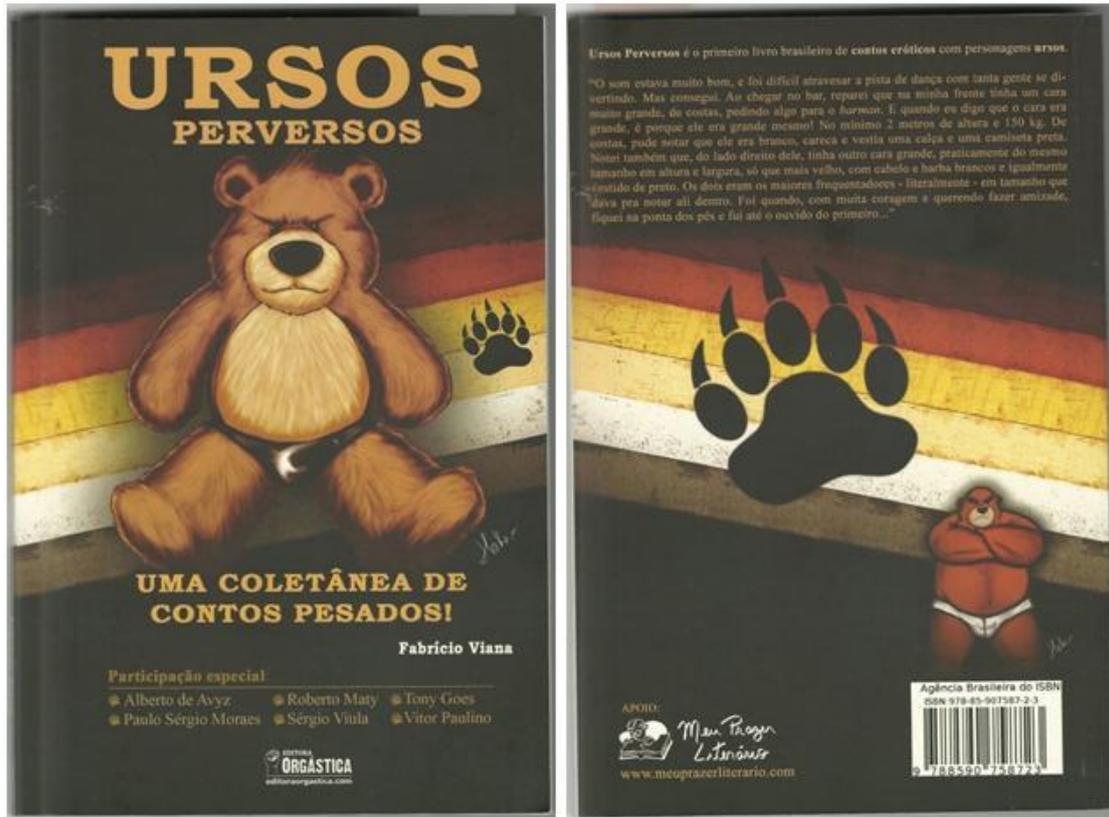


Figura 15: Capa e contracapa de *Ursos Perversos: uma coletânea de contos pesados!*

Capítulo 2 – Uma viagem a São Paulo

Era quase noite. 23 de dezembro de 2014. Rafael chegou à casa de nossa amiga Andréa dizendo-me ter encontrado um sebo muito legal próximo à Praça Saens Peña, aqui mesmo no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Disse-me também que havia comprado um “presente”. Quando lhe perguntei, empolgado, sobre o que era, alegou não saber se o tal “presente” era para Andréa ou para mim. Suspeitei de que, ao atentar para o fato de se tratar de um livro, ter ficado na dúvida. Isto porque é destes amigos que me conhece, e sabe que nenhum livro costuma passar despercebido por sobre meus olhos. Ao perguntá-lo do que se tratava, pareceu decidir o destino do “presente”, e me entregou o embrulho. Ao abri-lo, constatei tratar-se de um livro intitulado *Flores Raras e Banalíssimas: A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*, escrito por Carmen L. Oliveira.

Até aquele momento, nunca havia ouvido falar da autora ou de seu trabalho, embora houvesse assistido, numa dessas muitas noites insones, ao filme do cineasta Bruno Barreto intitulado *Flores Raras*. Instaurada a suspeita oriunda da semelhança entre os títulos, fui pesquisar e confirmei a ligação: lançado em 2012, e tendo como protagonista as atrizes Glória Pires e Miranda Otto nos papéis de Lota Soares e Elizabeth Bishop, respectivamente, o filme era baseado no livro que segurava em mãos. Interessei-me imediatamente e, claro, fui olhar coisas habituais que costumo reparar. Publicado pela Editora Rocco, aquela era sua segunda edição, datada de 1996. A primeira, segundo a catalogação, havia sido lançada um ano antes, em 1995. Reparei também na classificação: “Biografia – Ficção”. Fui até as orelhas, onde era possível ler:

Esta é a história de amor de duas mulheres notáveis. Elizabeth Bishop, poeta americana, legou à posteridade versos magistrais. Lota de Macedo Soares, esteta brasileira, fez do homem urbano um leitor da poesia da natureza, criando um inusitado parque à beira-mar. Contudo, enquanto Bishop foi consagrada, recebendo os mais importantes prêmios literários, Lota permanece ignorada em seu próprio país. Tendo como pano de fundo o Brasil dos anos 50 e 60, *Flores Raras e Banalíssimas* revela a criadora do Parque do Flamengo – mulher luminosa, vanguardeira nas ideias e no comportamento. Narrado a partir de versos, cartas, depoimentos, documentos e notícias de jornais com suas inevitáveis contradições e

dubiedades –, o livro expõe as dificuldades de Lota de impor seus conceitos avançados e seu tumultuado relacionamento com outras personalidades fortes, como Carlos Lacerda e Roberto Burle Marx, também envolvidos naquele primeiro projeto de proteção à paisagem e ao lazer. Entre obras e poemas manifestam-se as grandezas e mesquinhas que determinam os acontecimentos históricos, até suas mais trágicas consequências, na vida pública e na vida íntima. (OLIVEIRA, 1996).

Ao fim da orelha da quarta capa, que não havia sido assinada por um escritor, crítico ou mesmo pelo editor, constava uma brevíssima biografia da autora que a resumia em uma pós-graduada em Literatura, nascida no Rio de Janeiro, porém moradora de Ilhabela, São Paulo. Vasculhando livremente o livro, era informado de que o mesmo tinha como intuito estar “fundamentado em relatos orais e escritos”, onde a “semelhança com pessoas vivas ou mortas é intencional”, muito embora afirmasse que os nomes das personagens Adrienne Collins, Do Carmo, Edileusa, Ismênia, Maria Amélia, Naná, Vivinha e Zezé eram fictícios (OLIVEIRA, 1996, p. 6).

Terminei a leitura do livro, reivindicado pela quase livre apropriação que dele fiz, sem muitas delongas. Mergulhei no século XX e no conteúdo da narrativa, constantemente complementada por correlações com autores lidos em aula e com conversas com Patricia, sobretudo sobre o cenário artístico do país. Mas depois acabei retornei a pensar na existência daquele livro, publicado em fins dos anos 90 pela Rocco. Faltava pouco para o ano findar e as indagações só cresciam. Dali a um mês partiria para São Paulo com fins a conhecer a Editora que ansiava pesquisar: a Editora Brejeira Malagueta. Surgida em 2008, esta conclamava ser “a primeira Editora lésbica na América Latina” e, ademais, primeira LGBT do país. A *marca* desta empresa cultural dava-se, portanto, em torno da identidade sexual e de gênero. Isto me chamava atenção. Em seu site, assinalavam ser composta por “um grupo de mulheres lésbicas que se reuniu para publicar livros para lésbicas⁴²”. Igualmente, em sua apresentação, afirmavam:

⁴² Retirado do site da editora: <http://www.editoramalagueta.com.br/editora3/index.php/2012-10-31-19-53-36/quem-somos.html>

Achamos necessário criar uma editora lésbica porque a maioria das editoras por aí – aliás, a maioria de tudo o que existe por aí – nos ignora solenemente ou então publica absurdos a nosso respeito. Quisemos, assim, abrir um espaço para mostrar lésbicas como realmente são (...). Essa interessante particularidade faz com que a gente queira ver e ler materiais que mostrem mulheres amando mulheres, não é mesmo? Pois eis aqui a Editora Malagueta fazendo o possível para saciar essa fome de cultura tão pouco atendida por outros meios de comunicação. (...) A gente acha que para falar de lésbica é preciso ser lésbica. Ou pelo menos bissexual. Com certeza mulher. Por mais imaginação que um homem tenha, é demais acreditar que ele consiga ver o mundo do ponto de vista de uma mulher homossexual. E já assistimos coisas demais serem colocadas na nossa boca, opiniões e achismos que nos atribuíram sem nos perguntarem nada antes. Chega disso, não? (...).⁴³

A apresentação pública da empresa era contundente e em torno dela, diversas perguntas iam se acumulando. Ademais, um medo de não ser bem recebido se acumulava já que a empresa parecia bem restrita ao âmbito de atividades voltadas para mulheres. Tendo enviado um e-mail às proprietárias apresentando minha vontade de conhecê-las, nosso encontro ao longo do ano não fora realizado. Enquanto isso, me deparava com livros como o de Carmen L. Oliveira e ia mantendo a curiosidade analítica aquecida junto ao desejo por esta esquina adiada em incursões avulsas em eventos pelo Rio de Janeiro. Quando dei por mim, já era hora de seguir.

2.1: Um Sarau das Brejeiras: fazendo-se (em) versos

São Paulo, 31 de janeiro de 2015. O dia despontava instável e isso era perceptível por meio das nuvens cinzentas que recobriam o céu e um vento gélido que sem muita ternura me acompanhava na empreitada por desbravar uma cidade há muito imaginada. Havia saído da rodoviária e seguido pelo metrô tendo por princípio único o de seguir o fluxo. A sensação de que a escolha havia sido minha era impossível de ser sustentável, muito embora seguisse em frente descartando mapas devido à ausência de habilidade para criar uma necessária relação de êxito. Recordei-me de um conto de Jorge Luis

⁴³ Retirado do site da editora: <http://www.editoramalagueta.com.br/editora3/index.php/2012-10-31-16-36-39/perguntas.html>

Borges intitulado *Del rigor en la ciência* e fiquei, junto a sua lembrança, percorrendo as ruas da urbe. A cada passo, ia pondo em contraste: a experiência concreta de conhecer lugares e observar fluxos, a recordação de tantos romances lidos cujas narrativas se passavam em partes desta cidade e a bibliografia adquirida em alguns anos de formação sobre pesquisas em grandes metrópoles. Embora permitindo-me “seguir o fluxo”, meu destino era certo: chegar ao *Sarau das Brejeiras*, evento que iria ocorrer na *Casa das Rosas*, espaço cultural gerido pelo governo do Estado, localizada na Av. Paulista, nº 37.

Saraus, como se sabe, não são eventos novos. Na São Paulo de início do século XX, por exemplo, vale recordar a existência do salão da Villa Kyrial, importante espaço de confluência artística que impulsionou a ocorrência da Semana de Arte Moderna de 1922, construída simbolicamente como de suma importância para o campo das artes no país (SILVA, 2004). Mais recentemente, trabalhos que abarcam saraus de literatura os têm corroborado conquanto espaços “bons para pensar”. Principalmente porque atividades como estas, hoje, têm sido impulsionadas por pequenas e médias Editoras que enfrentam desafios dos mais sortidos para se manter e desenvolver em um cenário bastante competitivo. Na virada do século XX para o XXI, inúmeras mudanças abalaram o mercado do livro, levando a necessidade de construção de espaços de divulgação dos títulos para além do âmbito das livrarias (BARCELLOS, 2010, p. 320). Os saraus, com baixo custo e “microfone aberto”, parecem adquirir novo fôlego não só por divulgar autores já iniciados como estimular aqueles ainda não principiados, mas interessados na arte poética.



Figura 16: Sarau das Brejeiras

Cheguei ao local de destino às 17h20. Já do lado de fora se notava uma grande movimentação. Na varanda desta casa construída no começo do século XX havia mesas com diversos livros distribuídos; alguns *banners* pregados ao fundo e a bandeira do arco-íris. Uma considerável quantidade de gente, sendo em sua maioria formada por mulheres, transitava pelo espaço folheando livros, tirando fotos e recebendo dedicatória por parte das autoras presentes, anunciadas em alto e bom som por uma jovem empolgada com as vendas. Havia pessoas fumando ao pé da escada, embaladas por conversações intermediadas por altas gargalhadas. Pensei em me deter ali, curioso que sou, mas resolvi entrar, pois já estava atrasado. Ao fazê-lo, me deparei com a Sala Haroldo de Campos de Poesia e Literatura dividida em dois lados por cadeiras, todas ocupadas. Não havia lugar para sentar de início e contabilizei cerca de cinquenta pessoas dispostas pela pequena sala do casarão. O equipamento de som era eficiente e ampliava o volume que vinha das vozes à frente, em um palco montado ao pé de uma bela escadaria em formato de caracol.

Neste momento Vitor Ângelo, jornalista e cineasta, prestava homenagem a Suzy Capó, também jornalista e anunciada como uma das fundadoras do *Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual* e do *Pop Porn*, morta em 2014. “A arte estava acima da política”, finalizava o rapaz ao se referir ao pensamento da homenageada. As organizadoras do sarau, Laura Bacellar e Hanna Korich, também editoras e proprietárias da Editora Malagueta, agradeceram a Vitor Ângelo, informando a todos terem estado no *Pop Porn* para exibir o filme sobre a escritora Cassandra Rios, dirigido por Hanna. Segundo ela, Suzy havia lhes pedido uma cópia do documentário para levar para Berlim, feito não concretizado devido à sua morte prematura.

À Suzy Capó atribui-se a fomentação do termo *GLS* (gays, lésbicas e simpatizantes), sigla bastante utilizada nos anos de 1990 para marcar um movimento das chamadas “minorias sexuais” (FACCHINI, 2005). De acordo com a antropóloga Isadora Lins França, nesta época, o termo *GLS* emerge como categoria para definir um mercado, “espécie de tradução da ideia norte-americana de *friendly*”, onde “o S da sigla indica ‘simpatizantes’, numa intenção de expandir as fronteiras do ‘gueto’, abarcando também consumidores que não se identificavam como homossexuais, mas que de alguma forma participavam desse universo” (FRANÇA, 2006, p. 2). A atuação da jornalista e ativista, portanto, encontra-se localizada na construção de uma mídia com fins a dar visibilidade para temas considerados de interesse do movimento organizado de homossexuais na vinculação deste não com o Estado, mas com o âmbito de uma economia neoliberal (FACCHINI & SIMÕES, 2009).

Após a homenagem, Hanna pegou o microfone e chamou a poeta Neusa Doretto que havia acabado de chegar de Campinas. Uma mulher muito bonita se aproximou do palco. Aparentava ter em torno de quarenta e poucos anos. Os cabelos lisos e negros escorriam sobre seu dorso até chegar à altura dos ombros e a pele cor de terra jazia encoberta por uma blusa branca e calça cinza. Simples e elegante, ao receber o microfone, Neusa declamou de cabeça um poema intitulado *Danação*:

Às vezes, nem sendo

nem tendo
ainda pretendo
É uma danação esse capricho
da paixão que espicho
por você
Que me estrague, tire do eixo
Também me pegue
Eu deixo

Após a declamação, aplausos empolgados dos presentes. Um casal de moças de uns vinte e poucos anos, sentadas a minha direita, se abraçaram e se olhavam sorrindo enquanto uma menina a minha frente suspirava alto. “Mais uma, Neusa?”, perguntou Hanna para a poeta que imediatamente devolveu a pergunta: “Mais uma?!”. “Talvez uma mais família...?!”, sugeriu a organizadora, com ares de ironia, ao se dirigir para a plateia e completar: “Quem quer família?”. O público vociferou um “Não!” como resposta uníssona, em meio a risos e selinhos estalados de alguns casais presentes, a maioria composta de mulheres. “Não?!”, provocou Hanna, “Então quem quer putaria?” As respostas vindas da plateia alternavam entre um “Todos aqui!” e um “Nós!”, somado a mais risos e um frenesi geral de empolgação e descontração. Neusa então declamou outro poema, este intitulado *Frivolidades*:

Ela tem uma safadeza contida
Uma frase miúda
Deve ser dessa que se contorce de prazer, mas se cala
Vê isso pelos olhos que convidam o tempo todo enquanto
ela fala
Ela é uma variedade!
Bom mesmo é viver de uma coisa para a outra
Desta para aquela

Mudar da água pro vinho
Se a vida faz assim
Ela vai fazer igualzinho!
Mas passando as mãos pelas suas costas
porque eu sei que você gosta
Eu faço uma pressão macia
Mas não se vire
Deixe que eu delire com a beleza que seu corpo tem
No vai e vem dos seus dedos na minha boca
Mas passando a mão pelas suas costas,
eu vou guardar esse momento para sempre
Enquanto você me crava os dentes

Ao término do poema, Neusa foi, novamente, ovacionada em meio a aplausos e gritos jocosos. A moça a minha frente que vinha suspirando alto, sussurrou ao ouvido da amiga sentada ao seu lado: “Eu quero isso também!”. Esta, mais do que depressa, lhe respondeu: “E quem aqui não quer?!”. O casal a minha direita se beijou calorosamente enquanto gritos impossíveis de serem localizados ecoavam pela sala: “Vem pra mim!”, “Que delícia!”, “Tô solteira!”. Neste momento, uma mulher de postura muito longilínea e que aparentava ter em torno de cinquenta anos se dirigiu a outra, um pouco mais nova, estacionada próximo à parede que dava para outra sala, envolvendo-a em seus braços, num abraço que fez seus rostos se aproximarem, demonstrando intimidade, confiança e conforto em compartilhar gestos afetivos com os demais presentes.

Hanna retornou a condução do sarau e chamou Rita Moreira, anunciando que esta estaria mais tarde com os livros para vender e autografar lá fora. Rita leu alguns poemas e foi aplaudida, mas não como Neusa. Seu desempenho, mais do que o conteúdo de sua apresentação, não era comparável a anterior, produzido para gerar efeitos. O desempenho de Neusa, que possui formação em teatro, se diferenciou de todas as demais não apenas

por não estar lendo, tendo decorado os versos, mas justamente pela interpretação que dava ao discorrer poeticamente sobre desejos e corpos, fazendo os presentes ansiarem pela realização do que seus versos insinuavam e construíam.

As apresentações seguiram coordenadas prioritariamente por Hanna Korich, embora Laura Bacellar estivesse sempre ao seu lado incitando para que o microfone fosse cada vez mais aberto para os presentes. Assim que esta sugeriu a leitura de um poema de Manuel Bandeira por parte de um rapaz. Não consegui anotar o poema escolhido, muito embora não tenha percebido uma função outra do que a de mobilizar autores considerados importantes pelas organizadoras. Esta percepção tornou-se mais nítida ao longo do sarau. Após a apresentação do poema de Bandeira e alguns aplausos, Hanna chamou uma moça de nome Fernanda Kne para ler um poema. Após a leitura deste, cujo título era *A bailarina*, a organizadora do evento a interpelou: “Você escreve há muito tempo?”. Fernanda respondeu que vinha testando alguns de seus textos pelas redes sociais. Disse que estava tendo boa aceitação e que podia medir isto pelo número de pessoas que a estavam lendo. Ao fim, comentou que seu material, formado por textos de ficção e alguns “contos lésbicos”, seriam publicados em livro quando ela achasse que estavam bons e tivesse coragem. “Você não publicou ainda”, constatou Hanna ao emendar outra pergunta em seguida: “Já leu algum livro da Malagueta?”. Fernanda acenou positivamente com a cabeça. “Li um pouco. Tem o da Karina lá em casa que eu já li umas trezentas vezes, to precisando de um novo de tanto que já foi lido”, respondeu a moça após ajeitar seu estiloso chapéu de cor cinza. Hanna demonstrou interesse de saber da leitura de um livro específico, lançado por sua Editora, e denominado *Frente e Verso*. Fernanda novamente sinalizou que sim, afirmando também ter lido a obra *As Sereias da Rive Gauche*, da escritora Vange Leonel⁴⁴. A organizadora agradeceu a moça pela presença, pegando sua última fala como gancho para solicitar a Laura Bacellar que apresentasse Vange aos presentes. Após esta consentir, e receber o microfone, iniciou:

⁴⁴ Cujo nome de batismo era Maria Evangelina Leonel Gandolfo. Este livro foi publicado pela Brasiliense em 2002.

Gente, uma homenagem um pouco tardia, né. A Vange faleceu no ano passado, no meio do ano passado. Ela, eu acho assim, nós não lembramos devidamente das lésbicas que fazem por nós. Eu acho que muitas lésbicas agitam, acontecem, escrevem e elas deveriam, assim, tenho a impressão, de ser mais homenageadas, mais lembradas. Estamos numa sociedade patriarcal, os homens são muito mais lembrados do que as mulheres. A Vange foi uma pessoa, a meu ver, muito importante porque ela nunca adequou as convenções. Uma sapa, que chegou a usar bigode, se vestia de um jeito que era contra tudo, usava o que lhe dava vontade. Até botava uniforme quando dava vontade, outras vezes não. Escreveu essa peça, *As Sereias da Rive Gauche*, falando da mulherada que vivia em Paris na década de 20 e que fazia salões literários e eram todas lésbicas. Se deu ao trabalho de traduzir uma parte de um livro, o *Almanaque das Senhoras*. Ela se envolvia em coisas super exóticas, super diferentes, além de ter feito uma carreira como música...

Hanna Korich interrompeu Laura para contar que nos anos 1980, a autora homenageada havia composto uma música popularizada pela novela *Vamp*, da Tv Globo. “Quem é da década de 80 e viu? Alessandro, lembra?”, perguntou. “Noite Preta”, respondeu Alessandro, sentado bem na frente. “Uma música muito famosa. A galerinha aqui não tinha nascido”, disse Hanna que, após o som da risada da plateia, emendou: “Aqui só tem *baby*. Eu e a Laura somos *old day*. Aqui a maioria é *baby day*”. Mais risadas antes de Laura finalizar o que considerou uma homenagem tardia à escritora, compositora e ativista LGBT:

Mas o bacana da Vange é que ela escreveu também um livro de crônicas chamado *Grrrls – Garotas iradas*, em que ela fala das mulheres que foram sempre revolucionárias, movimento das mulheres do contra, e muito bom. E eu acho que a gente deveria agradecer por ter existido uma pessoa como ela porque ela teve coragem de ir pelo caminho que queria, de fazer coisas que ninguém fazia. Claro, ela tinha que ser sapa, né? Pra fazer uma coisa dessas. A gente tem prática, por estar na margem, a gente já se sente na margem, então a gente, às vezes, vai chutando canela mesmo. E a Vange era dessas. Então eu acho que vale prestar homenagem pra ela que foi escritora, fez teatro, fez musica, mas principalmente ousou ser absolutamente diferente, hiper autêntica, hiper sapa. Vai fazer falta, uma pessoa inteligente, uma pena ter nos deixado. Se vocês quiserem ler coisas diferentes, leiam os livros dela, bem diferentes mesmo, bem fora da norma, do padrão. Vale essa cabeça brilhante que ela foi.

A repetição das informações proferidas, embora distendidas, ia marcando o tom do sarau de modo crescente. Uma coloração cada vez mais

didática emergia a cena. Vale lembrar que, ao ter classificado a si e a Laura como *old day*, Hanna denunciava sua perspectiva em relação as demais presentes, classificadas por ela como *baby day*. Tal como observado por Lucia Tennina (2011) em sua etnografia acerca do universo dos saraus de literatura marginal em São Paulo, o *Sarau das Brejeiras*, em suas dimensões ritualísticas, ressignifica o termo “brejeiras”, utilizado para se referir a mulheres lésbicas, indo além da construção de um espaço para escuta de poesias, tornando-se local onde um movimento que define uma identidade se articula e atualiza-se enquanto capital simbólico envolto de um objeto criativo.⁴⁵ A mediação profissional também se atrelava a mediação geracional, revelando objetivos instrutivos:

A Vange escreveu uma peça de teatro que foi encenada em 2000 aqui em São Paulo que infelizmente não vi – nem sei por que não fui, porque adoro teatro, sempre gostei de literatura lésbica. Essa peça se chama *As Sereias da Rive Gauche* e ela aborda lésbicas muito interessantes do início do século 20. Todas verdadeiras, são personagens que existiram mesmo. Você tem Natalie Barney, Djuna Barnes que foi uma importante autora americana que namorou uma artista plástica, não tão importante, mas muito bonita, dizem, né, chamada Thelma Wood e, na briga entre as duas, Djuna escreveu um livro baseado em dor de cotovelo puro. É um livro que chama *Bosque da Noite*, que é um livro que eu achei chatíssimo, mas eu li – tem de ler, você trabalha com isso, então vamos lá. Tem a Radclyffe Hall. Todo mundo que é sapa tem de conhecer – se não conhece fica sabendo quem é –, que escreveu um livro chamado *Poço da Solidão*, em 1928, que é considerado a bíblia do lesbianismo apesar do final ser trágico, ser triste. É um livro importante para quem é lésbica e pra quem gosta de literatura.

Laura tomou a fala para enfatizar a importância da obra de Radclyffe Hall citada ter sido “o primeiro livro a abordar o lesbianismo”: “É o primeiro livro a abordar abertamente lesbianismo no mundo. Foi publicado em 28”, prosseguiu Hanna, ao articular, em seguida, uma pergunta para a plateia: “E, no Brasil, a primeira autora que abordou lesbianismo nas letras brasileiras quem foi?”. De modo absoluto, a resposta dos presentes ecoou o nome de Cassandra Rios. “Muito

⁴⁵ Adaptado da autora, cujo original é: “(...) desde una aproximación etnográfica, se puede comprender el universo de los ‘sarau da periferia’, su conformación con evidentes dimensiones ritualísticas, y la resignificación del término ‘periferia’ no solamente como un espacio para escuchar poesía, sino también, por un lado, como una práctica donde se articula un ‘movimiento’ que define una identidad ‘periférica’ y, por outro, como un espacio que se actualiza como ‘capital simbólico’ y se vuelve objeto de creación (TENNINA, 2011, p. 11).

bem!”, reagiu empolgadamente a organizadora, “Não ta valendo prêmio ainda, mas foi Cassandra Rios que publicou o primeiro livro em 1948”, completou para então retomar a pauta anterior:

Você tem a Romaine Brooks, que também era escritora, mas não lembro. Thelma Wood que já falei que era artista plástica. Lady Una, que era esposa da Radclyffe Hall. Era uma aristocrata inglesa, foi um escândalo na época porque ela era casada, mas Radclyffe Hall foi lá e deu aquela xavecada básica, ela andava de terno e gravata. Inclusive quem acompanhou As Brejeiras, que é um programa que a gente teve na internet, num dos programas a gente aborda a Radclyffe... É, pretensão e água benta... Eu pus um chapéu, uma gravata, uma camisa e fui lá. E tem a Doyle Uaile, também foi uma grande escritora. Eu recomendo esse livro. Não é da Malagueta, é da Editora Brasiliense, mas vocês conseguem comprar pela *internet*, a Brasiliense tem um *site*. É um livro interessantíssimo e é o texto da peça que foi encenada em 2000 com todas essas personagens.

É preciso pausar, recuperar alguns pontos, para depois prosseguir. A ação de apresentar as autoras selecionadas para serem lidas e homenageadas segue uma constante no sarau: a evidenciação de sua orientação sexual. A construção genealógica, portanto, das fundadoras de uma “literatura lésbica” dá-se de forma alargada por meio desta perspectiva. Em relação ao público leitor, Hanna e Laura seguem atuando como mediadoras não apenas das obras produzidas por sua Editora como também pelas de outras empresas culturais. Selecionam, classificam, informam e constroem um cenário cuja finalidade é a conformação de um panteão de escritoras a se conhecer. O sarau funciona como espaço de promoção e execução discursiva de sistemas ordenados pelos *profissionais do livro* no âmbito de suas atividades coletivas (BECKER, 2010). A apresentação de poemas ou textos próprios, mas igualmente de outras autoras, permite atentar para os elementos que instauram a construção genealógica de uma literatura lésbica. Esta assume um duplo movimento: de um lado, aquele observado na autoatribuição dos que a produzem atualmente e, de outro lado, no ato de elencar expressões de gênero, sexo e sexualidade dissidentes da heteronormatividade compulsória – ou práticas sexuais e preferências “não-hegemônicas” – (BUTLER, 2010) presentes em narrativas ficcionais ou no desvelamento destas expressões por parte de seus produtores, apontadas como ocultadas no passado.

A construção de si vincula-se à produção de objetos materiais no sarau, onde a produção literária, materializada no livro, passa a estar marcada por meio dos que a cotejam uma identidade específica nos pedidos de Hanna para que as poetisas digam se os poemas foram frutos de experiências afetivas das poetisas ou ao discorrer sobre a trajetória de vida de autoras lidas por ela e por outros. Tal operação reforça sempre a defesa por elencar e requisitar a reclassificação de livros sobre o escopo da identidade sexual e de gênero a qual teriam pertencido seus autores. É preciso, contudo, expor que as incursões ao passado parecem anular o fato das atividades sexuais estarem sempre presas a contextos históricos (FAUTO-STERLING, 2001/02, p. 29), tornando-se, aqui, um modo de reclassificação elaborado com finalidades políticas: a estratégia de legitimação da defesa de uma literatura lésbica, neste caso – mas LGBT se ampliarmos para o conjunto deste trabalho –, que exprime, retrata e reforça identidades de grupos sociais (ALMEIDA, 1996; FAUTO-STERLING, 2001/02, p. 38).

Dentro desta dinâmica de apresentação de autores e obras por parte das organizadoras, ao abrir para as mais diversas participações, o resultado de tal empreitada pode ser apreendido dentro do próprio sarau. Assim é que a resposta da plateia coaduna com os objetivos destas, por exemplo, de estabelecer a escritora Cassandra Rios como cânone de uma literatura lésbica nacional. Sua constituição e circulação se dão junto a outras autoras que são igualadas em nível de relevância para a obtenção dos objetivos instaurados pelas condutoras do evento. Hanna, seguindo este intuito, pergunta ao público se alguém gostaria de ler um poema da escritora Gabriela Mistral. A editora, antes, apresenta mais uma vez à plateia uma pequena biografia da poetisa, enfatizando como havia descoberto a autora em uma viagem feita ao Chile, sua cidade de origem. Assim, apresentava com grande destaque o fato de Gabriela ser uma autora lésbica, informando a todos que quando esta havia morrido, era namorada de Boris Dona, uma norte-americana. A seguir, fala da importância de se conhecer sua produção uma vez que Mistral ganhou o prêmio Nobel de Literatura, em 1945. “Para quem lê em espanhol, fica a recomendação...”, ressalta, ao mencionar um livro de cartas e salientar que até muito pouco tempo atrás

não se falava abertamente sobre a homossexualidade desta escritora no Chile. Feita as apresentações, uma jovem lê o poema intitulado *Dá-me tua mão*.

Tem-se ao longo da atividade a presença de elementos condutores de uma moralidade, instaurados em uma dimensão pedagógica de construção de um gosto (BOURDIEU, 1996), possibilidade de existência e inserção sobre os processos de construção de sujeitos, subjetividades e modos de subjetivação. O depoimento dado logo em seguida por Jacqueline, uma das participantes, evidencia este fato:

Um dia fui fazer uma audiência em São Paulo, moro em Santos, e fui fazer uma audiência em São Paulo e criei coragem. Fui atrás da Editora, conheci as meninas e foi muito bom pra mim. Elas me deram muito apoio. No primeiro dia que as encontrei, já saí com quatro livros. Devorei todos e em vinte dias já queria mais e aquilo ali foi alimentando a minha vontade de mudar. Porque, assim, a gente viver dentro do armário não faz bem, né?! Não faz bem à gente, não faz bem pra quem tá em volta da gente e é uma vida de muito sofrimento. Aos poucos, assim, eu to um passo de cada vez. E a Editora, com a Hanna e a Laura, elas foram muito importantes para mim porque me deram todo apoio. Elas entravam em contato, perguntavam como eu tava, chamava na casa delas. E a gente conversava e um ano depois eu ainda tava dentro do armário, depois de conhecer a Editora. E tava infeliz e um dia conversando com a Hanna por e-mail, que a gente conversava bastante, ela me mandou um poema da Clarice Lispector, *Mudar*. Eu não vou ler todo porque o poema é muito grande, então separei algumas estrofes aqui pra ler. Então é: “mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade. Veja o mundo de outras perspectivas, abra e feche as gavetas e portas com a outra mão. Faça do hábito um estilo de vida. Ame a novidade. Durma mais tarde. Durma mais cedo. Tente. Busque novos amigos, tente novos amores, faça novas relações. Ame muito, cada vez mais de modos diferentes. Se você não encontrar razões para ser livre, invente-as, seja criativo. E aproveite para fazer a viagem despreocupada, longa e se possível... Experimente coisas novas, troque novamente, mude de novo, experimente outra vez. Você certamente conhecerá coisas melhores e coisas piores que as já conhecidas. Mas não é isso que importa. Mais importante é a mudança, o movimento, dinamismo, energia. Só o que está morto não muda. Repito por pura alegria de viver. A salvação é pelo risco sem a qual a vida não vale a pena”. Depois desse texto que eu recebi da Hanna eu decidi arriscar, decidi mudar porque a gente tem que arriscar mesmo. A gente não tá feliz tem que mudar. Viver dentro do armário não faz bem e como diz aqui o texto comece devagar, mas comece. Cada dia a gente pode dar um passo novo e seguir em frente. E hoje eu agradeço a Editora por tudo que foi feito por mim e eu sei que faz por muita gente. Porque assim como eu fui abraçada, outras também foram. Outras que estão em outros estados e compram os livros e que se sentem acolhidas por tudo isso que é feito por elas, que pensam nelas. É uma Editora voltada pra gente. E hoje, assim como as meninas eu fico especialmente muito triste com o encerramento das atividades porque é muito importante isso, é muito importante alguém pensar na gente. Eu entendi a mensagem, eu entendi o que elas queriam dizer com você comprar livros, frequentar um bar que pensa em você. Ir a uma pousada que é GLS e pensa na gente porque tem muitos bares que é rejeitado e que a

gente não se sente acolhido, então hoje eu busco e eu vou atrás. Assim como eu aprendi com as meninas. Muito obrigada.

Muito aplaudida por todos os presentes, as palavras de Jacqueline, tal como o proferido em homenagem a Suzy Capó, perpetuaram ecos da forte referência ao mercado segmentado para o público homossexual na cidade de São Paulo. Segundo França (2006), esse movimento opera na transformação do *gueto* em um mercado sólido e multifacetado, tornando-se possível a existência não mais apenas de casas noturnas, “mas envolvendo também o estabelecimento de uma mídia segmentada, festivais de cinema, agências de turismo, livrarias, programas de televisão e até mesmo um canal a cabo, inúmeros *sites*, lojas de roupas, entre outros” (FRANÇA, 2006, p. 2, grifo da autora). Depoimentos, homenagens, leituras de poemas e textos próprios ou de outros escritores alternam-se ao longo do evento conformando um grande mosaico. Percebe-se consumo e produção estritamente relacionados, onde os livros ou textos trazidos de casa somam-se aos livros a venda na parte externa do salão e que retornam para serem lidos e recomendados. Ao mesmo tempo, fragmentos de histórias de vida das pessoas presentes misturam-se as histórias de vidas das obras presentes tornando o consumo “um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos” (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2013, p. 110).

“É, eu vou chamar, a Jacqueline não falou, mas ela é paraibana, acho que conseguiram perceber pelo sotaque. Muito próximo da Paraíba, mas não tão próximo, na Bahia, a Luciana. Cadê a Luciana?”, convocou Hanna em meio a aplausos. Enquanto passava o microfone para a moça, anunciava que esta iria ler um poema de Cassandra Rios, indicando a todos o filme que havia feito sobre a escritora e que estava à venda junto com os livros:

Pra quem assistiu ao filme da Cassandra, a trilha sonora do filme foi feita em cima de dois poemas da Cassandra Rios. Um poema abre o filme e um poema fecha o filme. Quem fez a trilha sonora foi a Laura Finocchiaro que é uma grande compositora e que inclusive já participou de saraus da Malagueta. E eu escolhi um dos poemas da Cassandra que a Luciana gostou muito do filme e ela vai ler um dos poemas da Cassandra Rios.

“Vamos abrir agora de novo para vocês!”, anunciou Hanna, dando a perceber que havia um *script* no quais poemas e pessoas tinham sua participação pré-definida. “Quem deseja declamar um poema? O senhor? Que ótimo! Os rapazes estão mais participativos hoje”, comentou a organizadora ao passar o microfone para um homem bem mais velho que se levantou e foi até o palco. “Meu nome é Zé Corrêa, eu sou caipira e só sei falar de bicho. Quem não gostar, que tape os olhos”, se apresentou. A seguir, prosseguiu em sua narrativa muito semelhante a modalidade poética do repente, relatando a história de uma periquita e uma rola na qual longamente descrevia estas em relação, ou seja, a “rola com a periquita” e a “rola na periquita” ecoavam por todo o salão em uma fluidez musical e ritmada.

Ao longo da historieta, e em meio a trocas de olhares de Hanna e Laura, era possível atentar para uma sensação de estarrecimento acerca da polissemia de interpretações possíveis no texto apresentado. A plateia se entreolhava, muda. Eu fui afundando na cadeira, constrangido e com medo de que aquele ato pudesse “limitar” o estabelecimento de relações com as demais presentes haja visto sermos poucos os homens no local. Findado o texto, Hanna Korich retornou ao microfone e prontamente disse: “Bom, depois dessa aula de heterossexualidade... voltemos!”, no que foi rapidamente endossada por Laura Bacellar com um “Voltemos!”, sentenciando em meio a risos, outrora silenciados, que explicitavam o constrangimento da interpretação condenatória feita por parte das organizadoras e compartilhada entre os demais presentes. Ao mesmo tempo, seguindo pistas de Douglas & Isherwood (2013, p. 119) esse ocorrido chama-nos atenção para a consideração de que, embora bens culturais portem significados, não o fazem em si mesmos, sendo necessárias relações, mediações, interpretações. Daí a importância das *profissionais dos livros* como Hanna e Laura a explicitação, (re)construção dos significados possibilitados pelos livros e textos. “Quem trouxe algo gay ou lésbico?”, perguntou Hanna, no que se seguiu do pedido de Laura: “Mas sem rola!”. “Sim, sem rola!”, endossou imediatamente Hanna. Uma moça, então, levantou a mão. “Vamos lá”, encorajou Hanna, “Tudo bem querida? Você já esteve em um sarau nosso, eu me lembro de você. Agora fale o seu nome de novo porque as pessoas não sabem quem

você é.” Uma voz abafada, para dentro, despontou um nome quase inaudível: Késia. Após fazê-lo, disse que iria ler dois de seus poemas, sendo o primeiro intitulado *Aceito*:

Teu vinho
Teu riso
partidas
chegadas
tudo
nada
amarelo
branco
dor de cabeça
água
suco
amigos
tênis
sandálias
jeans
óculos
os brincos perdidos
os sonhos partidos
não
sim
bom humor
músicas
filmes
des
culpas
despedidas
e aceito
a mim.

“Que lindo!”, enfatizou Hanna enquanto a plateia aplaudia e Késia de imediato, e aparentemente nervosa, enunciava o segundo poema, *Papel*:

Rabiscar
desenhar
é seda, é cinza.
hora e outrora [árvore]
é bola, no cesto a jogar.
Refazer, Refazer, reciclar.
é palavras [carta] .
impresso, datilografado

timbrado, autenticado [é verso]
perdido
rasgado
atraído
por uma tinteira.
sem tampa.

Em meio a novos aplausos, a editora perguntava a Késia se ela tinha mais um poema para ler. “Tenho sim”, respondeu a garota ao pegar novamente o microfone, enunciar o título do poema, *Minha Primavera*, e o ler:

Minha primavera
Tem mais flores que a sua

As flores se abrem com solenidade
E borboletas cruzam as ruas
Tudo desarma
e sorri
Um riso, em risco
a pautar seu rosto.

“Foi?!”, perguntou Hanna, espantada não tanto com o tamanho do poema, mas com a rapidez de sua apresentação. A plateia, que aplaudiu de modo mais curto, começava a se dispersar, o que não parecia um problema visto o som de risadas e conversas do lado de fora, onde estavam ocorrendo as vendas dos livros e do DVD, adentravam a sala e contrastavam com o demasiado acanhamento da poeta, que o transmitia por meio da leitura de seus versos. “Então mais uma; a última.”, sugeriu Hanna e, enquanto a moça procurava no celular, lhe perguntou, como fazia com as demais, se já havia publicado alguma coisa. Késia respondeu que tinha um *blog*, fazendo a organizadora pedir para que ela passasse o endereço e nome da página. “Chama *euplural.blogspot.com*. Quem quiser acessar. Tem tempo que não escrevo, mas lá tem uns cinquenta poemas”, informou, ao atender a solicitação e imediatamente ler o último poema, *Receita*:

É preciso pintar as paredes,
com pólen, violeta, anil, carmim

Trocar os lençóis,
cobrir de verde o colchão

Esvaziar os armários,
jogar fora os papéis, calendários, as lembranças

É preciso concentrar-se nos dias,
fazer o chá de alecrim, erva-cidreira ou hortelã

Retirar o açúcar

Amar sem culpa.

“Muito bem. A Fernanda tem outro texto!”, apregoou Hanna, com voz ativa, tentando evitar a dispersão, “Vamos lá Fernanda”. Fernanda aproximou-se. “Todo mundo tremendo aqui, segurando a folha, e eu vou colocar aqui em cima”, advertiu ao por o papel sobre um pedestal e avisar não se tratar de um poema, mas de um texto:

Minha primeira vez com ela foi daquelas mais tímidas. Eu não conseguia nem olhar pra ela. Mas ela foi quebrando o gelo, chegando perto e foi tão gostosinho. Demos risadas, conversamos um pouco. Não foi exatamente um relacionamento que tivemos, mas de vez em quando calhava da gente se encontrar e aí era aquele monte de beijos pra cá, monte de beijos pra lá, perguntas do tipo “como você esta?”, “que saudade”, “você esta bem?” e etc. Eu lembro que ficava o dia todo leve com um sorriso no rosto. Com o tempo, eu achei que a gente ia engatar um romance mesmo e era tudo o que eu queria, ser feliz pra sempre ao lado dela. Sempre achei ela muito ativa, feliz, trabalhadora. E ela é mesmo. Já faz tempo que não nos vemos. Ela tem a vida muito agitada, corrida, e quando dá, a gente tem esses encontros rápidos. Já tem um ano que eu não sei nada dela. Na verdade eu tenho notícias dela, sim. Ela me mandou um email dias atrás, disse que queria me ver. Eu toda feliz topei claro. A vida dela não foi fácil, sempre exigiu muito de si, mas se tem uma coisa que eu sei é que as vezes o momento não é propício para a realização dos nossos sonhos. E quando ela comentou isso comigo, eu entendi as suas razões. Eu tenho certeza que chegará um dia e ela vai saber que se não fosse ela a dar o primeiro passo, muitas não teriam dado passo nenhum. Muitas não teriam dado passo nenhum. Eu só queria dizer pra ela que valeu muito apenas todos os nossos encontros. Mais rápidos que possam ter sido e também por todas as pessoas que ela me apresentou. Que eu sempre fui muito feliz com ela por perto. Você esta indo, mas eu espero que você volte. De Fernanda, pra Editora Malagueta.

Ao término, os aplausos ecoaram maçicamente. A voz da jovem era potente e a homenagem às organizadoras, endossada pelos presentes. As editoras demonstravam surpresa pelo desfecho do enredo e diziam querer uma cópia do texto. Em seguida Hanna anunciou uma moça que, ao pegar no microfone, declarou tal como Jacqueline que a Editora havia salvado sua vida ao fazê-la conhecer a literatura lésbica de Lucia Facco, de Cassandra Rios e tantas outras. Ao fim, também lamentou o fato do sarau ser o último, tendo uma salva de aplausos imensa. Hanna abraçou-a, convidando a se apresentar quem mais quisesse.

A moça que eu havia avistando empolgadamente anunciando e vendendo os livros adentrou o salão afirmando desejar. Uma das organizadoras a apresentou como uma pessoa muito querida que as teria visitado uma vez. “Conta um pouquinho pra gente como é que você conheceu a Malagueta”, pediu Hanna. A jovem, de voz potente, grave, revelou ter conhecido a Malagueta pelo *site* na *internet*, tendo posteriormente ido à Casa da Árvore comprar inúmeros livros e conhecer as proprietárias. Marcela disse que o café “das meninas” era muito bom com bolachas. Acrescentou que ao passar a acompanhar os saraus, estas haviam lhe convencido de que ela vendia bem, e que assim foi ficando como vendedora.

“Foi contratada pras temporadas”, brincou Hanna, e emendou: “Vai lá, o que você vai ler pra gente?”. Marcela disse que iria ler um trecho do livro *Shangrilá*.

Da Malagueta, eu gosto de dois livros que eu acho fundamental. De ficção eu gosto muito do *Shangrilá*, acho que ele é muito bem escrito, acho fantástico. E de não ficção eu gosto das meninas, acho que *Frente e Verso* têm umas tiradas ótimas. Está dez reais os dois lá fora.

Ao ser interrompida pelas risadas, em crescente, da plateia. “Ela está se convertendo judia, não sabe...”, soltou Hanna, no que foi completada pela própria Marcela: “A Hanna não sabe, mas ela é minha mãe. Então, levando três, ganha o DVD

da Cassandra Rios que a Hanna autografa e não cobra nada.”, ponderou, em meio a maiores risadas da plateia que explicitavam a sensação de que o evento ganhava, assim, novos ares e fôlego. “Então, por estar vendendo, eu vou ler um trecho desse livro um pouquinho mais picante, mas o livro inteiro é fantástico.”, anunciou Marcela ao ser interrompida por Hanna. A organizadora recomendou jocosa que a leitura, sendo assim, se desse lentamente, de modo a permitir que as pessoas pudessem aproveitá-la: “Pra sair daqui, ir tomar choppinho e propor: ‘amor, vamos fazer aquela cena do *Shangrilá* hoje?!’”, disse. “Compre o livro! Compre o livro, aí você testa. Chega em casa e lê para a esposa”, recomendou Marcela. “Ler, não, praticar!”, enfatizou Laura, cuja gargalhada, diante da cena, tornava-a visível apesar de estar mais à margem da condução das atividades e do palco. “Ler também, ao pé do ouvido, bem gostoso, bem bacana.”, respondeu Marcela, sendo complementada por Hanna: “Pra dar tem de aprender!”. Após a salva de risos do público e delas mesmas, Hanna retornou para dar informações sobre a obra. “Olha, pra quem não sabe, o *Shangrilá* é o primeiro romance lésbico rural brasileiro. Porque o *Shangrilá*, ao contrário do eixo SP-Rio, ele foi escrito abordando o nordeste”, afirmou, ao ter sua fala complementada por Laura Bacellar de que a narrativa transcorria na zona da mata de Alagoas. “Se passa na zona da mata de Alagoas”, reforçou Hanna, “e é uma sapa meio *cowboy*, meio faroeste. Ela anda a cavalo, e ela monta nas éguas”, ponderou. As pessoas iam ao delírio. Mediante os comentários, a troca de olhares cúmplices a gargalhada, entoavam os gracejos feitos. “Uma coisa assim *lesbian love country* ou *lesbian countryLove*, como vocês quiserem; vale a pena!”, provoca mais uma vez Hanna. Marcela lê o trecho. Ao final, suspiros e reticências produzidas para gerar a curiosidade e desejo de aquisição do livro.

É preciso destacar não só neste ponto, mas adiante que mais a frente, a “insígnia do primeiro” desponta, tal como observei nos eventos pelo Rio de Janeiro, enquanto elemento que parece inaugurar um campo, uma realidade, de modo que ser “a primeira obra”, a despeito da qualidade e das condições históricas de sua produção, visa envolvê-la de valores mais autênticos apenas por esta condição. Após os aplausos, Hanna informa que ela iria ler um trecho. “Eu tenho vários favoritos da Malagueta. Mas escolhi o da Fátima Mesquita que escreveu esse livro aqui, *Amores Cruzados*, que é um romance que se passa em São

Paulo”, informa a editora que, antes da leitura, novamente insere informações sobre a obra e a escritora. “A Fátima ela é jornalista, mineira, radicada no Canadá, e a Laura quando trabalhava na GLS... fala um pouquinho de *Julieta e Julieta*, Laura?”.

A Fátima escreveu um livro chamado *Julieta e Julieta* que lancei em 1999 pelas edições GLS e foi o primeiro livro da literatura brasileira, vejam, em 99, o primeiro livro com uma história lésbica com final feliz. Até então, todas as histórias lésbicas, alguém morria, casava com hétero, era colocada em manicômio, etc etc. Sempre a pobre da sapa se ferrava na história. Então *Julieta e Julieta* foi o primeiro livro com uma sapa que não se ferrava e acabava nos braços de outra sapinha. Então a Fátima fez esse bom serviço para nós.

Após a fala de Laura, Hanna leu um trecho do livro *Amores Cruzados*. Em um dado momento, teve de parar devido aos risos e aplausos da moçada quando apontava para um “roça e roça e roça. “A Fátima escreve muito bem”, sentenciou a editora, e completou: “Foi o segundo livro que a Malagueta publicou. “Presta atenção que eu vou fazer sorteio e várias perguntas.”. Como informado, após sucessivas apresentações, foi elaborada uma dinâmica de perguntas e respostas acerca das informações veiculadas ao longo do sarau. As premiações variaram entre livros e outros objetos, como uma gravata com as cores do arco-íris e mesmo anéis coloridos. O evento seguiu com uma competição de beijo entre casais de mulheres e foi finalizado com um show com a cantora Nanda Cury e sua banda, a *XsoPretty*.

2.2: Entre o mundo da militância e o universo da editoração em SP.

Após o encerramento do sarau, na sacada da Casa das Rosas, fui me apresentar oficialmente a Laura Bacellar e Hanna Korich, lembrando-as ser o pesquisador que havia lhes mandado um e-mail com intuito de marcar uma conversa com elas sobre a Editora para o domingo. Laura me informou que ao sair dali iriam comer algo no *Ponto Chic*, ainda na Paulista, e me convidou para acompanhá-las. Esperava, assim, uma conversa mais confortável. Segui na frente, acompanhado por um grupo formado de participantes do evento; elas chegaram pouco depois. Devido à quantidade de pessoas presentes e a

necessidade de junção de mesas, encontraram-nos acomodados em uma área anexa ao salão principal.

Embora Laura tenha se sentado ao meu lado e Hanna, ao lado desta, percebi ser impossível o desenvolvimento de uma entrevista com uso do gravador, por exemplo. As circunstâncias adversas eram muitas: naquele pequeno espaço, o barulho não era ambiente, mas fruto da interação entre os participantes do sarau. Ademais, as empresárias funcionavam como catalisadoras de uma efervescência infinita de informações cruzadas: o sarau continuava ali. Seguimos conversando livremente e tomei ciência do encerramento não apenas daquela atividade, como tinha atentado por meio do enunciado de algumas participantes no evento, mas também da Editora: “Não entendi muito bem. O que está sendo encerrado: os saraus?”, perguntei. “Os saraus e a Editora também!”, me respondeu Laura. Ao fazê-lo, emitiu uma longa e expansiva gargalhada, e finalizou: “Você vem de longe para pesquisar algo que está fechando. Último dia!”. Minha reação de espanto pontua o início de nossa conversa, interpelada pelos demais presentes e, inclusive, encerrada por estes.

Antes de nos despedirmos, reforçamos nosso compromisso de almoçarmos juntos no dia seguinte. Tal empreitada não foi possível em decorrência do local onde eu estava hospedado e o endereço combinado, o restaurante *América*, no *Shopping Pátio Higienópolis*, localizado no bairro de mesmo nome. Tendo pegado o ônibus errado, cheguei uma hora atrasado. Ademais, ao localizá-las chegar, percebi tratar-se da praça de alimentação do estabelecimento e também que na mesa estavam outras pessoas, três amigos e um rapaz que, com gravador em punhos, as entrevistava. Combinamos de aguardar e durante esse tempo, percebi as dificuldades novamente do uso do gravador: desta vez, o barulho era simplesmente de ruído do ambiente. Entre um café e outro, conversamos. As linhas que seguem, voltam-se para a compilação do material apreendido nestes dois momentos.

2.2.1: Laura Bacellar

“Eu resolvi ser editora porque pra mim os livros fizeram diferença. Fizeram a diferença”, me respondeu Laura Bacellar. Alta e encorpada, aparentava estar na casa dos cinquenta anos. Com os cabelos negros e curtos, porém um tanto grisalhos, chamava atenção pela voz grave e movimentos ausentes de excesso. A exceção reside em sua risada, frequentemente lida como uma expansiva e potente gargalhada. Enigmática porque impossível de interpretação precisa. Entre o humor irônico e o riso meramente festivo, a dúvida. De todo modo, foi com a sentença acima que começou a me contar sobre os caminhos que a fez tornar-se editora. Leitora destas com gosto desde criança, afirma ter sido a descoberta de sua sexualidade que a fez voltar-se ainda mais para o universo dos livros. “Pra mim fazia diferença [os livros] e, especialmente, quando eu comecei a ver que eu pertencia a uma minoria, que eu percebi que tava rolando um lance lá de atração por outras mulheres, os livros fizeram toda a diferença”.

Laura salienta que sua decisão pela profissão foi confirmada em uma ida a Inglaterra nos anos de 1979 e 1980. Tendo permanecido lá por um ano, pontua a descoberta e frequência a uma livraria em especial como acontecimento-chave: “Eu ia muito a Londres e descobri a primeira livraria gay do mundo, a *Gays in Word*, que ela chama. E eu comecei a comprar livros e ler e aqueles livros me ajudaram muito”. A relevância desta descoberta é apontada por ela em perspectiva comparada. “Porque aqui no Brasil não tinha porra nenhuma”, afirma de modo enfático ao emendar que textos sobre homossexualidade em português só o da Cassandra Rios, “que era aquele pique pesado, apelativo e tal, e coisas médicas”. Laura salienta que a homossexualidade no país era tida e tratada como desvio psicológico, doença a ser tratada: “Então eu só tinha tido essa informação. Na Inglaterra eu encontrei esse bando de livros e a leitura foi me ajudando, mudou a minha vida, porque eu fui uma pessoa e voltei outra”.

Ainda sobre o período vivido na Europa, recordar de um livro em especial, intitulado *Os gays e lésbicas ao longo da história*. “Aí eu descobri que eu era parte de uma linhagem antiga, eu e safo”, finaliza ao emitir uma de suas

longas gargalhadas. Visto se tratar de nosso primeiro encontro, nossa conversa foi sendo pontuada por inúmeras de suas gargalhadas e pela minha incerteza acerca de como traduzi-las dentro do nosso contexto. “Em inglês já havia bastante informação. Em português não tinha nada, nada, nada”, resume, enfatizando o gosto pela descoberta. Depois, Laura conta-me que a proximidade com os proprietários da livraria inglesa lhe permitiu o acesso aos livros, que ela ia devorando, comprando e revendendo para comprar outros. Afirma ter sido este o fator que lhe deu certeza do que desejaria fazer da vida:

E assim, eu sentia que aquilo me fez tão bem que quando eu voltei, fui prestar vestibular, tinha já 21 pra 22, e todo mundo insistindo pra eu ir fazer jornalismo, eu até entrei em jornalismo, mas eu não gostava de jornalismo. Comecei a cursar e vi que não era a minha praia, que eu não tinha nada a ver com jornalismo e que eu gostava de livros. Dentro da faculdade eu pedi transferência. Só que jornalismo era uma profissão regulamentada, o diploma valia alguma coisa e editoração ninguém sabe o que é. Então todo mundo que me conhecia dizia: “Não faça isso. Faz um curso de jornalismo até o fim, porque o diploma serve. Diploma de editoração...”. De fato, eu nunca mostrei esse diploma. Eu sou formada e tudo. Mas eu mudei, eu pedi porque eu não aguentava e editoração eu fiz até o fim, gostei e tal. E era tão raro, tão raro que o diretor da ECA, da escola de comunicação e arte, me chamou pra perguntar o porquê que eu estava fazendo isso, porque ninguém fazia isso. Mas eu gosto de livros! Sempre gostei, sempre amei. E fui trabalhar. Não me arrependo, ganho pouco. Não é uma carreira que pague bem. Mas eu sempre gostei de livros, sempre trabalhei com livros com amor em várias editoras já. Já fiz todo tipo de livro, desde 83 eu trabalho em Editora. Primeiro eu trabalhei dentro, agora trabalho como *freela*, não me arrependo porque é um caso de amor.

“Eu acho que os livros mudam a vida das pessoas”, pontua Laura, ao oscilar o tom de voz, diminuir o ritmo, e prosseguir: “Já várias vezes me ajudaram. Nessa e em outras instâncias, quando tive grandes problemas, grandes estresses, grandes pressões, depressão”. Demonstrando um semblante mais reflexivo, conclui a assertiva feita: “Pra mim não é prosac, não é nada, pra mim é o livro, entendeu?! Ler um livro ajuda”. A editora conta-me ter iniciado como estagiária na Editora Paz e Terra, em 1983. Começou em uma posição “bem nada mesmo”, fazendo café para autores e arrumando fotolivros. Ao mesmo tempo, aponta ter sido lá um verdadeiro campo de aprendizagem:

Eu fui aprendendo como é que funcionava. Uma editora que tinha departamento de edição gráfica muito, sabe, fazia diagramação lá dentro. Computadores rusticamente... Aprendi tudo, como se fazia na prática. Eu tinha muito interesse, então eu aprendi tudo, toda a base, sabe, até a parte, ainda tinha --, a gente fazia em fichas e fazia em chumbo também. Eu peguei ainda a impressão em --- monotipo. Ah, eu ia visitar, ia ver como é que era, ver as chapas e tal, adorava saber como a coisa toda funcionava. Aprendi a fazer revisão, preparação, falar com autor; conheci Paulo freire, sabe. Senti-me no meio editorial assim, de cabeça.

Pergunto a Laura se o seu trabalho na Editora Brasiliense veio logo em seguida e ela prontamente me responde que não. Conta ter trabalhado antes em uma Editora chamada Hemus. Sobre o assunto, fala, com entusiasmo, ter feito vários trabalhos distintos, visto tratar-se de uma Editora “mequetrefe, mas muito interessante”. Em seguida me explica sua afirmação:

Fazia de tudo, desde livro esotérico, manual do corsel, manual de geladeira. Uns negócios bem mais ou menos. Mas o bom de livro mais ou menos é que você pode errar. E na Hemus eu fui chefe de produção, eu fui chefe de equipe, entendeu, foi muito bom porque aí eu aprendi muito mais. Na Paz e Terra eu era estagiária, depois virei assistente e tal. Na Hemus eu já entrei como chefe, então eu tinha que dar ordens, tinha que tomar decisões, uh, aí você tem de aprender mesmo. Daí que eu fiquei sabendo de todo o processo, como funcionava, apanhei, tomei mil decisões. Daí é que eu fui pra Brasiliense.

Sobre a Brasiliense, Laura descreve ter iniciado primeiro como editora assistente, tendo logo depois ido fazer um estágio na Europa durante seis meses em uma Editora alemã. Ao retornar, sinaliza seu trabalho na Editora Mercúrio: “Já trabalhei em várias editoras. Eu voltei, aí eu fui, trabalhei, sim, na Mercúrio. Imagina, Mercúrio era uma editora cristã. Não era fundamentalista, mas é cristã”, expõe e, ao perceber um certo tom de curiosidade em meu rosto, prossegue: “Muito engraçado. Ao mesmo tempo, eu abri a GLS e trabalhei numa editora cristã”. “Isso já nos anos 90 então?”, questiono e recebo a confirmação: “Nos anos 90”. Ao lhe perguntar sobre como tinha surgido a ideia da GLS e como ela havia ido parar lá, a origem da empreitada remetia ao tempo de residência nos EUA, onde tinha descoberto ser possível o surgimento de Editoras voltadas para o público homossexual:

Na época se chamava GLS, hoje a gente chama LGBT. Existia. Eu participei de um encontro de editores, editores comuns, tá, que estavam atendendo o segmento em Boston. Eles fizeram uma reunião e eu fui. E falei: “Gente, é possível!”. Editoras como a editora na qual eu trabalhei, sabe, a editora Brasiliense de lá estava discutindo como fazer um selo gay. Eu falei: “Vamos fazer!”, né?! Eu via o pessoal falando estratégias, o que eles queriam, o que eles deixavam de querer. Aí imediatamente eu montei na minha cabeça um projeto. Quando eu voltei pro Brasil eu já tinha ele montado. E aí uma Editora aqui no Brasil que foi a Summus pensou em fazer. Então a gente se encontrou e eu já tinha o projeto pronto.

Ensejado em um debate político e social, a produção de uma mídia de/para homossexuais começam a tomar forma no Brasil em revistas e jornais cuja circulação se dava em bares, boates e saunas conforme assinala França (2006). Tal empreitada esteve atrelada a construção das identidades homossexuais no país, feito iniciado a partir dos anos de 1960 e 1970 de modo mais intenso (FACCHINI & SIMÕES, 2009). Nestes impressos, já era possível atentar para o aparecimento de poemas, contos e crônicas (GREEN, 2000; FACCHINI & SIMÕES, 2005), muito embora a emergência dos primeiros selos editoriais voltados exclusivamente para a publicação de uma literatura classificada sobre a rubrica da sigla GLS, portanto, desponte na década de 1990, mais precisamente em 1998, tendo sido Laura Bacellar a editora responsável por um destes selos: o *Edições GLS*, pertencente ao *Grupo Editorial Summus*. Laura me confirma a informação de que as edições GLS sempre foram um selo e nunca uma Editora. “Era um selo, mas era um selo extremamente independente. Eu tinha total liberdade de escolher o que eu achava que interessava ou não. Só que ela usava o sistema de distribuição, aliás, precário, da Editora principal”. Ao me lembrar do livro de Carmem L. Oliveira, publicado pela Rocco em 1996, e de outros, indago a Laura sobre a publicação, já nesta década, de livros GLS no país. A editora me confirma que sim, e esmiúça:

Havia, mas havia meio picada, tá. Só que com a abertura da publicação nos anos 90 as pessoas começaram a perceber: “O que está acontecendo? Estão publicando lá fora, na Inglaterra, nos EUA, vão publicar aqui também? Não nesse pique. Só que a gente tinha um projeto, estava pronto, eu disse “Eu não vou arriscar, eu vou fazer uma linha”, e fiz mesmo. Você pode ver. Você pode me criticar bastante, eu já recebi varias criticas sobre a GLS, inclusive essa do Trevisan que achava que não se deveria colocar tanto a palavra gay, lésbica, homossexual nos títulos. Várias pessoas já me disseram isso. Me disseram outras coisas também. Mas era uma linha, entendeu, eu vim com a

decisão tomada e achei uma oportunidade interessante de testar. O que ela conseguiu são outras coisas. E por causa dessa linha reta conseguimos uma publicidade imensa; a mídia foi a que mais respondeu. Você não imagina como que eu saí no jornal, na televisão, em rádio. Era muito, muito.

Foi neste mesmo período, dos anos de 1990, que houve uma mudança drástica no mercado editorial no Brasil, embora alguns sinais de mudança já pudessem ser rastreados em momentos anteriores⁴⁶. Em sua análise sobre algumas Editoras de esquerda no período da ditadura, Flamarion Maués (2013), por exemplo, mostra o processo de declínio destas com o processo de “abertura política”. Segundo o autor, interesses ideológicos sucumbiram às dificuldades econômicas de manutenção das empresas culturais, posto que as demais Editoras teriam passado a publicar livros até então condenáveis pelo regime ditatorial brasileiro (MAUÉS, 2013). Laura acena para esse mesmo contexto. Menciono a Companhia das Letras, iniciada em 1987, como uma das que ganha força ao mesmo tempo em que outras editoras deixam de existir depois da abertura.

É, começou a abertura, começou o computador, começou a mudar o mercado que antes era nas mãos de poucas editoras muito conhecidas e passou a ser mais espalhado. Pequenas editoras foram abrindo, começaram a publicar, então mudou bastante o esquema, sim. Isso deu abertura para publicar mais coisas gays. Mas no início quem publicou coisas gays foram as grandes mesmo, as multinacionais. A Record publicou alguma coisa, a Siciliano publicou, e a Summus pelo selo que eu criei. Publicando e experimentando como é que funcionava esse mercado.

Laura afirma, por exemplo, que a época em que trabalhou na Brasiliense pela segunda vez, em 1988, já havia alguma coisa em seu catálogo, que a profissional classifica como gay, e destaca:

A Brasiliense tinha alguns livros, por exemplo, o *Morangos Mofados*, do Caio Fernando Abreu. A Brasiliense tinha um pique de publicar livro gay, mas era um livro gay enrustido: livro gay que não diz a que veio. Mas tinha.

⁴⁶ Sua obra me ajudava a ponderar questões ideológicas com questões econômicas e comerciais. A partir deste prisma, refletia sobre a hipótese de que o surgimento de um selo homossexual originava-se muito mais pela ideia de nicho de mercado do que por razões meramente rentáveis no plano mercadológico mais amplo.

O catálogo tinha. E a Brasiliense tinha uma *newsletter* que eles mandavam pedindo as pessoas que se inscreviam que nessa *newsletter* as pessoas podiam botar anúncios pessoais. Tinha muito gay e muita lésbica que colocava, sabe, ficavam procurando amizade, amor e não sei o quê e tinha “homem procura homem”, “mulher procura mulher”. A Brasiliense abria espaço para um público LGBT. Na época ela era a Editora mais LGBT do mercado. E eu trabalhei lá nessa época. E veio uma coisa debaixo dos panos, não era uma coisa, de forma alguma era esse pique que eu comecei publicando: *Tronar-se gay*, não, de jeito nenhum, mas tinha.

Tronar-se gay foi o primeiro título publicado pela Edições GLS, seguido de *Adeus maridos*, *Transexuais* e *O que a bíblia realmente diz sobre homossexuais*. “Tudo assim, pá!”, endossa Laura, e prossegue: “Quinto título: *Sexo entre mulheres*”. Uma nova gargalhada ecoa pela praça de alimentação, sendo seguida do entusiasmo da empresária cultural em recordar e narrar os acontecimentos: “Assim, as pessoas entravam. Eu comecei na Bienal do Livro de SP, em 1998, com esses livros. As pessoas ficavam sem fala quando viam, não acreditavam”.

Nos quatro anos em que permaneceu à frente do selo, trinta e cinco títulos foram lançados. Ao fim, Laura alega ter saído do projeto por discordar do modo de divulgação operacionalizado pela Editora Summus, responsável pelo selo:

Porque a Summus funcionava de uma maneira muito tradicional. E eu achava que vender livro gay de forma tradicional num mercado preconceituoso não funcionava. Os vendedores eram ruins, eram preconceituosos, a cadeia de livreiros, tinha muito preconceito. Eu achava que tinha de inventar outras maneiras, e foi o que eu fiz com a Malagueta, outras maneiras de trabalhar para chegar ao leitor direto, sem os canais preconceituosos. Mas eu cheguei à conclusão que os canais eram preconceituosos, sim, mas o leitor também. Isso eu fui chegar à conclusão na Malagueta.

Ao sair do projeto Edições GLS, Laura volta-se para as demais Editoras: “Depois eu fui trabalhar na Scipione, fazer livro paradidático”, me informa, alegando nunca ter deixado de prestar serviços a outras empresas: “Eu sempre fui uma editora de livros, de fato, múltipla e inclusive fazendo o ativismo, porque de uma coisa só é muito difícil viver”. Passados sete anos, a tentativa de voltar a atrelar atuação profissional e militância emerge em novo projeto:

Quando eu saí, depois que eu me retirei da GLS, fiquei quieta um tempo e tal, mas ficou essa coceirinha no fundo: “Será que não é possível fazer uma editora que lide direto com o consumidor, sem depender tanto dos intermediários? Será que não é possível fazer mídia só pela internet, só pelo correio, será que não dá para fazer isso?”, eu tinha essa impressão.⁴⁷

A Editora Malagueta emerge neste contexto, estando desde o princípio direcionada para o segmento lésbico: “Sim, eu pensei: ‘eu vou falar com as lésbicas porque eu entendo de lésbicas’”. Tal afirmativa fundamentava-se nas críticas recebidas acerca de sua atuação nas edições GLS referentes às publicações voltadas para homossexuais masculinos:

Leitores, amigos, li umas resenhas e tal. E publiquei livros eróticos também, de amor. Aí os caras tavam dizendo que eu não tava acertando a mão. Uns diziam que sim, outros diziam que não. Aí eu vou confessar a você: do sexo ali gay, realmente eu não entendo nada. [gargalhada]. Eu usei os pareceristas e tal, mas eu não entendo bolachas! [gargalhadas]. Então eu falei: “Pô, vai ver, então, eu tô errando o tom, mesmo”. Porque eu estava seguindo um pouco o pique americano, sabe, muito sexo, sexo explícito, sexo seguro, algum envolvimento emocional, uma coisa romântica. Mas não!

Laura alega que as críticas a fizeram conceber mudanças: “Nas edições GLS, você podia ser o que fosse, mas, pelo amor de Deus, assumido! Só me falta, dizer que é hetero e é gay! Ah, não, não vou publicar! É contra o espírito da GLS, sabe?! Você entende? Eu estava numa postura política”.⁴⁸ As diretrizes para a submissão de originais para publicação na Malagueta, por sua vez, circunscreviam-se no fundamento e espírito da nova *marca*, seu público alvo. Para tanto, a necessidade de ser lésbica ou bissexual, minimamente mulher, tornava-se imprescindível porque as narrativas também eram direcionadas ao público feminino:

Eu não queria homens escrevendo para mulher. As mulheres já não tem voz, porque é que eu ia dar voz ao homem? Homem publica aonde ele quiser, entendeu?! Um homem escrevendo literatura lésbica publica em qualquer

⁴⁷ E continua: “Errei, mas tinha essa impressão. É possível. Eu vendi mais na Malagueta do que a GLS vendia. Então eu tava certa. Porém, não vendi tão a mais a ponto de fazer ela se sustentar.”

⁴⁸ A empresária continua enfaticamente: “Você acha que eu ia aceitar uma coisa dessas? Não aceitei! Ele ficou bravo comigo”.

editora que você quiser, não tem problema. Uma mulher escrevendo literatura lésbica só publicava na Malagueta, compreende?! (...) quem já tem, entendeu?!

Laura aponta para mudanças na estratégia frente ao mercado. Embora tenha posto os livros em livrarias, a concepção de vendas, distribuição e divulgação dos livros passou a ser dada prioritariamente pelo site e a propaganda, feita pelas redes sociais⁴⁹. “Eu achava que era necessário criar um ambiente de consumo de cultura lésbica, entendeu, justamente. Como eu vi que não funcionava a venda por livraria pela GLS, eu resolvi criar outros canais pra Malagueta, por exemplo, os saraus.”, me avisa a empresária. Fruto desta dinâmica, os encontros duraram o mesmo tempo de vida da Editora, de 2008 a 2015, embora sua periodicidade não tenha ocorrido de modo regular. Após submeterem o projeto à Casa das Rosas e este ter sido aceito, nos últimos três anos, realizaram ali quatro saraus por ano. “Eles pediram para a gente fazer mais vezes, mas a gente não aguentou”, informa. Ao formulá-los, todavia, assinala não tê-lo restringido apenas a literatura, expandindo para as outras artes:

Porque eu acho que faz parte da cultura lésbica, sim, as pessoas se gostarem, outras pessoas gostarem, gostarem das autoras, ficarem amigas, trocarem impressões, sim, a gente fez um esforço grande pra que isso ocorresse: justamente criar um palco cultural. Não é fria, a cultura lésbica não é fria. Para as pessoas se sentirem bem.

Com relação ao programa *As Brejeiras*, veiculado pelo *Youtube*, Laura informa que, de início, a ideia surgiu de um convite do *Dykerama*, um site destinado a lésbicas, e que, após desentendimentos, continuaram sozinhas a fazê-lo. “Continuamos com o mesmo princípio: vamos falar direto com a leitora, vamos falar direto com a lésbica, vamos pegar essas mulheres que escreveram pra falar do livro delas e não apenas nós”, sentencia. Ao lhe perguntar sobre a participação nas bienais do livro e na Flip, a editora me informou que a edições GLS havia ido a todas as bienais desde seu surgimento, em 1998, e que continua indo

⁴⁹ Conquanto, em relação à distribuição, tenha afirmado: “A gente pôs num distribuidor e pôs em grandes livrarias. Tava na Cultura, tava na Saraiva via distribuidor, tava na Travessa, na Livraria da Vila, a gente distribuiu.”.

devido ao fato de fazer parte do *Grupo Editorial Summus*. Com relação à Malagueta, por falta de dinheiro, informou ter participado apenas uma vez da Bienal Internacional do Livro de São Paulo a convite de seu distribuidor. Sobre a Flip, me esclareceu ter estado na Off-FLIP, seu circuito “alternativo”, por duas vezes.

Sobre seu catálogo, Laura comenta que o livro *Aquele dia junto ao Mar*, da escritora Karina Dias, foi o mais vendido, cerca de três mil exemplares. “Isso não é tão ruim, sabe, mas não sustenta Editora”, aponta, enunciando sua lógica com relação ao fracasso de uma edição: “A menor vendagem, um livro que a gente manteve em catálogo por cinco anos e vendeu quatrocentos exemplares. No mínimo. Menos de cem exemplares por ano é ruim”. Observa-se que outros aspectos mantinham-se atrelados a sua experiência no mercado do livro até então: tiragens de mil exemplares, todo investimento custeado pela Editora. Quando lhe pergunto, a esta altura, sobre divisão dos custos, a alternativa foi renegada: “Eu venho da tradição antiga, o editor banca porque o editor acredita que vai funcionar. Quando o autor paga é outra história, começa com exigência”. A Malagueta, deste modo, publicou dez títulos; alguns tiveram reimpressão. A empresária aponta que oito foram de ficção e dois de não-ficção: *Lésbicas na TV*, que traça uma análise do seriado norte-americano *The L Word*, e *Frente e Verso*. Sobre este último, afirma que foi resultado de uma compilação de artigos publicados por ela, Hanna e a escritora Lucia Facco. “Nós somos lésbicas falantes”, ressalta, e completa:

Veja que o *Frente e Verso* é o primeiro livro de artigos, pequenos ensaios, do ponto de vista de lésbicas, a sair em dez anos. O último a sair, eu mesma quem publiquei e foi o da Vange Leonel. Então o da Vange Leonel saiu em 2003/2004 e eu publiquei o *Frente e Verso* eu mesma em 2013, dez anos depois. Neste ínterim, zero livro sobre uma lésbica falando, zero. A gente tem 20 mil títulos publicados por ano no Brasil. Zero em 10 anos. 200 mil títulos foram publicados no mínimo e nenhum do ponto de vista de uma lésbica.

Com relação aos livros de ficção produzidos pela Malagueta, um aspecto interessante diz respeito ao seu conteúdo. Observa-se uma mudança no enredo das narrativas, onde os “finais positivos” adquirem força. Ao apontar

para este ponto, Laura me diz que o cenário está melhorando, embora a qualidade, não muito. Após uma longa risada, declara: “isso falta ainda, tá ruinzinho. Ainda não teve um casamento de gente que sabe escrever com um final feliz.” Apontando para o que acredita tratar-se de um fenômeno brasileiro, pontua um descompasso onde “Quem faz final feliz em geral não sabe escrever. Quem sabe escrever no final mata a personagem”. Entre uma risada e outra, é taxativa acerca deste aspecto. “Você vê aquela coisa bem escrita e pensa: alguém vai morrer”.

A editora recupera o fato de ter sido “a primeira a publicar no país um livro lésbico com final feliz”, ainda em sua atuação nas Edições GLS. Trata-se do livro *Julieta e Julieta*, da escritora Fátima Mesquita, lançado em 1998. “E os outros, esses oito títulos da Malagueta?”, pergunto-lhe, no que esta me afirma enfaticamente: “Os dez da Malagueta tudo com final feliz, imagina! Malagueta não ia publicar final infeliz nem a pau. Uma questão de postura. Mas tá cheio de livro aí no mercado que tem. Vai ver Cintia Moscovitch, Lilian/Mirian Campelo, vai ver”. Ao pontuar interferências nas construções narrativas das obras que editorou, Laura assume seu posicionamento político: “Eu insisti em final feliz. Eu só vou publicar final feliz. As pessoas ficaram muito bravas comigo, dizendo que eu estava interferindo na literatura”, revela, ao se referir ao tempo de atuação no Grupo Summus, justificando seu pensamento enquanto modo de criar uma linha editorial diferente daquela encontrada no mercado livreiro da época.

Com relação a sua empresa, mesmo as diretrizes estando explicitadas na página da Editora, teve insistências:

Também, eu precisei insistir, tá, eu só aceitei livros com final feliz. Eu só queria publicar isso. Chegou, chegou, imagina, quando a gente abriu começou a chegar original de tudo quanto é jeito. Infeliz, não publico. Então eu fiz isso tanto na GLS, para gays e lésbicas, quanto na Malagueta, para lésbicas: só final feliz, entendeu. Porque morte, loucura, drogada, deprimida, jogada na ponte e etc. já tem. Pode procurar que você acha, não tem problema, tem um monte. Aliás, eu acho que se eu escrever uma história e matar o personagem gay, você é publicado por uma grande Editora, porque eles têm prazer nisso. Por isso que eu fui contra.

Embora tenha permanecido focada na produção de uma nova narrativa literária sobre personagens lésbicas e tenha criado outros canais de comunicação e venda, Laura destaca ter percebido que o problema residia no público que não respondia como necessário. A editora atribui esta dificuldade de resposta ao preconceito e me dá o seguinte exemplo:

Várias autoras, porque a malagueta é generosa, então a gente convidava todas as autoras de outras Editoras para participar de nossos eventos, porque eu queria falar de literatura lésbica, não precisava ser de literatura lésbica que eu publico. Então eu chamei de várias Editoras, autopublicadas, vamos fazer a festa. Chamei para vários lugares bacanas como a Livraria da Vila, como no Banco do Brasil, lá no Rio, sabe, levando autoras de outras Editoras. Muito bem. Essas autoras, autoras lésbicas, publicaram livros lésbicos, foram convidadas pela Malagueta para participar de um evento lésbico, elas compraram os nossos livros, pergunto a você?

Ao lhe responder não saber, emenda:

Não! Nem a autora compra! Eu tive gente que queria ser publicada, mas não comprava os livros. Isso é preconceito, isso é um preconceito da esfera do absurdo. Do público gay. Você sabe o que é você querer ser publicado por uma Editora, mas não querer ler os livros da Editora?! Tive várias pessoas que foram aos nossos eventos, mas não compravam os nossos livros porque elas vinham com essa história: “Mas eu não sou apenas lésbica, porque é que eu vou comprar literatura lésbica?”. “Vai comprar porque você é também lésbica, porque isso vai lhe dar prazer, isso é interessante, tem ideias, tem conceitos, tem personagens interessantes, é por isso”, né, mas é necessário explicar porque a pessoa não sabe, ela acha que não precisa, que não deve, que isso é abaixo. Então eu comecei a perceber repetidamente esse espírito de quem seria o público alvo. Errei. Esse foi o ápice do ápice. Se a autora não compra, quem vai comprar?!

A assertiva do problema, embora emoldurada num caso especificamente voltado para o segmento lésbico, deve ser entendido como uma crítica ao segmento LGBT. Laura afirma que “aficionados em fusca”, por exemplo, não tem problemas em admitir que o são, o contrário dos homossexuais. Sua fala ainda aponta para diferenças estratégicas entre países: “Nos EUA, se um gay publica algo, todo mundo vai lá e compra pra mostrar que aquilo tem força, tem peso”. Laura aponta para a diferença com relação ao caso brasileiro, e acredito que uma problematização mais forte desta reflexão residiria em pensar a própria

trajetória do movimento LGBT no país, o que não permitiria que questões complexas sejam comparadas de modo simples como faz parecer. Todavia, ao fim, posiciona-se de modo ponderado. “Veja, você mesmo foi testemunha. Em parte funcionou”, me diz ao iniciar uma espécie de balanço final da empreitada, e seguir:

Aquilo que a gente tinha ontem na Casa das Rosas a gente precisaria multiplicar por cem, entendeu. Se multiplicasse por cem rolava. A questão é numérica, entendeu. Aquilo que estava acontecendo ali era o que a gente planejava: que as pessoas gostassem, que fossem, comprassem. Só que estou pensando em números, entendeu, faz sentido?!

2.2.2: Hanna Korich

“Você ainda quer conversar comigo?”, me perguntou Hanna. “Mais é claro que sim”, afirmei, deslocando-me para a outra ponta da mesa, onde ela estava. Ao sair de uma espécie de transe, notei que as pessoas na mesa estavam pagando a conta e se despedindo. “Desculpa, Franco, vamos embora trabalhar?!”, disse Laura ao amigo, que consentiu. Hanna Korich não toma café, então se serviu de chá. De pouca estatura, tinha os cabelos mais curtos e grisalhos do que os de Laura. Também aparentava estar na casa dos cinquenta anos, e possuía um estilo que remetia a uma filosofia de vida alternativa.

A editora afirma que seu envolvimento com os livros está atrelado a sua origem étnica: “Olha, eu sou judia, sou de origem judaica. Os judeus, no geral, se preocupam muito com a cultura, sabe”. Ao fazê-lo, discorre um pouco sobre sua família, composta de imigrantes poloneses. Hanna me narra que o pai tinha passado o período da Segunda Guerra na Europa, em um campo de concentração. Ao contrário da mãe, oriunda da segunda geração. Conquanto afirme que o primeiro não tinha muita “cultura”, aponta para a valorização desta por parte da família materna: “a família dela sempre se preocupou muito com livros, com cultura. Meus avós liam muito em iídiche que é um dialeto alemão que os judeus falam, sabe”.

Mesmo a influência étnica desponte para correlacionar sua vinculação com o mundo escrito, Hanna confessa ter tido pouco interesse para a leitura durante a juventude. “Mas quando eu me descobri lésbica eu fiquei, hã, como é que eu vou definir como é que eu fiquei? Eu fiquei num conflito muito grande, porque eu não tinha com quem conversar muito sobre isso, sabe, década de 80. E eu fui atrás dos livros”, conclui, ao estabelecer a descoberta de sua sexualidade, mais do que sua origem judaica, como determinante para a mudança de seu olhar sobre os livros. Mergulhada em um conflito silenciado, a empresária narra sua busca:

Um dia eu tava no Aeroporto de Congonhas, entrei na *Laselva*, indo pro Rio, fui dar uma olhada nos livros. Aí um título me chamou muito a atenção: *Flores Raras e Banalíssimas*. Peguei o livro, tinha uma figura andrógina na capa, sabe, assim de óculos e uma figura não tão andrógina também na capa. Eu comecei a folhear. Gente, eu fiquei enlouquecida com aquilo, nunca tinha ouvido falar na Lota até então. Isso foi 95, 95-96. Eu peguei esse livro, peguei esse livro e comecei a ler e fiquei fascinada com a história dele, sabe. Eu falei: “Bom, então eu vou resolver esse conflito pelos livros”, porque eu não tinha com quem conversar.

Hanna afirmar ter iniciado uma corrida atrás dos livros a partir deste momento. “Aí achei a Cassandra, aí a Laura criou o selo GLS. Eu comprei a coleção inteira. Eu ficava de olho. Cada vez que saía um livro, eu comprava e lia”, admite, ao emendar já com a voz embargada: “Os livros me salvaram, me ajudaram a compreender quem eu sou. Eu fico emocionada quando eu falo isso. E desde então eu não parei”, finaliza, ao tomar um gole de chá e me olhar. Pondero acerca da reação que deveria tomar, mas recuo e aguardo. A editora dá continuidade a nossa conversa assumindo ter entrado no projeto de construção da Malagueta para possibilitar a jovens “ter instrumentos” que não teve tão facilmente.

De ter uma Editora só pra elas, porque eu não tive isso. Eu tive que correr atrás dos livros, perguntar, ir às livrarias. Às vezes eu entrava na Livraria Cultura constrangida. Pensava: “Nossa, eu tenho de pedir um livro gay, um livro lésbico”. Eu tinha constrangimento de pedir, reconheço isso. Mas na medida em que eu fui lendo, eu fui absorvendo a ideia de que ser homossexual não é uma coisa pavorosa, é uma coisa bárbara, linda, maravilhosa! Que eu tenho de ter orgulho disso, não vergonha. Que não tem nada de errado, muito pelo contrário. Errado é quem não nos aceita, não nos ver como seres humanos que nós somos, iguais a qualquer pessoa. Daí a minha paixão pelos livros, os livros simplesmente me fizeram compreender,

me entender e me aceitar. Foi um livro que fez isso comigo. Eu falo isso no *Frente e Verso*, num dos artigos que eu escrevi.

Tendo trabalhado como advogada durante trinta anos, Hanna diz que após a aposentadoria, desejou embarcar no projeto de Laura, que já tinha bagagem acumulada do trabalho nas edições GLS e mantinha a vontade de criar uma Editora com foco específico nas homossexuais femininas. “Me aposentei e falei: ‘Bom, eu não tô fazendo nada, eu vou entrar nesse projeto’, e banqueei o projeto junto com ela. Oito anos”, sinaliza, acrescentando terem começado a batalhar pelo projeto no final de 2007 e lançá-lo no ano seguinte, mais especificadamente no dia da visibilidade lésbica, 29 de agosto.

Uma vez iniciada a empreitada, alega ter tido momentos de sentimento muito positivos. Ressalta um ganho particular, o de assumir publicamente sua homossexualidade. Embora alegasse não ser “armariada”, respondendo sobre sua orientação sexual a quem lhe perguntasse, admite que “não saía por aí levantando bandeira”. Em decorrência da criação da empresa, a mudança de postura. Inicialmente oriunda da circulação nas mídias junto a sua sócia, posteriormente como valor em si. Sobre momentos de sentimento negativos, Hanna retoma o aspecto profissional: “eu vi que, eu tive, eu fiquei muito triste porque percebi que é um mercado muito complicado que o acesso às lésbicas na questão de livros, é difícil. Elas querem, mas não querem, sabe? Elas não querem pagar”, salienta.

Ao lhe pedir para me explicar melhor sobre o assunto, a editora afirma ocorrer uma confusão, por parte do público consumidor, da “questão comercial” com uma “assistência social”. Hanna diz que em razão de ter muitas pessoas incapacitadas de se resolverem sexualmente, não conseguindo diminuir conflitos, procuravam a Malagueta “como uma válvula de escape, como um socorro. Só nesse aspecto, não chegar lá, comprar um livro, ler o livro e depois conversar sobre isso, entendeu?”, me explica. Ao avançar nesta lógica, utiliza do exemplo de Jacqueline que estava no sarau no dia anterior e com sua companheira na lanchonete em seguida e hoje no restaurante:

[As pessoas] Confundem um pouco as coisas. Quando acontecia, por exemplo, como a Jacqueline, de chegar lá e dizer “Eu tô num conflito porque eu quero sair do armário e num consigo, a minha namorada não quer e tal, o que é que eu faço?”, eu falei: “Compra os livros, lê, depois a gente conversa”. Tudo bem, ela fez isso. Comprou os livros, ela leu, a gente conversou. Mas em varias situações não acontecia isso. A pessoa nos procurava para só desabafar. Quer dizer, é claro que eu não vou dizer “Vá embora, eu não sou assistente social, não sou psicóloga”, nunca fiz isso, sabe. Mas a Editora tem o aspecto comercial, tem que vender livro pra sobreviver. Se eu não vender, eu não sobrevivo. E é o que aconteceu, não consegui, nós não conseguimos fazer a Malagueta girar em termos comercial, e nós estamos fechando por causa disso. A gente não tem como manter a Editora. Nós não temos apoio oficial, não temos apoio privado, o dinheiro era só nosso, meu e da Laura. Nós bancamos a Editora durante oito anos. O dinheiro acabou.

Ao refletir sobre estes oito anos de atuação, Hanna assinala não compreender o público que, embora acredite necessitar da Malagueta, não conseguiria reconhecer sua importância. “E boa parte das lésbicas tem a questão da homofobia internalizada, não se aceita como lésbica. Quando você não se aceita, você não consegue comprar um produto direcionado pra você, porque você diz ‘Eu não preciso disso’”, pondera. A empresária relata seu desânimo toda vez que, ao conversar com outras lésbicas, estas lhes diziam não necessitar “desse tipo de livro”, salientando que, embora tenha prazer como livros que não tratem de lesbianismo, não sinta o mesmo prazer na leitura destes por faltar identificação:

Filmes também, eu vejo filmes que não são só filmes LGBT. Adoro cinema, vou ver tudo. Mas quando eu vejo um filme com a temática gay ou lésbica, eu saio muito melhor. Poxa, alguém foi lá, teve o trabalho de fazer, de selecionar um ator, de ter cuidado com o roteiro. Pra mim, tem a ver tudo comigo. E eu vejo filmes gays e lésbicos e trans no mesmo patamar. Eu gosto de ver algo com o qual eu consiga me identificar. Tem gente que não se importa com isso, mas eu me importo. Eu achei que a maioria se importava, mas não é verdade.

Ao aproveitar o gancho para lhe indagar sobre o filme da Cassandra Rios, sou informado de que, embora seja um projeto pessoal, sua concepção originou-se no bojo da Malagueta, mais especificadamente dentro dos saraus. Hanna me conta ter descoberto Cassandra logo após a leitura do livro de Carmem L. Oliveira. A partir daí, munida de fascínio “pela ousadia, pelo pioneirismo”, diz tê-la levado para ser lida nos saraus e constatado o desconhecimento, por parte das meninas, acerca da escritora. “Eu disse: meu

Deus do céu! A mulher era lésbica, você gosta de livro, como você nunca ouviu falar em Cassandra Rios?”, conclui de modo enérgico, endossando a revolta como motor para tomar uma atitude mediante o fato observado.

Tendo pensado em escrever uma biografia sobre a autora – “Porque não tinha nada no Brasil” –, declara ter recuado com base em outra assertiva apreendida de sua experiência no mercado editorial: a de que “as lésbicas não leem”:

A gente não consegue vender livros. Nós estamos na era da imagem. E eu sabia que havia um edital do Proac, da secretaria do governo do Estado, direcionado a produtos LGBT, dentre os quais filmes. Me inscrevi, fiz o projeto da Cassandra dizendo o que eu ia abordar, qual era a proposta, me inscrevi no edital e ganhei. Aí eu fiz esse filme com apoio do Proac que é o programa de apoio a produção cultural do governo do Estado de São Paulo. E não deu. Eles dão dinheiro, mas dinheiro curtinho. Eu gastei do meu bolso pra fazer muita coisa.

Hanna confirma ter pagado do próprio bolso a legenda em inglês do filme com fins a participar de um festival de cinema em Paris. Ao chegar lá, conseguiu a legenda em francês por parte do evento que havia lhe pagado apenas a hospedagem. Sobre essa experiência, discorreu-me empolgadamente sobre o sucesso do filme na França. “As sapatilhas francesas, na Europa, ficaram enlouquecidas com a Cassandra”, afirma. Ao lhe perguntar sobre a repercussão no Brasil, a documentarista a classifica como fraca:

Eu considero que a repercussão foi muito abaixo da sensação que eu tive fora do Brasil. Porque eu fiz alguns eventos divulgando a Cassandra no interior do Estado de São Paulo, inclusive no Rio Grande do Sul eu participei de dois eventos bem legais direcionados ao público LGBT, e eu não tive o público que eu tive lá fora, não tive, assim, o retorno emocional e mesmo de interesse que eu senti lá fora, eu não tive no Brasil. Infelizmente, isso me deixa muito triste. Quando as pessoas souberam que eu tinha ido a Paris, perguntaram: “Ai, Hanna, que legal e tal”. Eu disse: “Olha, realmente foi muito legal”. Mas eu acho, no meu modo de entender, que eu ficaria muito mais feliz se a repercussão aqui no Brasil fosse maior, porque a Cassandra era brasileira.

Hanna tece críticas ao público nacional e ao que denomina como ausência de memória com relação aos grandes escritores nacionais. Tendo optado na realização de um documentário sobre uma escritora específica por vislumbrar melhor modo de difundir o conhecimento a seu respeito, revelava novamente o mesmo e velho problema: ausência de interesse. “Eu sou muito preocupada nisso, em saraus, em falar de lésbicas importantes na História, de lésbicas que marcaram a literatura na História”, me revela, ao elencar uma série destas: “Eu falei de Djuna Barnes, falei de Radclyffe Hall, elas não sabem nada, elas não sabem nada, entendeu. Eu sempre me preocupei em saraus em transmitir”. A editora faz um resgate do momento em que me narrou, no evento de sábado, sobre a ida ao Rio de Janeiro e o estarecimento mediante ao desconhecimento das lésbicas nascidas no Estado sobre Lota Soares. “Eu falei: ‘Meu Deus, em que mundo vocês vivem?! Eu tenho de sair de São Paulo pra vir pro Rio de Janeiro dizer pra vocês que esse lindo, esse parque maravilhoso, foi feito por uma sapa!’”. De volta à literatura, enuncia:

Não é só relacionada à Cassandra na literatura. Se perguntar a esse povo aí sobre Érico Veríssimo, Graciliano, Pedro Nava, Mário de Andrade, que vai ser homenageado na Flip esse ano, né, finalmente uma homenagem LGBT na flip, eles nem sabem que Mário de Andrade era gay. Eu coloquei no meu *Facebook* que finalmente a Feira Literária Internacional vai fazer uma homenagem LGBT, o povo falou: “Como, Mário de Andrade era gay?”. O povo não lê nada, o povo não sabe nada.

Pergunto a Hanna se ela e Laura nunca haviam pensado em submeter os livros ao Programa de Ação Cultural (Proac) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Ela me diz que não, sendo a principal razão o risco de intervenção de outras pessoas sobre os contornos editoriais assumidos por sua empresa. “A gente publicou dez livros, o dinheiro acabou”, pontua, ao completar que eram “uma Editora mesmo, né, Editora”. A ênfase se refere a modelos adotados como divisão dos custos entre Editora e autor ou financiamento total por parte deste último. “Não, a gente bancava, a gente bancou tudo. Tudo isso daqui”, completa, ao pegar um dos livros que eu havia levado para o encontro e residia sobre a mesa, “isso aqui custa dez mil reais pra você fazer, um livro desses”. A

empresária afirma que o valor mencionado só era possível, ademais, “enxugando, porque a Laura conhece muita gente do mercado”:

Muita coisa ela faz, muita coisa eu fiz. Quer dizer, a gente enxugou em termos de profissional. Porque se você fosse bancar absolutamente tudo, um livro hoje em dia não sai por menos de 15 mil reais, envolvendo todos os profissionais. Você tem revisão, tem diagramação, tem capa, tem gráfica, assessoria de imprensa, lançamento, logística. É uma estrutura. (...) você tem de distribuir. Tem que estar nas livrarias, tá na Cultura, na Blooks, tá na Travessa, no Rio. Você tem de fazer evento, divulgar, viajar. A gente bancava tudo. Nós fizemos dois eventos na Flip em paralelo, na Off-Flip, que nos recebeu de braços abertos. Foram eventos maravilhosos, mas nós bancamos tudo. Nós que levamos autores, pagamos pousada pros autores. Fazíamos eventos lindos, maravilhosos.

Hanna aponta ter sentido dificuldades no mundo dos livros desde o início. Aponta o fato de não ser do mercado editorial, o contrário de Laura, e que sua aprendizagem se deu através da atuação na Malagueta. “Mas eu achei, como eu sou uma pessoa muito persistente, muito insistente, teimosa, eu falei ‘eu vou conseguir’, sabe, eu tinha na cabeça que eu insistindo eu ia conseguir”, confessa ao me relatar seu desejo por pular barreiras. “Quando eu sentia um preconceito, às vezes eu ia numa livraria oferecer os livros, as pessoas faziam cara feia. ‘Esse tipo de gente não entra aqui’. Várias vezes ouvi isso. ‘Mas porque não?’, e batia boca”. A empresária relata ter ido inúmeras vezes às livrarias conferir se os seus livros estavam lá. “Sempre que eu chegava, eu não dizia que eu era da Malagueta”, informa, ao concluir ter constatado que na maioria destes espaços, os livros residiam em lugares de difícil acesso e localização. Ao perguntar aos funcionários das lojas sobre as razões para aquele ordenamento dos impressos, pontua que ninguém sabia lhe responder. Conta também ter estado em uma livraria no Rio de Janeiro e de sua revoltada em decorrência dos livros LGBT estarem na sessão de psicologia:

Eu falei: “Psicologia? Como psicologia? Não é psicologia, é literatura LGBT”. “Ah, eles estão lá no setor de psicologia”. “Mas porque no setor de psicologia?”. “Não, porque aborda sexo, aborda gente com problema”. Eu ouvi isso, de uma fulana que trabalha em uma livraria no Rio de Janeiro. Eu falei: “hã?”.

A editora pondera ter se deparado com situações próximas em outros países latino-americanos. Após ter entrado em uma livraria em Montevideu, no Uruguai, para saber o que havia de literatura no país e perguntado ao vendedor sobre livros lésbicos, conta da entrega por parte deste de um único título. Mediante o espanto, lhe indagou sobre o motivo de só haver aquele livro, ao que foi respondida com a assertiva de que “aqueles tipos de livros eram difíceis de encontrar em livrarias”. “Como assim esse tipo de livro?”, repete-me Hanna, tal como teria perguntado ao vendedor, “Esse tipo de livro vende aonde: no açougue, na farmácia? Isso é um livro que aborda personagens homossexuais.”.

“A Gabriela Mistral, por exemplo, foi uma que eu não me conformo. Eu briguei, imagina, eu, uma brasileira, brigando no Chile.”, assegura, rindo, ao me narrar sua ida ao Chile com Laura e se recusado a silenciar sobre seu desacordo com a situação: “Eu falei que achava um absurdo os chilenos ficarem escondendo a lesbiandade dessa mulher! O que é que é isso?! A mulher foi a primeira mulher latino américa a ganhar um Nobel de literatura. E daí que ela era sapa, porra!”, repete, ao descrever que havia entrado em uma livraria próxima a uma universidade e perguntado sobre a existência de alguma obra que falasse da vida da escritora. Alega que “meias sapinhas” ter-lhe-iam olhado e, as reconhecendo como um casal, revelado a existência de um livro de cartas trocadas entre a autora e sua namorada. “Eu preciso entender! Tem a ver comigo!”, endossa, ao recompor seu pensamento à época e alegar ter comprado o livro mesmo não lendo tão bem em espanhol.

Na Patagônia, lugar em que Mistral teria atuado como professora, a editora recorda das conversas trocadas com moradores nas quais todos lhe contavam que a escritora nunca havia se casado por desejo próprio. Em seguida, me informa ter descoberto sobre a sexualidade da autora em uma livraria, na cidade de Santiago, ao dar de cara com um álbum de fotografias desta com a companheira. “Nem eu sabia. Já tinha ouvido falar na Gabriela, mas não sabia que ela era lésbica”, me revela, ao completar que a partir daí foi que passou a tentar ler algo sobre o assunto e não localizar. “E hoje em dia a cara dela é a cara de uma cédula de dinheiro chileno. Era uma lésbica, porra! Ganhou o Nobel de literatura. A Elizabeth Bishop ganhou um *Pulitzer*. A Elizabeth falava, ela não escondia né?! Mas, meu, a sapataria causando aí, cara”.

“Tem que falar!”, me repetia algumas vezes Hanna. Em especial, quando se referia as homossexuais mais novas. “Tem de saber, eu acho que tem de saber. Você pertence a uma minoria, uma minoria que é maltratada, perseguida, que sofre preconceito”, completa ao ponderar ser este conhecimento ao mesmo tempo para si, de si e artilharia contra o preconceito. “Você tem de saber os bons, quem são os bons?! Você tem a obrigação de saber!”, endossa mais uma vez, batendo incisivamente com a mão sobre a mesa, “Eu acho que você tem a obrigação. Tem gente que acha que é uma bobagem. Eu não acho, eu acho que tem, tem que ter cultura, tem que ter argumento, tem”.

Embora todos estes episódios, mas também outros, terem ocorrido em livrarias, a empresária alega que as negativas – tanto para exposição e venda, quanto para organização espacial dos livros LGBT – não se concentravam apenas nestes espaços, mas também nas Editoras, residindo aí o diferencial que impulsionou a criação de sua empresa cultural:

Na verdade, a Malagueta também surge no mercado, justamente, porque várias autoras lésbicas tentam publicar os livros através de médias e grandes Editoras e elas não são aceitas. Livros de boa qualidade literária, eu diria que todos da Malagueta tem boas qualidades literárias. Uns mais, outros menos. Mais havia um critério. Nós recebíamos muitos originais, muitos, eu li muitos originais. Eu li vários, a Laura leu vários, nós recusamos vários. Alguns a Laura tinha a paciência e o trabalho de sentar e fazer um parecer, falar: “Olha, se você fizer isso, isso, isso, isso, a gente publica”. Algumas faziam; outras não. “Quero que publique desse jeito”, então a gente não publicava. Mas se elas mandam pra essas Editoras que tão no mercado, quase nenhuma, publica acho que nenhuma publica. A única que publica que é de grande porte, mais ou menos, é a Summus que tem o selo GLS, que é um pouco mais aberta, tem gente trabalhando lá que trabalhou com a Laura, que sabe que é importante você publicar, que existe um mercado, que não é um mercado maravilhoso, mas vai lá, publica.

A sensação, neste ponto de nossa conversa, é de um misto de sentimentos por parte de Hanna. Ao mesmo tempo em que avalia a importância de movimentar um espaço que estava até então paralisado, retoma a não compra e valorização do produto por parte daqueles que seriam seu “público alvo”. Ao fim, se diz tranquila por ter feito sua parte, embora triste:

Mas é uma semente, eu não vejo isso como uma derrota. É, vejo isso como um ganho, é sempre um ganho. Tá lá, os livros vão ficar, os livros estão aí, quem quiser, tem aí. Os programas d'As Brejeiras está gravado, você põe no *youtube* e você vê. Tem um monte de coisa que eu falo no programa, falo da Cassandra, falo do mercado, falo de tudo.

“Nós atendemos a sua expectativa?”, me pergunta Hanna, antes de eu encerrar nossa conversa. Mediante a sua única indagação, decido lhe contar sobre meu encontro com o livro de Carmem L. Oliveira. “De que signo você é”, me interrompe. Ao lhe responder ser de capricórnio, silencia. Com a nítida sensação de ter fornecido uma informação a meu respeito cuja valoração – positiva ou negativa – não me era devolvida, opto por retornar ao que estava dizendo. Termino por mostrar uma foto do livro registrada em meu celular.



Figura 17: Capa de *Flores Raras e Banalíssimas*

“Essa figura na Laselva, quando eu vi, eu fiquei enlouquecida, Nathanael”, vociferou Hanna logo após o término de minha fala ao ver a imagem. “Eu falei assim: ‘Deixa eu ver se eu acho algum livro interessante’. Quando eu vi esta figura, eu falei: ‘Gente, o que é isso!?’”. Hanna me informou ainda ter conhecido a autora do livro que, embora muito doente, havia ido a um dos saraus. Cenas que deixamos suspensas para novos encontros.

A editora Brejeira Malagueta foi um projeto de um grupo de mulheres, tendo à frente Hanna Korich e Laura Bacellar, que teve início em agosto de 2008 e durou até 2015.

A ideia era dar voz às lésbicas, que em geral não encontram muitas editoras interessadas em publicar obras com esta temática específica. Em 2007, por exemplo, ano anterior à nossa vinda ao mundo, nenhum único título que abordasse o lesbianismo foi publicado no Brasil, traduzido ou nacional, entre os mais de vinte mil novos títulos lançados aquele ano. Há apenas uma centena de títulos em catálogo que falam de mulheres homossexuais, entre mais de quatro milhões de obras disponíveis no mercado...

Publicamos dez títulos (que se encontram à venda aqui no site) de autoras brasileiras, dois de não-ficção e oito histórias de amor em que é possível a felicidade das personagens homossexuais.

Achamos importante tanto falar de lésbicas de maneira aberta, sem discriminação, quanto imaginar alternativas de vida possíveis e felizes. Afinal, nada acontece sem que antes tenha sido imaginado, e se queremos que mulheres homossexuais sejam cidadãs plenas, temos que antes imaginá-las assim.

Fizemos todo o possível para divulgar essa cultura que acreditamos tão necessária: mais de cinquenta eventos gratuitos, em várias cidades do Brasil, para o qual convidamos escritoras lésbicas não só publicadas por nós como por outras editoras e autopublicadas para falar de suas obras e ler trechos.

Convidamos as mulheres presentes a participarem e lerem seus próprios textos em saraus variados.

Fizemos 60 programas de entrevistas e comentários sobre todo tipo de produção cultural lésbica, o canal As Brejeiras.

Convidamos a encontros e discussões em nossa sede em São Paulo. Fizemos brincadeiras e provocações, como participar da Off Flip por dois anos e montar um festival de literatura lésbica na pequena cidade mineira de Gonçalves, também por dois anos.

Só que querer que uma editora de literatura lésbica dê retorno suficiente para se manter talvez seja uma ideia romântica demais para este momento.

Não conseguimos sustentar a editora, ainda que tivéssemos fãs e amigas que muito nos ajudaram.

Assim, vamos dar uma pausa em nossas atividades, na esperança de que as mudanças que estão em curso no Brasil continuem e que venhamos a ter uma cultura diversa e inclusiva, que acolha e sustente artistas e escritores lgbt.

Temos fé que muita gente vai fazer coisas lindas também! As lésbicas, afinal de contas, têm fogo nas veias e coragem de montão, a começar por Cassandra Rios, que apostou a vida em histórias de grande visibilidade para nós todos.

Temos esperança de que daqui a pouco tempo alguma jovem fique indignada de não ter livros como gostaria de ler e que inicie uma editora fantástica, cheia de personalidade, que caia no agrado de outras jovens leitoras...

Estamos na torcida, vão lá garotas do século 21!

E você que nos lê, por favor atente: quando aparecer algo dirigido a você, feito por uma lésbica que se esforçou em escrever ou criar ou lançar, dê seu apoio. Compre, divulgue, elogie. Só assim haverá mais cultura para nós.

Figura 18: Reprodução da carta de encerramento das atividades da Editora Malagueta.

Poucos dias após meu retorno de São Paulo, as proprietárias da Malagueta emitiram uma carta de encerramento das atividades em seu site⁵⁰. No mesmo dia, 6 de fevereiro de 2015, Giselle Jacques, então editora-chefe da Editora Escândalo, localizada em Porto Alegre, voltada para “livros gays”, também comunicou o fim da empresa que, de início, eu havia cogitado enveredar. Permaneci mais uma vez envolto de certo *pessimismo sentimental*. Era preciso, contudo, repensar projetos, intenções, iluminar esquinas percorridas intuitivamente ao aguardo de ilhas que se desmanchavam. Mas o “fim” não era o fim.

⁵⁰ <http://www.editoramalagueta.com.br/editora3/index.php/2012-10-31-19-53-36/quem-somos.html>
Acessado em 06/02/2015.

Considerações Finais

“Imaginar ilhas, construir esquinas”. Se fosse possível resumir esta dissertação, assim o faria. Ela marca a tentativa de circunscrição de um objeto bem como a construção de um campo, ou melhor, de um “mundo” que sempre considerei muito estimulante. Apresentar os percalços, as tramas e os atropelamentos do percurso me parece cruciais para refletir sobre o processo de apreensão e análise de fenômenos sociais por meio do arrolamento entre teoria e empiria. Ao vislumbrar uma série de discursos que afirmavam e defendiam a existência de “livros de literatura LGBT”, a pesquisa de dissertação teve como intuito buscar compreender a relação entre livros e pessoas conformadas por determinadas identidades sexuais e de gênero. Se de início pensei na investigação a partir de Editoras fundadas exclusivamente para esse objetivo, as dificuldades iniciais me levaram a incursionar em eventos de divulgação dos livros sobre esta rubrica. Passei a refletir sobre tais obras em sua vinculação a determinadas pessoas e não necessariamente as empresas culturais voltadas para sua feitura.

Assim, iniciei meu encontro não apenas com autores, editores e os próprios livros, mas também com toda uma literatura antropológica sobre a relação entre objetos e pessoas e o consumo enquanto cultura material – além das contribuições dos estudos de gênero e sexualidade e aquelas dos estudos sobre o livro e mercado editorial. Interessado nas reflexões postuladas por Durkheim & Mauss (2009) sobre os significados envolvidos no ato de classificar coisas e pessoas, busquei entender os processos e modos com que os sujeitos abarcados por esta pesquisa classificavam as obras por eles produzidas em relação àquelas produzidas por outros. Precisei recorrer também às contribuições de Alfred Gell (2009, p. 245) que formula como objetivo de uma Antropologia da Arte a investigação sobre os contextos sociais de produção, circulação e recepção das obras de arte em detrimento a uma avaliação destas especificamente por seu caráter de obras de arte, sendo esta a função do crítico. No meu caso específico, muitas foram às vezes em que tomei de imediato o termo “literatura” como algo natural e associado à ideia do que seja “o literário” e “a ficção”. Foi preciso apreender que estas eram, em si,

construções específicas que eu deveria desnaturalizar com fins a evitar limitações e investidas analíticas que acabassem por me levar a classificar e separar, atos que eram justamente o ponto inicial de minha curiosidade científica. Deste modo, pensar uma abordagem antropológica que desse conta de analisar o modo como simplesmente “os livros” eram apresentados discursiva e materialmente exigiram o cuidado de não rotulá-los, separando-os ou recusando-os segundo meus próprios critérios de gosto. Também precisei entender as contribuições reflexivas de outras áreas disciplinares como objeto mesmo da investigação, o que tornou o aumento do trabalho de investigação inversamente proporcional ao tempo disposto. Acredito que a etnografia aqui presente visou dar conta de apontar para várias formas de classificação dos livros sobre a rubrica LGBT, suas justificativas e estratégias. Igualmente assinalo para inúmeros reordenamentos de sentidos de siglas e termos surgidos no bojo dos movimentos sociais compostos por indivíduos lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em prol de direitos civis no país. Em menor grau, ofereço indícios para conjecturar tensões sobre o que seja “literatura” e suas divisões em gêneros narrativos e textuais pretensamente fechados.

Se a crítica literária Eliane Robert de Moraes (2008) apontou para a emergência da categorização de uma “literatura gay” apenas a partir dos anos 1990, antropólogos e historiadores dos estudos gays e lésbicos (FACCHINI & SIMÕES, 2005, 2009; FRANÇA, 2006; GREEN, 2000) postularam a existência de tais produções em jornais e revistas vinculados ao “movimento homossexual” que no Brasil surge nos anos de 1970. Para mim, tais reflexões apontam para distintos espaços de circulação, onde a consideração da crítica literária encontra-se assegurada pela captura do debate em ambientes consagrados pelo campo literário nacional, e as produções históricas e antropológicas destacam segmentos alternativos, espaços “não literários”, mas frequentados pelas denominadas minorias sexuais.

Isto não quer dizer que a explicitação escrita do desejo afetivo e sexual de/por pessoas do mesmo sexo enquanto temática não estivessem presentes na literatura nacional. Em *Topografia do Risco: O erotismo literário no Brasil contemporâneo*, Eliane Robert de Moraes expõe tal presença ao traçar um

instigante percurso destes desejos presentes numa “literatura obscena” produzida a partir do final dos anos de 1970 até o final dos anos de 1990. O que minha dissertação permite entrever, a partir, sobretudo de Laura Bacellar, é como estes dois universos confluem da última década do século XX até o encerramento de suas atividades editoriais para este segmento em janeiro de 2015. Vale lembrar, como analisa França (2006), que é nos anos 1990 que ocorre a vinculação do movimento de homossexuais organizados com o mercado, expressa pela adoção da sigla GLS. Laura Bacellar, militante lésbica e editora de inúmeras empresas culturais de relevância nacional, passa a impulsionar uma “literatura GLS” fortemente marcada pela publicação de títulos que destacassem a correlação entre identidade sexual e obras literárias. Sua trajetória, junto à de Hanna Korich, a envolve dentro do objetivo de promover uma literatura lésbica na qual a relação com os movimentos sociais revela-se fortemente associada e refletida na analogia entre texto e vida. A etnografia do sarau de literatura lésbica teve como cerne refletir sobre como as trajetórias individuais das duas empresárias, envoltas no contexto histórico do surgimento da militância homossexual no país, conformam ações coletivas via produção, circulação e consumo dos livros produzidos, tentando instaurar moralidades, formas de sentir e de gostar. Se o valor das coisas é conferido pelas pessoas e está sujeito à variação de sua posição em meio aos demais objetos que lhe complementam, busquei capturar os objetos em fluxo para “encontrar a informação que ele transmite, como se fosse um rótulo indicando uma coisa”, visando “captura[r] todo o espaço de significação em que os objetos são usados depois de comprados” (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2013, p. 41).

As obras por mim investigadas nas atividades pelo Rio de Janeiro apontam para características semelhantes e diferentes daquelas apreendidas em São Paulo. Diferem-se na tentativa de assumir-se enquanto obra LGBT sem restringi-la às pessoas abarcadas pela “sopa de letrinhas”, preocupação não encontrada em São Paulo. Foi também com a ajuda dos teóricos do consumo que minha análise sobre esta empreitada tendeu a não abalizar tal intuito com olhares condenatórios, mas como estratégias de ampliação e difusão da representação de personagens LGBTs no mundo dos livros. A construção das obras, vinculada à construção de si, me permitiu observar

distintas ações sem hierarquizá-las. Destaco a atenção para um duplo movimento de mediação: o primeiro, no que compete à seleção, por parte dos *profissionais dos livros*, das formas e conteúdos autorizados a compor os objetos ensejados sobre a rubrica LGBT e a distribuição destes na dinâmica social (SORÁ, 1994); o segundo no modo como estes mesmos objetos operam como *mediadores* da experiência daqueles que os constroem. Significados partilhados, diferenciações produzidas, mais do que uma prática social, pensar o consumo nos termos de Miller (2007, 2013) me permitiu revelar a forma com que as pessoas se relacionam com o mundo e consigo, de apreendê-lo. Os livros, tomados enquanto *fato social total* (MAUSS, 2003), possibilitaram-me a apreensão de trânsitos entre o individual e o social, o psicológico e o fisiológico, apontando para valores morais, estéticos, econômicos, políticos, religiosos e afetivos em voga em determinados períodos e contextos, repletos de maleabilidade e constante *devir*. Identidades de gênero, identidades sexuais e identidades profissionais imbricam-se em um universo que não pode ser reduzido a dimensões estanques, o que permite atentar para a flexibilidade destas. Penso que o primeiro capítulo, sobretudo, permite evidenciar esta assertiva que coaduna com as proposições de Stuart Hall (2011) e Fredrik Barth (2005), a saber: aquelas que apontam para o fato de que as construções identitárias não se encontram encerradas em si mesmas; os processos de suas elaborações encontram-se mergulhados em contextos específicos, em negociações relacionais, em um jogo de estratégias passíveis de serem apreendidas nas trocas.

Ao enunciar e dar voz as inúmeras formas de ver, sentir e dizer sobre si, a homogeneização ou controle do termo “Livros de Literatura LGBT” torna-se impossível. Sua vinculação às características de seus produtores se dá em muitos casos e com objetivos diversos: de um lado para a assunção de uma linhagem, *status* ou prestígio; do outro lado, para firmar recusa e oposição com fins a diferenciações estilísticas que atinjam o máximo de leitores possíveis. Não tive como finalidade buscar respostas ontológicas, mas processos, relações por meio das quais o livro é apropriado como sendo ou não sendo LGBT. Pensar a circulação deste objeto me permitiu pensar a circulação de ideias e pessoas, sendo eu uma delas. Deste modo corroboro com a

perspectiva de Isadora Lins França e de demais antropólogos voltados para a reflexão acerca da vinculação entre sujeitos e materialidades, ao afirmar que as “fronteiras entre pessoa e objetos são borradas pelo processo de apropriação no qual a posse de objetos vem a ser parte da personalidade do sujeito que as adquiriu” (FRANÇA, 2012, p. 31). Formas de experienciar o mundo manifestas nas categorias de pensamento, nos modos de classificá-las, esta é a questão aqui disposta. Certamente não teria me detido para esta gama de instabilidades se não tivesse começado a incursionar em eventos pelo Rio de Janeiro. Aquilo que considerei um treino para quando chegasse à “ilha”, em São Paulo, me possibilitou traçar “esquinas” cujas complexidades analíticas hão de requerer muito mais tempo para elaboração e sedimentação teóricas do que disponho no momento.

Referências Bibliográficas

AGUIÃO, Sílvia. **Fazer-se no "Estado": Uma etnografia sobre o processo de constituição dos "LGBT" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2014.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, 1996: 161-190.

APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas:** As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.

BARCELLOS, Marília de Araujo. As pequenas e médias editoras diante do processo de concentração: oportunidades e nichos. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil:** Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. **Antropolítica**. Niterói, n. 19, p.15-30, 2005.

BASTIDE, Roger. A Propósito da Poesia como Método Sociológico. **Cadernos, São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, n. 10, 1ª série, p. 75-82, Nov. 1977.

BECKER, Howard S.. **Mundos da Arte.** Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

_____, **Truques da Escrita:** Para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia.** São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

BOSI, Bosi. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte:** Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGANÇA, Aníbal. A constituição do campo interdisciplinar de estudos do livro e da história editorial no Brasil (1900-2000). Um percurso bibliográfico. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia. (Org.). **Comunicação, Acontecimento e Memória.** São Paulo: Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, v. 1, p. 79-94, 2005.

BUTLER, Judith. 2010. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: Ferreira, M. M. e J. Amado (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 140-141.

CHARTIER, Roger. **A Mão do Autor e a Mente do Editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CLIFFORD, James. Colecionando Arte e Cultura. In: **Revista do Patrimônio**, n. 23, 1994

_____. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DARNTON, Robert. O Que é A História do Livro? In: **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Carla. **Panela de Barro Preta: Tradição das paneleiras de goiabeiras, Vitória-ES**. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006.

_____. A Produção de si na fabricação de objetos materiais. In: REINHEIMER, Patrícia; SANT'ANNA, Sabrina Parracho (Orgs.). **Manifestações Artísticas e Ciências Sociais: Reflexões sobre arte e cultura material**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DURKHEIM, E; MAUSS, M. **Algumas formas primitivas de classificação**. In: MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ECOS COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE. Caderno: Escola sem Homofobia. **Kit Escola sem Homofobia**, 2010. Disponível em <http://www.ecos.org.br/index2.asp>. Acessado em 06 de Fevereiro de 2014.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____; FRANÇA, Isadora Lins. De Cores e Matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. n. 3, pp. 54-81, 2009.

_____; SIMÕES, Julio Assis. **Na Trilha do Arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2009.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu** (17/18), 2001.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade da Esquina**: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Julio Assis. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo; participação de Jose Fabio Barbosa da Silva... [et al.]. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes**: O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS/Unicamp, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares**: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Unicamp, 2010.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, n. 13, pp. 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, pp. 3-21.

GELL, Alfred. Definição do Problema: A necessidade de uma antropologia da arte. **Revista Poiésis**, n 14, pp. 243-261, 2009.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUTIÉRREZ GIRALDO, Rafael. Las intervenciones críticas de Roberto Bolaño: El escritor como estrategia en el combate literario. **Cuadernos de Literatura**, pp. 310-331, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**: Sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) **O Que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

HEINICH, Nathalie. La gloire de Van Gogh. **Essai d'Anthropologie de l'Admiration**. Les Éditions de Minuit, Paris, 1991.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das Coisas: A mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

KUSCHINIR, Karina. **Dez Lições para a Vida Acadêmica**. Disponível em: <https://karinakuschnir.wordpress.com/2014/03/13/dez-licoes-da-vida-academica/> Acessado em março de 2014.

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARCELINO, Douglas Áttila. **Subversivos e Pornográficos**: censura de livros e diversões públicas nos anos 1970. Rio de Janeiro: arquivo nacional, 2011.

MAUES, Flamarion. **Livros Contra a Ditadura**: Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

_____. Teorias das coisas. In: **Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____: A Antropologia Digital é o Melhor Caminho para Entender a Sociedade Moderna. **Revista Z Cultural**, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/daniel-miller-a-antropologia-digital-e-o-melhor-caminho-para-entender-a-sociedade-moderna/>, acessado em 15 de julho de 2015.

MORAES, Eliane Robert. Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo. **Cadernos Pagu**. 2008, n.31, pp. 399-418.

MUNIZ DIAS, Roberto. **Editoras LGBTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva**. Dissertação de Mestrado em Literatura. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Carmen L. **Flores Raras e Banalíssimas**: A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

REINHEIMER, Patricia. **A Singularidade como Regime de Grandeza**: nação e indivíduo como valores no discurso artístico brasileiro. Tese de Doutorado em Antropologia Social – PPGAS/Museu Nacional – UFRJ, 2008.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana** vol 3 n 1 Rio de Janeiro, apr. de 1997.

SILVA, Leonardo Nóbrega da. **Projeto Gráfico como Projeto Editorial**: Um estudo de caso da editora Cosac Naify. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Simone. **As Rodas Literárias nas Décadas de 1920-30**: Troca e reciprocidade no mundo do livro. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **"A gente não esquece porque sabe o que vai dizer"**: Um estudo etnográfico da cantoria de pé-de-parede da zona da mata de Pernambuco. Tese de Doutorado em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SORÁ, Gustavo Alejandro. **Livros de uma Exposição**. Etnografia das bienais internacionais de livros do rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação de Mestrado, PPGAS – Museu Nacional – UFRJ, 1994.

_____. Tempo e Distâncias na Produção Editorial de Literatura. **Mana**. 1997, vol. 3, n. 2, pp. 151-181.

_____. **Brasilianas**: A casa José Olympio e a instituição do livro nacional. Tese de Doutorado, PPGAS – Museu Nacional – UFRJ, 1998.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de Contexto**: As ficções persuasivas da Antropologia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. **A Estrutura da Bolha de Sabão**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

_____. Pedra que Chora. In: **Conspiração de Nuvens**. Rio de Janeiro: Rocco. 2007.

TENNINA, Lucía. **¡Cuidado con los poetas!** Una etnografía sobre el mundo de la literatura marginal de la Ciudad de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/Instituto de Altos Estudos Sociais, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2011.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana** [online]. 2002, vol.8, n.1, pp. 113-148.

Livros Citados e Analisados:

CALLADINNI, Alexandre. **Por favor, me ajude!**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2011.

_____, [et al.]. **Censurado: sexo, taras e fetiches**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2013.

GUIMARÃES, Moisés. **La Polla Grandiosa**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

MUNIZ DIAS, Roberto. **Urânios**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

OLIVER, Ocelllo. **As Sete Cores que Amei**. [Não informado]: Alma G. Edições, 2014.

VIANA, Fabrício. **Ursos Perversos**: uma coletânea de contos pesados. São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

_____. **O Armário**: vida e pensamento do desejo proibido. 3. Ed. versão ampliada e revisada. Blumenau, Santa Catarina: Ed. do autor, 2007.

_____. **Orgias Literárias da Tribo**: nosso dia a dia, desejos e sentimentos. São Paulo: Ed. Orgástica, 2014.